

3000

9

R
E
V
I
S
T
A

— DA —
ACADEMIA
MATOGROSSIENSE
— DE —
LETRAS

1954—1955

OMOS XLIII—XLVI

NOS XXII—XXIII



1954/1955-43/46

30

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

DIRETORIA

1954 — 1956

Presidente de honra

D. Francisco de Aquino Corrêa

Presidente

Des.^{or} José de Mesquita

Vice-Presidente

Des.^{or} António de Arruda

1.^o Secretário

Prof. Francisco Ferreira Mendes

2.^o Secretário

Rubens de Mendonça

Tesoureiro

Dr. Luis-Philippe Pereira Leite

ENDEREÇO: Casa Barão de Melgaço—Cuiabá, Mt.

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

ANOS XXII—XXIII

1954-1955

N.ºS XLIII—XLVI

SUMÁRIO

CADEIRA N.º 20:

Sessão solene de posse do academico J. A. de Lima Avelino.

- I — Discurso do recipiendário.
II — Discurso de recepção—*Lenine Póvoas*.

POESIAS

- O cavaleiro da gravata branca — *D. Aquino Corrêa*.
Terra mater — *Rosário Congro*.
O Coração do Companheiro — sonetos — *José de Mesquita*.
Poemas da Saudade — *Oscarino Ramos*.
Catedral de São Paulo — *Wanir D. Cesar*.
Tres sonetos — *Alyrio de Figueiredo*.
Sonetos e haikais — *Rubens de Mendonça*.
A Matogrossense — *A. Tolentino de Almeida*.
Sonetos — *Hélio Serejo*.
Machado de Assis conhecido — *Antônio de Arruda*.
Blague ou no-sense de Papini — *Cesário Prado*.
Ela! — *Virgílio Corrêa Filho*.
O anti-imperialismo ficcionista de E. M. Forster — *A. Casemiro da Silva*.

A FESTA DA AMIZADE

- O sentido da homenagem — *Antônio de Arruda*.
Palavras de *Gervásio Leite*.
O folclore na obra de José de Mesquita — *Francisco Mendes*.
A poesia na obra de José de Mesquita — *Rubens de Mendonça*.
Palavras em nome da A. I. M. — *Augusto Mário Vieira*.
Alguns aspectos da vida e da obra de José de Mesquita — *Corsíndio Monteiro*.
O discurso de agradecimento do homenageado.
O fascínio da Amazônia — *Jaime de Vasconcellos*.
A Academia Matogrossense de Letras nos seus 35 anos — *José de Mesquita*.

CADEIRA N.º 27:

Centenário do patrono José B. de Mesquita (Senior).

- Discurso pelo Academia — *Francisco Mendes*.
Discurso em nome da A. I. M. de Mato Grosso — *Augusto Mário Vieira*.
Discurso do representante do I. H. de M. Grosso — *Gervásio Leite*.
Discurso do Presidente — *José de Mesquita*.
Carta da academica *Anna Luiza P. Bastos*.
Folhas de caderno — *A. Cesário Neto*.

CADEIRA N.º 7:

O falecimento do 2.º ocupante Alcindo de Camargo.

- Variações em fá sustenido — *Zozimo Lima*.

PÁGINAS FEMININAS

- Oração paraninfal — *Guilhermina de Figueiredo*.
Lisa — *Benilde Moura*.
Carta para minha filha — *Maria Dimpina*.
Rodar... Rodar... — *Maria Alzira A. Nunes Dias*.
Confiteor — *Colombina*.
Dos «Versos de muito amor» — *Sudra Vana*.
O poema do beijo — *Minerva Ferreira*.
Ressurreição — *Vivaldina Queiroz Martins*.

PÁGINAS DOS NOVOS

- Ode à vivência de um sonho — *Manoel A. D. Gralheiro*.
Segunda história de uns cabelos — *Newton Alfredo*.

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE

DE LETRAS

ANO: 1954-1955 — ANO: XXII-XXIII - N.º 43 a 46

CADEIRA N.º 4

Pouco antes de entrar em circulação esta Revista, que corresponde ao período bienal — 1954-1955 — mas se edita em 1956, ocorreu, a 22 de Março pp., em S. Paulo, o sentido passamento do Arcebispo D. Aquino Corrêa, fundador da cadeira n.º 4 e Presidente de honra da Academia Matogrossense de Letras. Embora sómente na próxima tiragem, dêste ano, lhe devamos tributar as homenagens a que fas jús, não podemos deixar, desde logo, de manifestar o profundo pesar que à Academia e a toda a inteletualidade de nossa terra, causou essa perda irreparavel, que todo o Brasil prantêa sinceramente.

CADEIRA N. 20
JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA
Sessão solêne de posse e recepção
do acadêmico
JOSÉ ADOLPHO LIMA AVELINO
a
13 de Junho de 1954

DISCURSO DE POSSE

PELO ACADÊMICO

JOSÉ ADOLPHO LIMA AVELINO

Seriam as palavras memoráveis, inscritas no portico do templo de Delfos, aquelas que melhor traduziriam a impressão do meu espírito, depois da hora de incerta lucidez, quando pretendi atingir esta enseada azul da inteligência e da cultura matogrossense.

Agora se me assalta e se avigora, toma aspéto alarmante, o temor por não ter conseguido elemento de força e de beleza, para o desempenho do mandato de que estou investido, tão grande que nem sequer carece de outorga.

Daí porque, senhores, podia ser de júbilo, de transbordante entusiasmo, de exaltação de espírito e pensamento para mim, este momento, se não fosse de inquietação pela preocupação de como a metamorfose de modesto magistrado para um literato, capaz de ocupar a cadeira iluminada, que por dispositivo regulamentar tendes de levantar o crepe da saudade que a envolve.

Daí porque, senhores Acadêmicos, está o espírito absorto na indagação de como chegar a êste primado intelectual, atravessar as colunas de cristal dêste templo, e pretender fundir-me na suavidade do vosso convívio, sem ouvir aquele *quid tu hic* de Isaias, interpelando a curiosidade profana que pretendia o templo da sabedoria.

Conta Ovídio, que Acteon, filho de Cadmo, se encontrava em um vale sombreado por pinheirais e ciprestes, depois de uma profícua caçada. Abria-se no fundo do vale uma gruta e no seu interior mormurava uma fonte serena, cujas aguas claras se espalhavam folgadoamente pelas margens do gramado odoroso. Aí costumava Diana tomar

banho, quando fatigada pela caçada, lhe apetecia refrescar suas formas castas. Chegou a deusa e com auxílio de suas ninfas, confiou ao segredo da fonte a belezas de suas linhas esculturais. Nesse instante, Acteon só, dirigiu seus passos errantes até a noite ignorada e penetrou na gruta. Fatigado, ficou absorto na contemplação do espetáculo divino que o acaso oferecia à sua curiosidade. As ninfas o viram; fugiram e encheram o bosque de gritos. Diana para castigar o curioso que ousou contemplar a sua impoluta nudez, o métamorfoseou em um animal; assim, o imprudente caçador poz-se a correr pelos bosques, até que foi devorado pelos cães da matilha da deusa.

Incauto assim também eu, por pretender embevecer-me na luz coada pelas arestas de diamante da vossa sabedoria.

Se os imortais de hoje tivessem a tirania dos de outra, se os seus espíritos não fossem uma floração, uma imensa polarização de bondade, certamente Júpiter teria descido do seu império com os seus raios flamejantes ou pelo menos, passível seria eu de uma crítica severa e justa.

Mas, senhores, a responsabilidade é da ignorância.

Não conhecia aquela velha lenda egípcia que aconselha não palmear a estrada flanqueada de colunas silenciosas, tostadas pelo sol, que lhe dá uma decoração de enfeitamento, onde ao fim, está o simbólico santuário da sabedoria, circulado de esfinges colossais, num mutismo enigmático, desafiando os simples curiosos que insistem em ali chegar, buscando soluções às interrogações que a natureza oferece ao entendimento humano.

E agora? Como entrar para o couvívio das vossas idéias; como comungar a hóstia pura do saber nas sagradas aras da vossa tolerância, se não posso fazer como Correio que ao contemplar a Santa Cecília de Rafael, proclamou, — também sou artista.

Que importa que para desempenhar o cometimento que a Academia impõe, tenha mergulhado o espírito na fonte da sabedoria dos gênios.

Que importa o embevecimento nas páginas inimitáveis da *Iliada*, onde está a alucinante descrição de Ecuba, arrastando o Rei Priamo para junto de seus altares, porque suas armas não os salvaram; nos discursos de Ulisses e Nestor, no congresso dos helenos; na *Divina Comédia*, no cântico místico e insondável de Dante, de Dante o excelso gênio da cristandade, que depois de guiar o poeta

mantuano pelos caminhos do Inferno, do Purgatório e do Paraíso, voltando a Verona. é pelas ruas da cidade apontado, — *ecco l'uom ch' stato all inferno*, — aí vai o homem que esteve no inferno; na impressionante descrição de Schiller sobre a beleza estética de Afrodite ou Venus, a densa dos jardins romanos; nas orações imperecíveis de Socrates e de Liseu; na musa de Goethe, nos versos imortais de Milton e Ariosto, ainda em Homero, na declamação com acentuação heroica da batalha de Nestor e Aquiles; no piedoso salmo do Ramáiana de Walmiki.

Que importa o deslumbramento dos versos arrogantes do Cirano e Aiglon de Edmond Rostand que a voz impressionante de Sarah Bernhardt arrulhou na Comédia Franceza, sobre os quais disse Vouagne, — não são um evangelho, mas, aproximam-se ao Cântico dos Cânticos.

Suguei, ávida e silenciosamente, êsses magníficos frutos das arvores dos gênios e nem assim o sol iluminou a minha inteligência.

Depois dessa perigrinação pelos páramos da sabedoria, deparei com André Maurois, ensinando que o biógrafo moderno não se deve limitar a expor e dar vulto à legenda que se criou em derredor de um nome. É de mister que, apoiado em testemunho insuspeito e documento insuspeitável, desenhe o retrato, a imagem exata do modelo, retocando-o, à medida que sinta pela sucessão dos fatos novos a necessidade imperiosa de o fazer. Ausência, porém, de tonalidades excessivas. Todo o escrúpulo para evitar exagêro. A vida nas suas arestas, nos seus prismas imutáveis, no seu cenário verídico, o homem como foi, na sua beleza ou na sua hediondez, laivado de imperfeições que não devem ficar à sombra, ou aureolado de virtudes que não convém ampliadas com colorido fictício do convencionalismo ou da mistificação.

Já agora, senhores, modificada está a minha angústia. Se não há necessidade de ornato, o elogio é fácil, porque tenho de falar sobre duas individualidades que, segundo a ética emersoniana, se irradiaram e se projetaram, pelos seus feitos e pelos seus exemplos, nas páginas luminosas da nossa história. É necessário, apenas, abrir o rosicler de suas vidas preciosas.

José Estevão Corrêa, patrono da cadeira n. 20, foi sem dúvida um dos homens de maior projeção da sua época, uma grande energia moral.

Jornalista, escritor, professor, poeta, foi também um grande orador.

Invoco, neste instante, a apreciação que sôbre êle fez êsse admirável panegirista José de Mesquita, na homenagem que lhe foi prestada na data centenária do seu natalício. «É a consagração de cem anos após a sua vinda ao mundo, de um homem benemérito do ensino, de um artista e, ao mesmo tempo, espírito de escol, que fez época na história da nossa instrução, a que prestou dedicadamente os melhores dos seus esforços». E prosseguiu em outras considerações êsse queimador de resinas aromáticas,

Há episódios que corporificam a têmpera, a enfibratura, a beleza moral da conduta humana.

Ulisses Cuiabano, êsse que foi uma cristalização de bondade, numa de suas conferências lapidares, conta um desses episódios da vida de José Estevão Corrêa, que retrata o seu estoicismo.

Disse êle. «Apesar de sua avançada idade, não faltava às aulas. Nos dias de chuva faziam os alunos feitiço para que não comparecesse à cátedra, como acontecia com os outros professores; mas, não havia temporal que o impedisse; ainda não terminado o anseio, surgia êle arrojado a chuva e a tempestade, nimbado da apoteose do cumprimento do dever, do homem de exceção, que não se subordina sinão às obrigações assumidas; os alunos exclamavam, — qual! o homem tem mesmo o corpo fechado!

É senhores, que a sua mentalidade de sociólogo, formador da consciência da mocidade, compreendia a gravidade do exemplo da desídia, da situação acomodatória, nos espíritos ainda em formação.

Essa a beleza dos seus sentimentos; a sua riqueza maior era constituída pela honra, pela dignidade.

Entendia como Ingenieros, para quem havia no mundo alguma cousa mais valiosa do que os prazeres materiais, melhor que a fortuna e preferível à própria saúde, — é a consagração à cultura, à inteligência.

Daí porque disse Victor Húgo, — «Há homens como o oceano; têm dêle o rugido, a majestade sublime, imponentes perspectivas, horizontes infinitos, murmúrios e tempestades, a potente modalidade da grandeza», homens que são como as águias, para as quais o sol é um encanto; passam à história como o rugido de um guerreiro homérico.

Era também uma consciência estética. A arte impressionava o seu espírito, fascinado pela glorificação da beleza.

A arte que é eterna santifica tudo, seja a plástica, modelando as figuras de ficção e das lendas; seja o pincel de Leonardo da Vinci divinizando num traço infinitamente delicado o sorriso da Gioconda, misterioso e unico para eternos enlêvos, eterna e misteriosa contemplação, seja o quadro de Fornarina apertando no seio lirial a cabeça radiosa e adolescente de Rafael, seja na interpretação de um trecho do Telêmaco de Boieldieu.

Cultivava a música. O seu lar era uma espécie de Orfeonato; seus filhos tocavam instrumentos diversos.

Cultivava a música que os artistas chamam a flôr da vida, pensamento articulado.

Só quem tem sensibilidade pode compreendê-la e interpretar as suas melodias que são o sentimento da alma.

Carlaly chamou a poesia sentimento musical. Só os artistas conhecem o seu segredo, penetram profundamente no interior das coisas, no coração da natureza e as vê musicalmente; sente uma harmonia, sua poesia, todo o poder do ritmo. José Estevão sentiu e interpretou a música.

Foi um sabedor a quem muito ficaram a dever os seus coetâneos, — um escritor que tinha colorido, graça, imaginação e eloquência primorosamente educadora.

Dele ficou a rica herança dos exemplos de um nobre proceder, cheio de amor e dedicação a família e à sociedade em que viveu. Foi, enfim, uma vida auriradosa, um espírito opulento de luz.

Podemos emoldurá-lo nesse trecho da Eneida: — Reflete sôbre ti mesmo e examina a tua alma. Se nela não encontrares ainda a beleza, imita o artista que aprimora a estátua até orná-la com todos os encantos da beleza. Tira de tua alma o que há de supérfluo, reage o que decaiu, purifica e ilumina o que ainda é tenebroso; não deixes de aperfeiçoá-la, até que dos teus refulja ela de sua divina claridade, até veres a temperança sentada a teu seio, com a pureza da sua integridade.

Viveu assim, viveu nobremente, refulgindo do seu espírito relêvos luminosos que o colocou bem alto na admiração do seu tempo.

Eis porque, senhores, a memória de José Estevão Corrêa, como um nume tutelar sobrevive purificada por entre a arcada dêsse Cenóbio de severidade e nobreza. Um outro nome avulta na exaltação dêste momento.

Corria o ano de 1886. Numa casa residencial da rua de Baixo, hoje «Sete de Setembro», aos vinte de dezembro,

abriu os olhos à luz do dia, um varão filho das núpcias abençoadas de Antônio de Paula Corrêa e dona Francelina Virgínia de Paula Corrêa e foi batizado pelo cônego Ferro, numa segunda-feira.

Estes assentamentos estão na última página daquela Bíblia de que falou essa espécie de apóstolo que por aqui passou em voos de condor, incendiando as planuras com as pinceladas de luz da sua inteligência, — Bianco Filho, êsse que pela bondade, antecipou a sua época, tinha de vir séculos depois, quando realizado estivesse o sonho filosófico de Platão, quando o homem já não seja o lobo do homem ou diábolo no sentido grego.

Seu pai, homem dedicado às letras, sobretudo às ciências jurídicas, notável causídico que foi, nobre e desvelado no lar, aproveitou o seu temperamento e modelou-lhe um caráter revelador da energia que nunca se abateu.

Educado por um progenitor assim, inteligente, vocação para as letras, havia de ser como foi um semeador de cristais da sua cultura e da sua inteligência.

Na profissão que abraçou por temperamento, pois era uma predestinação do didata, do argumentador imperturbável, grangeou afamados loiros.

Como Orfeu, que com os seus cânticos maviosos impressionava os bárbaros da Grécia, com as clarinadas das suas lições, atraía a atenção da mocidade que ficou a dever-lhe as benesses que a sua inteligência prodigalizou.

Na política foi de nobilitante e seguro critério e nela alcançou-se pela sua preparação literária, histórica e sociológica.

Deputado à Assembléia Legislativa, desempenhou sempre insigne mandato e a tribuna da Casa Legislativa teve muitas vezes arrebatamento; como no Sinai, onde flamejou o verbo da nova lei.

Nesta Academia a sua eloquência teve os remígios de águia. Percorrei os seus anais e vereis as florações que germinaram da sua imaginação, os revérberos de luz que gravitaram no seu cérebro.

Uma das mais impressionantes características do seu espírito, um dos seus maiores desvêlos, era pelo berço do nascimento; por êle todo o seu amor, toda a sua dedicação.

Um simples discurso de posse não comporta perquirir a evolução de todas as suas lutas, de todo o seu devotamento, de todo o abandono de si mesmo, em benefício da causa comum, de renúncia e de sacrifícios, no silêncio de tôdas

as abnegações, na oblação de tôdas as lutas, senão havíamos de o ver com tôdas as claridades, sobretudo quando defendia os nossos lindes em Goiás e representava Mato-Grosso na histórica e tradicional Baía.

Há um símbolo, senhores, que consubstancia, o esplendor, a grandeza do seu devotamento pelo torrão nativo, que os poetas chamam de pedaço de céu azul que nos prende e nos seduz.

O símbolo, disse Mallarmé,—*est une image que l'on emploie pour la representation d'une idée, grace a des secretes concordances, dont on ne saurait rendre compte analytiquement* ou ainda, segundo Almachio Diniz, «o trabalho do símbolo, uma concretização de idéias numa só imagem capaz de subjugar aspéctos diferentes de um só princípio, iluminará o novo cenário reluzente de raridades e preciosos suplicios».

Deputado num período tumultuário, de tempestade política, teve com outros deputados de recolher-se ao Quartel do 16 BC desta cidade.

A jocosidade das praças apelidou de peixes a todos êles, e, numa das suas luminosas palestras literárias, diz êle, — o meu foi de pacú, com que fiquei muito satisfeito, por ser um peixe eminentemente cuiabano.

Nesse símbolo, concretizou tôda a sua ideia, subjugou todos os aspéctos do seu amor à gleba que lhe foi berço.

O símbolo em que corporificou o berço, era para êle como o golfinho que carregou no dorso o deus Orion e ficou sagrado para os cantores.

A lembrança de Racine, já se disse, evoca Atalia, Ester ou Britânico.

Assim também a idéia do berço lembra sem dúvida Filogônio de Paula Corrêa.

Outro episódio revelador do seu temperamento pertinaz.

Vai ao Rio e visita o senador Azeredo que indaga da sua situação. Surge o diálogo. — Vim ao Rio e estou de volta.—Por que não fica aqui? É fácil arranjar-se uma colocação, um bom professorado.—Não, desejo voltar.—O que vai fazer? — Política contra Vossa Excelência. Com aquela suavidade de Eunêides, o espírito do bem, disse o amável Senador, — o que é preciso é harmonizar a política do Estado, por que não fica? — Não, vou ajudar o coronel, Pedro Celestino na política, e veio mesmo.

Homem de idéia e princípio, de ânimo e esperanças, de altivez e caráter, de grandeza de espírito e de pensamento, enérgico de ação e de amor pela verdade, dêle podia-se dizer como Calderon de Falkland, — era um advogado tão fervente da verdade, que teria mais depressa de roubar do que dissimular.

Era assim em todos os aspéctos da vida. Não importavam para êle as urzes, os espinhos da jornada; a trajectória traçada tinha de ser vencida; a todas as empresas idealizadas, dava cunho de severidade e perfeição. Entre os operários de que era líder, em todas as oportunidades, estava presente sua palavra evangelizadora e amiga. Na Oficina Maçonica de que foi prosélito, ouvia sempre a voz comovida do dever, sempre guiado pelo ideal superior do altruismo, pelo princípio criador da liberdade.

Pois bem, senhores, homem assim, a pobreza foi a companheira inseparável do seu viver.

Se não foi como Agesislau que, depois de derramar seu sangue pela Pátria e dar-lhe todo o seu patriotismo, teve de estender a mão à caridade pública pelas ruas de Constantinopla, depois de mitigar o pão da ignominia no degredo, foi como Aristides que mal deixou para os funerais.

Parece uma predestinação dos grandes homens.

Quando os ministros Franceses perguntaram ao Ministro Espanhol por Cervantes, respondeu que estava velho e pobre.

Indagaram se o Estado não lhe dava uma pensão. Respondeu o Ministro, — se êle estivesse ao abrigo da necessidade, não escreveria mais, foi a sua pobreza que fez o mundo rico.

Camões é a corôa da poesia portugêsa, disse um notável escritor. «Os Lusíadas são a estátua da Nação, cinzelada pelo escôpo do maior engêno portugês, que teve a penúria por contra-peso aos louvores imateriais de sua glória e imortalidade».

Schubert terminou sua curta mas brilhante carreira possuindo apenas os seus manuscritos.

As obras dos grandes homens foram feitas no meio do sofrimento, de desgostos e dificuldades, viveram embalados em paludes sonhos na contemplação da beleza, lutaram contra a corrente e chegaram às margens, exaustos, para tocarem a terra e expirar, esperando apenas que os séculos lhes façam justiça.

É que os grandes homens não se impressionam com a materialidade ou com o poder; a sua aspiração é apenas a glória.

Foram assim os super-homens de Carlyle, viveram pelo ideal remando curvados sobre suas galeras de sonhos, afrontando o Oceano, tempestade, rochedos e monstros e para que? Para os verem desfeitos na morte que os envolveira nas dobras do seu manto sombrio.

Mas, era o ideal.

Assim foram Montaigne, Shakespeare, Bacon, Leonardo Da Vinci, Rafael, Miguel Ângelo, Descartes, Newton, Laplace e outros de que nos fala a história.

Pontes de Miranda assim descreveu os nadadores: «A vida tem profundezas, bordas, flor da água, como os mares e os rios. Há indivíduos que passam a nado, à superfície, cansados dos estenuantes esforços de quem teme afundar-se. Outros atravessam em lugares rasos com água pelos joelhos, como tímidos e covardes. Outros opulentos de luxo e frivolidade nem se quer lhes percebem as correntes, tão insulados vão eles nos batéis que os conduzem. Mas, existem raros e ousados que nela mergulham e seguem em pertinazes provas de folego pelas águas profundas».

Os primeiros são os indiferentes, os débeis, incapazes de esforços, os que levam a vida imprudentemente e cansaram sem nada produzir. Os segundos não há classificação melhor do que a que lhes deu a sabedoria do autor, os covardes, como aquele capitão que pilotava a barca de Cesar, tremendo entre as vagas de um temporal, ouviu a interrogação do dominador, — De que tens medo? A tua barca leva Cesar!

Os outros, os que nasceram em berço de púrpura e de arminho, refrescaram-se em bacia de ouro, levantaram-se pela fortuna que encontraram, são os efêmeros, os heróis que nunca terão estátua no capitólio.

Os últimos são os ardentes, os fervorosos, os que têm do oceano a eterna agitação e a majestade do astro. Se caem é com a superioridade da águia, das alturas luminosas e aladas.

Como êstes últimos foi Filogônio de Paula Corrêa; reagiu contra a adversidade e nunca se flexionou condescendentemente.

Foi assim o retilineo do beletista notável, do escritor de talento que pela beleza, pelo ritmo, pela ampliação da prosa, sublimou-se, espalhando riquezas de luz da sua alma rica de emoções, de sua bela organização de estudioso.

Foi assim a sua vida: os seus feitos fundiram-se num traço de elegância moral que conserva intacto e vivo todo o prestígio das horas luminosas da sua conduta respeitável.

Vai modorrenta e sem refração de luz a tarefa que decorre da minha investidura neste sodalício.

Tinha de ser assim, já diziam os poetas latinos: *Ars non dat qui dat non habet*.

Aquí estou, pois, Senhores, sem haveres, porque não tive vontade intelectual, não me inspirei na engenhosa estátua de Condilac que lhe permitia o estudo isolado dos fenômenos; não quiz embevecer-me nas belezas do oceano, na sua majestade sublime, nas suas águas prateadas que espalham o sol numa exuberância radiante de luz, geradoras de pérolas preciosas e águas marinhas; êsse oceano de Ludwig, de onde surgiu a luz, a beleza, a ciência e por isso não sei como cheguei ao cimo da intelectualidade matogrossense.

Há explicação para todas as cousas.

Nos grandes espíritos, muitas vezes foge momentaneamente o próprio raciocínio, diminue a percepção dos sentidos, obliteram-se mesmo as fulgurações da inteligência, ou como dizia Schopenhauer, também entre os intelectuais, a debilidade, o êrro são próprios da humanidade, até o gênio mais brilhante não está por completo livre do êrro.

José de Mesquita, inteligência que gravita para a luz, conspícuo pelo saber, semeador de belezas literárias, teve momento de desvio psicológico, quando foi o principal animador da minha candidatura.

Talvez tenha sido por isso que cheguei a altura panorâmica; a semente que lavrou, foi como aquela do Evangelho que caiu em terra bôa — a generosidade da Academia.

Talvez tenha acontecido o que supôs de sí numa exuberância de modéstia o espírito cintilante de Gabriel Vandoni de Barros, a inteligência moça e prendada, — esperar que de futuro faça alguma cousa, «tornar-se digno do vosso agradável convívio».

Se assim é, veio tarde a esperança, não há germinal em terra sáfara, não há ressurreição da inteligência que declina.

Senhores Acadêmicos.

Lamartine Mendes modelou a palmeira em versos de ouro:

*Olha a palmeira, a sós, cujo bonito
esbelto fuste é já tão alto e cresce,
no desejo talvez, doudo, inaudito,
de noivar com o sol que resplandece.*

Com a mesma gama, outro poeta a rendilhou assim: «Formosa palmeira, esbelta, que não tem sombra mas tem seiva; que não protege plantas mas acalenta ninhos; que não tem copas e ramos espalmados e sombrios, porque a sua glória é ser altiva, fronte erguida para as nuvens, a embevecer-se no plano azul do firmamento.

Assim também esta Academia, esbelta palmeira espiritual.

Romeiro que demanda erma e dilatada planície, ouvi a música da aragem por entre as palmas aladas, vim na direção e estou ao fascínio das fulgurações do brasão dêste Cenáculo.

Não quero seiva, porque é a própria inteligência, que não se transmite; não quero calor de ninhos, porque já não espero a estação das flôres; venho em busca das vossas sugestões que empolgam e arrebatam, da opulência da vossa sabedoria.

Meus senhores. Pela luz e pelas trevas distingue-se o dia e a noite.

O sol vai atingindo o fim do segundo hemisfério; vão se abrindo á nossa contemplação, as côres vivas do arrebol; o crepúsculo já se desenha nas fimbrias do horizonte, já se percebe o avermelhar do Ocidente, ou como disse Camilo Castelo Branco, estamos ao som das badaladas tangidas no velho campanário de São Diniz, quando a alma se cala nas veias, em efluvios de terror e santidade e deposita nos lábios trêmulos, uma oração para o Senhor.

Estamos no fim desta oblata.

É a hora da persignação para a prece sublime da recordação, da afeição e do carinho.

A Arcádia é um Cimélio; transforma-se em santuário do aféto. Despertem-se e acrisolem-se os sentimentos da gratidão, entoemos a sinfonia do espírito e do coração, a litania da saudade.

É também a hora da reverência e da gratidão.

Conta-se que o Rei Salomão muitas vezes, por achar melhor, pagava com óleo de oliveira os carpinteiros do Libano que traziam cedro dos Balcans para as construções dos seus templos. É a Oliveira, para os gregos, o símbolo da imortalidade. Disse Sófocles que a sua, enquanto Zeus sôbre ela baixasse os olhos, não feneceria. Foi por isso que a deusa Athene para desafiar Netuno, fez germinar na Acrópole uma oliveira, como a melhor das dádivas divinas.

Tivesse eu ramos de oliveira para ofertar aos que tiveram a indulgência de comparecer a esta festa dando-lhe desusado brilho, depois de exorar aquelas virtudes inefáveis, indefiníveis, divinas, do Evangelho, caridade e perdão.

Ao consócio que chamastes para responder a êste pobre e descolorido discurso, vosso interprete, portanto, espirito rico de nobres aspirações, temperamento ardente e altivo, heraldo da flama da intelligência, de quem já se disse tudo numa sentença irrevogável — êsse moço começou por onde em geral os outros acabam, — nada tenho a agradecer nada estou devendo, não há pagamento para relíquia mesmo pagã.

FRANCISCO LUIZ DE LIMA AVELINO

ADRIANO LUIZ AVELINO

DISCURSO DE RECEPÇÃO

PELO ACADÊMICO

LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

Há os que pensam — e eu não o tenho nesse rol — que nas Academias somente deveriam ter ingresso os que já atingiram, no terreno das letras, as mais altas cimeiras da celestidade nacional.

Mas se que julgam que somente deveriam ter assento em instituições como esta os que chegaram ao menos uma obra de valor científico, artístico ou literário, os membros da Academia de Letras não se dão ao trabalho de fazer uma seleção tão rigorosa.

Por isso as portas das Academias de Letras são abertas para todos os que se interessam por esta ciência e esta arte.

Assim, desde os tempos mais antigos de civilização, as Academias de Letras têm sido instituições que recebem em seu seio todos os que se interessam por esta ciência e esta arte.

Por isso, desde os tempos mais antigos de civilização, as Academias de Letras têm sido instituições que recebem em seu seio todos os que se interessam por esta ciência e esta arte.

FILOGÔNIO CORRÊA E LIMA AVELINO

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO

JOSÉ ADOLFO LIMA AVELINO

NA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Não procede, Sr. Dr. Lima Avelino, a inquietação que manifestais, em vosso discurso de posse, pela circunstância de vir um magistrado a ocupar uma poltrona nêste areópago.

É evidente que essa preocupação nasce na fonte da vossa modéstia.

Há os que pensam — e eu não o tenho nêsse ról, — que nas Academias sómente deveriam ter ingresso os que já atingiram, no terreno das letras, às mais altas cumiadas da celebridade nacional.

Há os que julgam que sómente deveriam ter assento em instituições como esta os que tivessem pelo menos uma dúzia de obras célebres, aplaudidas pelos folhetins da Metrópole e impressas em encadernações de luxo, pela Jackson ou pela Freitas Bastos...

E há, ainda, os que entendem que as portas das Arcádias sómente se deveriam abrir para os que lavrassem a Seára da ficção, e, especialmente, para os que se destinassem à produção de versos, de métrica justa e torturadas formas.

A Academia seria, assim, um «museu de celebridades», onde seus membros viveriam, apenas, das glórias do que já haviam produzido, dispensando-se do que ainda poderiam dar em favor da causa da cultura.

A finalidade de nossa Academia, Sr. Dr. Lima Avelino, a despeito de tais opiniões, é idêntica à de tôdas as Academias que pelo Brasil em fóra se dedicam ao estímulo à atividada cultural, incomprendidas e desamparadas dos poderes públicos.

Dar vida ao movimento intelectual, procurando congrega-
gar todos aqueles que queriam dedicar-se ao trabalho in-
gente de elevar o país a um plano superior de cultura,
eis a finalidade dêste Silôgêu.

Precisamente isso: estimular a cultura, dando aos va-
lôres multiformes da inteligência o incentivo que o traba-
lho em associação oferece, para a tarefa imensa que se
impõe de modo cada vez mais premente na hora que pas-
sa: lutar pelo primado do espírito sôbre a matéria.

Em excelente conferência pronunciada nesta Casa, o
eminente homem de letras que é o paulista Eduardo Valente
Simões, declarava:

«Enquanto a civilização moderna faz «ho-
mens cada vez mais técnicos e cada vez mais
incultos», na advertência de Ortega y Gasset, não
devemos nos surpreender de que, abafados os
impulsos do coração, se verifique o declínio da
poesia, da arte e da cultura. Sob o impacto direto
da máquina, as coisas amáveis, que enobrecem e
dão sentido à vida, irão aos poucos desertando
do mundo».

É para essa luta pela afirmação das atividades cien-
tíficas e literárias, que outra não é senão a luta pela preemi-
nência das coisas espirituais, que nós vos convocamos, Sr.
Dr. Lima Avelino.

Estamos certos de que a tarefa que lhe oferecemos
não entibiará o ânimo de quem se habituou a vencer, pela
inteligência e pela cultura, os embates de uma vida agitada
e brilhante.

* * *

De fato, senhores, a existência de Lima Avelino,
desde o seu nascimento, no Ceará, a 9 de Outubro
de 1886, tem sido uma perene ascensão.

Diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Facul-
dade de Direito do Rio de Janeiro, foi estabelecer-se, como
advogado, em Manáus. Findava o ano de 1915 e para um
jovem recém formado o endereço da fortuna era a capital
amazonense, que prosperava ao sôpro fabuloso da indústria
que deixaria, na cidade dos igarapés, a recordação de dias
de estupendo progresso nas maravilhosas obras do cáis
flutuante do Rio Negro, da Ponte Eduardo Ribeiro, do Teatro
Amazonas, do Palácio da Justiça, do Clube Ideal.

Estava escrito, entretanto que o destino de Lima Avelino seria Mato-Grosso.

Já em 1918, cedendo a instâncias de Leopoldo de Moraes Matos, aceitava a promotoria da Comarca especial de Santo Antonio do Rio Madeira, no extremo noroeste de nosso Estado, àquela época também em surpreendente progresso.

Instalado na cidade que florescia às margens do Madeira, logo grangeou, entre a população, vasto círculo de amizades, pelo seu gênio afável, tendo, por isso mesmo, de aceitar a sua candidatura a Intendente Municipal que o Partido Conservador lhe oferecera e levava vitoriosamente, às urnas.

Lançado na política, em 1924 chegava a Cuiabá eleito Deputado Estadual. Nessa legislatura transferiu residência para Ponta-Porã, onde exerceu, por alguns anos, a advocacia, vindo depois, na administração Anibal de Toledo, a exercer, em Campo Grande, a Promotoria da Justiça.

Em 1934 regressava Lima Avelino a Cuiabá investido nas funções de Procurador Geral do Estado, mas, inclinándose para a magistratura, logo conquistava, mediante concurso, o Juizado da Comarca de Coxim.

Quatro anos depois era promovido para Tres-Lagoas. O que foi sua passagem, como Juiz, por aquela Comarca, atestam o renome e as amizades que ali grangeou. Tais foram as raízes que sua personalidade deitou no coração do povo treslagoense que, segundo o depoimento insuspeito de Rosário Congro, o povo chorou na gare de Noroeste no dia de sua partida. Tais manifestações, recebidas por um Juiz que se despede dos seus jurisdicionados de vários anos, falam bem alto da integridade de caráter e das qualidades de inteligência e de coração do novel Acadêmico.

Em 1941 vinha o nosso confrade, definitivamente, para Cuiabá, exercer o elevado cargo de Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento, da Justiça do Trabalho, onde se encontra.

Sua atividade intelectual tem sido dedicada à cultura do Direito, ao jornalismo e, agora mais recentemente, ao magistério.

Quando em plena atividade política, Lima Avelino revelou-se um jornalista vibrante, debatendo, nos jornais da época, importantes problemas do nosso Estado.

Em nossa jovem Faculdade de Direito o ilustre cearense vem demonstrando, na regência da espinhosa cadeira de Direito Romano, toda a sua jovialidade intelectual, todo

o seu amôr á cultura jurídica. Sabendo árida a matéria de sua cátedra, Lima Avelino tem o cuidado de apresentá-la de forma suave, atraente e elegante.

Eis, em linhas gerais, a vida brilhante e fecunda do novo Acadêmico, que hoje recebemos, e a quem oferecemos tôdas as galas desta noite festiva.

* * *

Sr. Acadêmico Lima Avelino:

Se buscardes, na galeria dos nossos valôres, um autentico homem de cultura, cuja vida se tenha consumido nas atividades do espírito e cuja atuação nêste cenáculo tenha sido uma permanente afirmação da justeza de sua escôlha, tereis, precisamente, a figura daquele a quem vindes suceder na poltrona n.º 20: o saudoso Professor Filogônio de Paula Corrêa.

Na medrugada dêste agitado século o venerando Licêu Salesiano era a forja de onde saiam dezenas de matogrossenses ilustres que dominaram, nesta meia centúria, o panorama cultural e político de nossa terra.

Na turma que de lá saía, em 1906, entre outros ilustres cuiabanos, estava o bacharel Filogônio de Paula Corrêa.

Tal fôra o brilhantismo do seu curso que, não obstante ser dos mais jovens da turma, era logo convidado para lecionar no tradicional Licêu. Bastou que aceitasse o convite honroso, para que descoberta estivesse a sua lídima vocação: o magistério.

Decidindo-se pela carreira ingrata, pouco mais tarde conquistava, em brilhantes concursos, as cátedras de História Geral e do Brasil, do Liceu Cuiabano e da Escola Normal «Pedro Celestino».

Das modernas gerações de estudantes cuiabanos, quem não se recorda da figura austera e sugestiva do mestre?

Ainda a tenho bem viva na memória e ainda sinto por ela o respeito imenso que a sua presença impunha.

Nas suas explanações, claras e precisas, demonstrava o domínio pleno da matéria e a facilidade assombrosa com que manejava a língua e esgrimia o verbo. Suas dissertações empolgavam. E, não raro, êle próprio deixava-se empolgar, também, pelos temas, vivendo as situações que expunha e deixando-se arrebatado pelas emoções dos fatos que narrava. Era aí que, na cátedra, fazia lembrar o tribuno que a Assembléia e as convenções políticas aplaudiam.

Filogônio tinha a alma de mestre. E mestre o fôra, consumado.

Foi nessa condição incontestada e indisputável que recebeu, por diversas vezes, a honrosa incumbência de representar Mato Grosso em importantes certames de cultura, como nos Congressos de História e de Ensino, de 1922, no de Educação, de Goiânia, de 1942, e no Congresso de História realizado na cidade de Salvador, em Março de 1949.

Em todos êsses conclave, mercê da sua cultura e da sua qualidade de orador vigoroso, a representação de Mato-Grosso não foi meramente simbólica, como tem acontecido em alguns certames dessa natureza.

Na Baía, principalmente, sua atuação pôs em relêvo o nome de Mato Grosso e mereceu, dos intelectuais ali reunidos os mais francos e sinceros elogios, que a imprensa da época registrou, Tal foi ela, que o plenário do Congresso o escolheu, unanimemente, para falar em nome dos Congressistas na recepção que lhes foi oferecida pela Academia de Letras da Baía. Nessa oportunidade correspondeu Filogônio plenamente à expectativa dos que o escolheram, pronunciando memorável discurso que encontrou a maior ressonância na imprensa baiana, transcrito, aos tópicos, em diversos jornais, e, na íntegra, no «Diário de Notícias».

Filho de antigo político, o advogado Antonio de Paula Corrêa, Filogônio não pode fugir à vóz do sangue, tornando-se também, político militante.

E, como tal, exerceu os cargos de Vereador, de Deputado Estadual e de Suplente de Senador. Acostumado a impôr-se e a destacar-se no seio da agremiações a que pertencia, alçou-se na Câmara Municipal, à sua Presidência, e, na Assembléia Legislativa, à liderança do Partido Evolucionista.

De uma fidelidade política a toda a prova, e servindo, com inexcedível devoção, aos partidos nos quais militava, talvez por isso mesmo não tenha logrado ascender a postos mais elevados. A fortuna política sempre sorriu, em todos os tempos, com maior facilidade, aos aproveitadores de situações feitas, aos adesistas da undécima hora e aos «paraquedistas» que chegam inesperadamente aos partidos, sempre prontos e dispostos a usufruirmos do sacrifício dos outros.

Constituinte de 1935, a passagem de Filogônio pela Assembléia foi de marcante projeção. Conductor ponderado e elegante da bancada oposicionista, numa Assembléia que

primava pela educação política, seus discursos aí se encontram, nos Anais do nosso Parlamento, como autênticos modelos de sensatez, de ponderação, de equilíbrio, e, sobretudo, de nobreza de ideais.

Essa ponderação e êsse equilíbrio, aliás acompanharam-no até o fim de sua existência. Ainda em plena campanha eleitoral de 1950, dizia-me êle no seu aprazível retiro do Coxipó:

— «Vejo com sincera satisfação a candidatura do Dr. Fernando Corrêa ao Governo do Estado; filho que é do meu saudoso amigo e chefe, o Cel. Pedro Celestino, tem-se mostrado herdeiro das tradições de honradez e dignidade de seu pai. Não poderei, entretanto, dar-lhe o meu apoio, em virtude dos compromissos que me prendem ao Partido Social Democrático.

Mas a minha pena, sempre ativa nestas refregas eleitorais, não será usada para escrever uma só palavra contra a candidatura de Fernando».

E, de fato, Filogônio cumpriu a sua promessa. Aliás, se escrevesse algo, sôbre política, naquela ocasião, tenho a certeza plena de que o teria feito na elevação da linguagem que o caracterizou, e nunca afinando pelo diapasão dos agravos pessoais com que a nossa imprensa procura atingir a dignidade pessoal de nossos homens públicos, numa campanha que tanto nos deprime ao olhos dos forasteiros que hoje enchem as nossas cidadees.

Aposentado nas cadeiras do magistério que honrara com sua cultura, e sentindo-se vergado ao pêso das enfermidades que lhe trariam a morte aos 13 de Setembro de 1952, refugiou-se Filogônio no seu retiro do Coxipó. Esquecido pelos amigos das horas afortunadas, foi encontrar, na leitura, na meditação e na produção literária o lazer de de suas horas de abandonado.

Aí é que produziu bôa parte de sua bagagem literária, legando-nos magnificas palestras em que registrava fatos e traçava o perfil de homens da nossa época, satirizando os preconceitos e a hipocrisia da sociedade contemporânea.

Em seu discurso de posse, Lima Avelino, falando da pobreza que foi a companheira inseparável do viver de Filogônio, disse que se êle «não foi como Agesislau que depois de derramar o seu sangue pela Pátria e dar-lhe todo o seu patriotismo, teve de estender a mão à caridade pública, pelas ruas de Constantinopla, foi como Aristides, que mal deixou para os funerais».

Retificando o que afirmou o novel acadêmico, direi que Filogônio foi mais pobre do que Aristides, porque não deixou nem para os funerais, que foram pagos pelo Tesouro, num gesto de justiça de S. Excia. o Snr. Governador do Estado.

* * *

Sr. Acadêmico Lima Avelino:

Ao desincumbir-se do mandato honroso que me ortogaram os nobres confrades, de receber-vos no pórtico dêste areópago, devo manifestar-vos a convicção em que estamos de que continuareis a dar à cadeira n. 20 o brilho que ela sempre teve, brilho inapagavel que lhe foi impresso pelo vosso ilustre antecessor.

Certos estamos de que a vossa permanência nesta Casa será uma luta contínua pela perfeição, pela beleza, pelo primado da inteligência, enfim.

A vossa vida de estudioso das ciências jurídicas e de cultor da literatura constitue a fiança irrecusável de que nossa esperança se cumprirá.

Sêde benvindo. A casa é nossa.

POESIAS

O CAVALEIRO DA GRAVATA BRANCA

Episódio histórico romanceado por

D. AQUINO CORRÊA

Teatralização de Maria Wanderley Menezes

A cena para a apresentação do poema "O Cavaleiro da Gravata Branca" deve ser dividida em três planos: o primeiro constituído por três declamadoras, que se apresentarão numa espécie de côro estilizado, usando túnicas gregas e que se hão de encarregar da parte da declamação propriamente dita; o segundo será vivido no fundo do palco, em cenas lentas, quasi estáticas, que se vão desenrolando, à medida que as declamadoras narram os episódios; a terceira terá lugar nos bastidores, em efeitos de sonoplastia, que apresentarão as cenas de multidão, rumores de guerra, música, etc.

Antes de levantar o pano, a primeira declamadora, vinda da platéia, sobe a escadinha que, colocada em frente ao palco, conduz à ribalta. Dirigindo-se à cena e não aos espectadores, declama:

1.^a DECLAMADORA

França, cujos brasões a flor de lis esmalta,
Floriu mais êste lírio...

(Neste momento, a segunda e a terceira declamadoras saem de dentro da cortina, que vão levando lentamente para os lados do palco. Estáticos contra a parede do fundo, que se mantém em penumbra, vê-se Jorge, sentado em um banquinho baixo, aos pés de sua mãe, a qual ocupando uma cadeira mais alta, costura uma gravata branca. Sobre êles, pendurado à parede, um quadro com a efígie da Virgem Maria. Tendo feito apenas uma pequena pausa, até que se abra inteiramente o velório, a primeira declamadora continua:)

1.^a DECLAMADORA

... Um moço a quem nem alta
 E nem rica prosápia o berço enobrecera,
 Mas a virtude só, uma virtude austera,
 Que lhe transfigurava o lar num como ninho
 Claro, mas tosco e nú de pássaro marinho,
 Pássaro de alto mar, que na costa sonora
 Da sua hirta Bretanha, aos ventos canta e mora,
 Nas rochas virginais, que o oceano beija e lava.

2.^a DECLAMADORA

Jorge havia êle nome, e já desabotoava
 Em plena adolescência expansiva e sadia;
 Mas no limpido olhar, por onde se esbatia
 O pensativo azul das lindas miosótis,
 A alma se lhe revia, alheia ainda aos botes
 Das lúridas paixões.

CONTRA-REGRA — *A luz muda na cena, agora invadida pela claridade da manhã.*

3.^a DECLAMADORA

Entanto raia a aurora,
 O dia côr do céu, a festa encantadora,
 Em que, botão de rosa, entreabrindo ao sol nado,
 O coração de Jorge, em luz todo banhado,
 Ia, à primeira vez, libar a Eucaristia,
 Carne santa dum Deus, olímpica ambrosia,
 Que nem a fértil musa helênica sonhara,
 Mas o Filho de Deus, na Hóstia nos depara.

JORGE

(Se vai erguendo lentamente. Seu rosto demonstra que um novo pensamento acaba de surgir-lhe. Olha com um sorriso grave e leve, sua mãe, que continua sentada, e, com um gesto, mostra-lhe o quadro da Virgem. Depois, toma-lhe a mão e convida-a a erguer-se, ficando ambos parados em frente ao quadro. Todos êstes movimentos de Jorge são realizados, enquanto a segunda declamadora fala.)

2.^a DECLAMADORA

E Jorge, no fervor dum sonho adolescente,
 Teve a idéia gentil, que lhe encantou a mente,
 De iniciar, nêsse dia azul de luz e flores,
 Uma cavalaria ideal dos seus amores,

Em que a Virgem Maria era a Dama sagrada,
E sua mãe, a grã sacerdotiza amada.
Nada do velho arnez do cavaleiro andante,
Nem cotão, nem morrião, nem lança e nem montante,
Mas o escudo da fé, com o elmo da esperança,
E o gládio de ouro da oração, que tudo alcança,
Um angélico amor a Jesus e a Maria,

1.^a DECLAMADORA

Amor, cuja querença é o altar da Eucaristia;
Na incência da vida, a alegria mais franca,
E por única insígnia: uma gravata branca!

(A segunda e terceira declamadoras pegam a cortina, que cobre o palco e vão fechando-a lentamente.)

FIM DA 1.^a CENA

SEGUNDA CENA

CONTRA-REGRA — O palco deve ser coberto pela luz azulada do entardecer. (A segunda e terceira declamadoras tornam a abrir a cortina. Em cena estão Jorge e sua mãe, ambos de pé, voltados para o quadro da Virgem.)

SONOPLASTIA — Disco da Ave-Maria de Gounod em fundo musical. Mais distante, disco de sinos.

3.^a DECLAMADORA

O céu tomara uns tons de púrpura dourada,
Naquela tarde em flor. Já na cerúlea arcada,
Vésper lá cintuava. O Ângelus plangia.
E a terra toda suspirava: Ave, Maria!

JORGE

(Se vai voltando lentamente para sua mãe e põe-se genuflexo a seus pés. Isso, enquanto a segunda declamadora vai falando.)

2.^a DECLAMADORA

Era a vigília sacra e álaque da solene
Primeira Comunhão de Jorge. Um lausperene
De amor e gratidão, cantava-lhe no peito.
E já todo de Deus, no seu ideal perfeito.
Eis que nessa hora augusta, entre aromas de rosas,
Violetas e cecéns, suas flores mimosas,
Num rito vespéral de nova liturgia,

Ajoelha-se ante a doce Imagem de Maria,
Aos pés de sua mãe, a vestal adorada,
Que vai sagrá-lo em paladim da Imaculada.

SONOPLASTIA — *Corta os discos da Ave-Maria e dos sinos.*

2.^a DECLAMADORA

Um místico silêncio invade a pobre sala,
Onde oravam a sós, e a mãe assim lhe fala:

MÃE DE JORGE

(Falando lentamente, enquanto lhe apresenta a gravata branca.)

“Meu filho, eis aqui, linda, alva, pura e celeste,
A condecoração, que tu mesmo escolheste,
Para a cavalaria heróica da tua alma,
Teu único florão e arras de eterna palma,
Na glória celestial: esta gravata branca!
Tão paupérrima, embora, ela vence e desbanca
As gemas e o ouro dos mais fúlgidos diademas,
Porque é teu talismã, nas pelejas supremas,
Por manteres assim, na graça e na virtude,
O virgineo pudor da tua juventude.
E não permita Deus que a tises com o pecado.
Porque te fôra então, para sempre vedado
Este símbolo usar da virgindade santa,
Que não há reflorir. Pois nossa alma é uma planta,
Que, em lhe caindo a flor, branca flor da inocência,
Só dá rosas de sangue, espinho e penitência.
Muitas serão as tentações, e a guerra intensa,
Mas luta e vencerás, dando assim glória imensa
Ao Deus, que por amor a ti, na Hóstia se encerra,
A tua Mãe do céu e à tua mãe da terra.”

(Quando termina de falar, vai colocando a gravata branca no pescoço de Jorge e depois beija-o na testa.)

2.^a DECLAMADORA

Calou-se, colocou-lhe a cândida gravata
e o beijou.

SONOPLASTIA — *Disco da Ave-Maria em surdina.*

1.^a DECLAMADORA

Nesse instante, um manso luar de prata,
Baixando lá do céu, sôbre o grupo bendito,
Envolve ambos os dois, num beijo do infinito,

Ao mesmo tempo que, comovidas e belas,
Tremem no céu de anil, as primeiras estrelas.
(A segunda e terceira declamadoras tornam a fechar a cortina.)

SONOPLASTIA --- Cresce a música da Ave-Maria, depois corta.

FIM DA 2.^a CENA

TERCEIRA CENA

(A segunda e a terceira declamadoras voltam a abrir o pano. Do fundo do palco desapareceram Jorge e sua mãe. Num plano lateral, quase nos bastidores, vê-se um altar, onde um padre está celebrando a Missa e, ao pé dêste, três jovens ajoelhados, em traje de primeira Comunhão. Um deles é Jorge. Luz forte de manhã sobre a cena).

SONOPLASTIA — Disco de sinos tocando festivamente, a princípio mais forte, depois, em surdina.

3.^a DECLAMADORA

Na crástina manhã, a igreja da aldeia
Era tóda um encanto, ornamentada e cheia
De harmonias e luz, de crianças e açucenas,
Céu aberto por entre as misérias terrenas.
Celebrava-se a Missa, e tangiam os sinos,
Para a primeira Comunhão dos pequeninos.

SONOPLASTIA — Disco de órgão com um hino de primeira Comunhão, por um momento forte, descendo para fundo musical, quando a 1.^a declamadora começa a falar.

1.^a DECLAMADORA

Primeira Comunhão! Cântico de alvorada!
Iris de fé e amor! Dia da mais dourada
Alegria da vida, em que a alma pubescente
Os anjos rivaliza, e nêsse enlêvo sente
Que Deus a chama e atrái, com mais fôrça e carinho,
Qual terno pai, que aperta ao seio o seu filhinho
No altar todo florido, a Missa já chegara
À hora da Comunhão Jesus na pedra d'ara.

SONOPLASTIA — Corta o disco.

1.^a DECLAMADORA

Parece dizer: vinde! O cristalino côro
Das crianças faz silêncio, e também o canoro
Timbre do harmônio. Repassada de ternura,
Só vibra pela nave, a voz do velho cura:

PADRE

(Que se voltara para os jovens comungantes.)

“Filhinhos meus, ouvi: ides à vez primeira,
Receber a Jesus, em hora tão fagueira,
Jesus que está na Hóstia, êste manjar do empíreo,
Que êle vos preparou, Jesus, divino lírio,
Que só entre lírios vive, o belo Deus, que encanta
Os corações e alegra a juventude santa;
Deus, que tanto vos ama, e vos pede guarida,
No candor da vossa alma, hoje e por tôda a vida;
Dai-vos, pois, a Jesus, pelas mãos de Maria,
E que êste Deus, eternamente vos sorria!”

SONOPLASTIA — *Recomeça a música do órgão.*

3.^a DECLAMADORA

Disse, e por entre loas sacras e cantantes,
O pão do céu reparte aos jovens comungantes.
Jorge, a quem o sermão toca e um suspiro arranca,
Estreita ao coração sua gravata branca!

(A segunda e a terceira declamadoras fecham a cortina.)

SONOPLASTIA — *Cresce a música, depois corta.*

FIM DA 3.^a CENA

QUARTA CENA

(A segunda e a terceira declamadoras tornam a abrir a cortina. No meio da cena está Jorge, parado, estreitando ao peito sua gravata branca.)

2.^a DECLAMADORA

Assim foi que entrou Jorge a luta pela vida,
Armado em cavaleiro, a quem, pobre e querida,
Uma simples gravata, as vezes lhe fazia
De heráldicos troféus, e bem mais lhe valia,
Que balsões de templário, ou signas avoengas,
Ou auriflamas de ouro e púrpuras realengas.
E tal qual sua mãe predissera, o combate
Foi assíduo e feroz, mas Jorge não se abate.
O mundo, o diabo e a carne aliam-se contra êle,
Para o arrebatam do amor soberano d'Aquele,
A quem votara o ardor da sua juventude.
Mas êle sente renascer-lhe a alma e a virtude,
Premendo ao coração, sua gravata branca,
Que nenhum satanás lhe polui, nem arranca,
Porque humilde e piedoso, a Jesus e Maria,

Em tôda tentação, de pronto recorria.
E só confiando em Deus, dizia afoitamente,
Com São Paulo:

JORGE

Ómnio pössum... Sou onipotente!

(A segunda e a terceira declamadoras correm mais uma vez a cortina.)

FIM DA 4.^a CENA

QUINTA CENA

(O velório se mantém fechado.)

3.^a DECLAMADORA

Anos e anos a fio, anos da puberdade,
Anos, em que as paixões recrescem com a idade,
Levou Jorge, empenhado em aprimorar-se a alma,
Do estudo na palestra iluminada e calma.
Porém, à santidade, é que êle antes aspira,
Para o caráter afinar como uma lira,
Dominando, sem dó, na renúncia e na prece,
O vivo coração, que lhe bate e estremece,
Aos frêmitos do amor, tão instintivamente,
Como a flor do heliotrópio, ao sol dourado e quente.
Que seduções, meu Deus, para uma alma como essa,
Na ilusão rosicler da vida que começa,
Em meio a um século perverso e voluptuoso,
Numa quadra, em que tudo é riso, tudo gôzo,
Tudo ouro sôbre azul, e o céu e a terra e os mares,
Jardins de fada, onde erra um cantar dos cantares,
Interpretado na harpa infernal do demônio,
Transformando o universo em vasto pandemônio!

2.^a DECLAMADORA

Mas Jorge resistiu, e a guapa virgindade,
Que se lhe abria em flor, para a paternidade,
Êle a guardou, num heroísmo forte e doce,
Para seguir a voz de Deus, fôsse qual fôsse,
Ou na fecundidade ideal do apostolado,
Ou na fecunda e santa união do lar sagrado.

1.^a DECLAMADORA

Mas Deus lhe reservara ao sangue puro e ardente,
Um trágico destino.

(A segunda e a terceira declamadoras abrem a cortina.)

SONOPLASTIA -- *Clarim com toque de guerra. Surgem, vindo da direita para a esquerda, soldados em marcha. Um dêles carrega a bandeira da França. Atrás de todos aparece Jorge, seguido por sua mãe. Todas as cenas são lentas.*

1.^a DECLAMADORA

E foi que, de repente,
Rompe a guerra, e êste monstro infando, que devora
As jovens florações dos povos, como outrora,
As mais crueis e truculentas divindades,
Arrebata consigo o escol das mocidades.
E Jorge lá se vai, na onda rubra e fremente
Da mobilização, que se alarga amplamente,
Pelas metrópoles e vilas, lado a lado,
Provocando um profundo e lúgubre ululado:
Ai! corações chorando esposos, noivos, filhos,
Que a morte vão buscar, em tão sangrentos trilhos!
(Passam os soldados. Em cena, ficam Jorge e sua mãe, cujo resto traduz toda a angústia de seu coração. Traz na mão a gravata branca.)

2.^a DECLAMADORA

Ó tu, que lêes, reflete! Imagina o suplício,
Da boa mãe de Jorge, ante o crú sacrificio,
A que também seu filho era assim arrastado,
No esplendor juvenil de tão risonho fado.
Mas era a voz da Pátria! A voz de Deus, portanto!
E ela adora o Senhor, no seu desígnio santo.
(Jorge e sua mãe param no meio da cena. Ele ajoelha-se e ela vai colocando-lhe a gravata branca. Em seguida traça uma cruz no espaço, abençoando-o. Depois, beija-o na testa)

2.^a DECLAMADORA

Renova a cerimônia inefável e grata
Daquela tarde outrora, e inda a mesma gravata,
Põe-lha ao filho; ora a Deus, lhe dê constância eterna;
Reveste-o duma grande arma: a bênção materna,
E dum beijo, em que todo o seu amor se encerra,
E, assim, entrega Jorge aos azares da guerra.

JORGE

(Que se erguera, vai unir-se aos outros soldados, que se mantinham parados, à esquerda da cena, de costas para a platéia, em direção à porta da esquerda. A mãe estende os braços, como se quisesse detê-lo.)

SONOPLASTIA — *Ouve-se outra vez o clarim.*
(*Os soldados começam a sair, marchando.*)

1.^a DECLAMADORA

Já vão tropas em marcha. A tricolor bandeira
Fulge ao sol meridiano, em singular maneira.
Há sorrisos e dor. Flôres do céu caindo,
E flôres em redor. Perpassa, fundo e infindo,
Um estremecimento em toda a natureza.

SONOPLASTIA — *Disco da Marselhesa.*

1.^a DECLAMADORA

E com seus tons marciais, a altiva Marselhesa
Inflama os corações, num verdadeiro orgasmo,
Marcando o passo ao ritmo heróico do entusiasmo.

SONOPLASTIA — *Cresce o disco da Marselhesa por um momento, depois corta.*

(*A segunda e a terceira declamadoras correm a cortina do palco.*)

FIM DA 5.^a CENA

SEXTA CENA

CENÁRIO — *O pano de boca mantém-se fechado.*

3.^a DECLAMADORA

Mas nos campos além, nos campos da refrega,
Que um sangue generoso empurpurece e rega,
Quanta desolação! Quanta vez, no momento
Do perigo, ou na paz trega do acampamento,
Jorge, ao clarão da lua alva, que a treva espanca,
Olhando o céu, beijou sua gravata branca!

1.^a DECLAMADORA

Porém, já longos sóis e luas eram idos,
Dês que irrompera a guerra. Até os mais aguerridos
Ansiavam pelo fim.

SONOPLASTIA — *Sons de clarins, com toques de avançar, bombas canhões, tropel de cavalos, etc., enfim, todos os ruídos possíveis para darem a idéia de uma batalha.*

1.^a DECLAMADORA

Recrudesce o fogo
Dos ataques aqui, ali, além, no jôgo
De tremenda estratégia. Um dêsse mais extremos

Esforços foi em Mans. Contudo, não iremos
 Descortinar o cáos dessa fatal jornada,
 Em que a fuzilaria, a baioneta, a espada,
 Bombas, ginetes, homens, tudo, loucamente,
 Num báratro se foi, enquanto indiferente,
 Fria, impassível, tão solene, quão sombria,
 Urrava em seus canhões, a bruta artilharia.

FIM DA 6.^a CENA

SETIMA CENA

(A segunda e terceira declamadoras abrem a cortina. Espalhados pelo chão vêm-se alguns soldados mortos e entre eles Jorge, já sem o dolman, ferido no peito. Uma larga mancha de sangue se espalha pela camisa, mas ele ainda segura na mão moribunda a gravata branca, que também está manchada de sangue. Um companheiro o ampara. A bandeira da França jaz caída a um canto. A luz azulada do luar cobre a cena.)

2a. DECLAMADORA

Mas a batalha, enfim, qual tempestade brava,
 Passou, porque também o dia agonizava.
 E à luz do ocaso, após recontros tão renhidos,
 Juncado o chão se vê, de mortos e feridos.
 E em meio a tanto horror de carne, ossos e sangue,
 Lá um soldado jaz, que embora quase exangue,
 Por forte hemorragia atroz, que não se estanca,
 Aferra inda na mão, uma gravata branca!

1a. DECLAMADORA

Era Jorge que ali, no furor da vanguarda,
 Condecorara em sangue a sua nobre farda.
 Ao próximo hospital, asinha transportado,
 Ei-lo, sempre formoso, inda que ensanguentado,
 Arfante o coração, semi-cerrado o cílio:
 Tal a purpúrea flor, de que fala Virgílio,
 A flor de sangue, o belo Euríalo já morto.
 E quem não lembrará, nessa hora sem conforto,
 A mãe, que chora, ao longe, o filho bem amado,
 Filho, que vai morrer, sem a ter ao seu lado,
 Sem o viático e o mel do seu beijo tão terno,
 E sem a extrema-unção do seu olhar materno?

PADRE

(Enquanto a 3.^a declamadora fala, vai dando a Extrema-Unção a Jorge.)

3.^a DECLAMADORA

Chama-se o capelão, a toda pressa, e o enfêrmo,
 Alvo de grande simpatia, porém êrmo
 Das caricias do lar, recebe os sacramentos,
 Com tanta fé e amor, tão virgens sentimentos
 De fazer chorar. Findo o ritual sacrossanto,
 Eis que toma a gravata, o seu cinélio santo,
 Que sempre honrara, como o mais precioso dote,
 E num esforço, implora assim ao Sacerdote:

JORGE

(Com a voz entrecortada dos moribundos)

“Padre, peço entregar urgente esta gravata
 A minha pobre mãe. E far-lhe-á coisa grata,
 Lembrando-lhe que nunca a manchei com o pecado,
 Mas só, e como vê, com o sangue derramado,
 Por Deus e pela Pátria!”

2.^a DECLAMADORA

Uma crise violenta
 Estrangulou-lhe a voz. A prostração aumenta,
 Mas êle oscula ainda a gravata e adormece.
 Só se ouve no recinto um soluçar de prece.
 Lá por fóra, entretanto, ia a noite seguindo
 A marcha sideral, com seu cortejo lindo,
 Entre miriades de estrêlas faiscantes,
 Numa orgia de luz, veludo, ouro e diamantes.
 E o silêncio era tal, na amplidão azulina,
 Que se tinha a impressão de escutar em surdina,
 A glória do Senhor, desde as mais priscas eras,
 Na harmonia triunfal de todas as esferas.

(A luz vai mudando na cena, agora invadida pela claridade da manhã.)

SONOPLASTIA — *Disco com cantos de pássaros. Um sino se faz ouvir ao longe.*

3.^a DECLAMADORA

Jorge prestes estava a entrar em agonia:
 Abriram-lhe a janela. O sol alvorecia.
 Cotovias no azul, palpitavam gorjeando,
 E a voz dos carrilhões enchia o ar fresco e brando.
 Um delicioso olor de virgem primavera,
 Embalsamava toda a maviosa atmosfera.

Sentiu o moribundo a magia do ambiente,
E sorriu. Diante dêle, alta e resplandecente,
Brihava a estrela da manhã. E Jorge, ao vê-la,
Figurou-se-lhe, ó Deus, ardente, meiga e bela
A Mãe do céu, sorrindo a sua mãe na terra!
E êle, também sorrindo, os castos olhos cerra.

SONOPLASTIA — *Clarim com o toque de silêncio. A seguir entra o disco da Marselhesa que acompanha até o final, crescendo depois que a primeira declamadora termina de falar.*

1.^a DECLAMADORA

Salve, herói, salve humilde e esplêndida figura
De cavaleiro da gravata branca e pura,
Que venceste a ti mesmo, e és maior que os guerreiros,
A expugnarem bastiões e castelos roqueiros!
Bem mais gloriosa foi a tua vida e morte,
Que a do famoso Orlando, o paladino forte,
De Roncesvales, e quão mais edificante!
Oh! praza a Deus que a mocidade aprenda e cante,
Nos séculos em fóra, a luminosa e rude
Canção de gesta da tua épica virtude!

TERRA MATER

Rosário Congro

Esta velha amizade que nos prende
já tem a solidez dos anos que passaram.
Cincoenta, nada menos,
eis o caminho que entre nós se entende.

Teus laços de ventura plenos,
«agarrativos», (1) se multiplicaram.

Terra **mater** do nosso povoamento,
sontinela avançada no deserto,
desde o começo incerto
trazes no pensamento
a Pátria legendária.

Um dia, à sorte vária,
teus filhos conclamaste e êles partiram.
Ao clarim legionário da arrancada,
pelas quebradas do Urucum surgiram,
homéricos leões da Retomada!

Das tuas tradições mantêns o culto.
Forasteiro que a pureza
de teus felizes lares conheceu,
ainda mais o teu perfil avulto.

Ês bem a flor de liz de uma nobreza
que no esplendor do coração nasceu.

As rosas da cultura te coroam,
e que sonhos a alma te povoam!

Da civilização o marco ergueste
no roteiro do sol, nestes longes do Oeste.
Agora, nesta encruzilhada,
nossos destinos se bifurcam.

Alma sem sonhos, já cansada,
sentindo o olhar já turvo,
meus passos, trôpegos, se encurtam,
e ao meu declínio para o chão me curvo.

«Cidade verde», (2) sim, vergel cidade,
andas agora numa evolução febril.
Quasi trisecular, vetusta e bela,
a remoçar na própria eternidade,
ês, na grandeza do Brasil.
engastada por Deus, fulgente estrela.

(1) — Expressão, do Barão de Melgaço.

(2) — Cuiabá, criação de Dom Aquino Corrêa.

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

O CORAÇÃO DO COMPANHEIRO
Sonetos de
JOSÉ DE MESQUITA

Aqui venho e virei, pobre querida,
trazer-te o coração do companheiro.
Machado de Assis — A CAROLINA

A PRIMA DO «SOBRADINHO»

Quando eu a conheci, ela era, ainda,
uma criança apenas, meiga e bela,
mas já naquela menininha linda
entreluzia a graça da donzela.

Como me lembra o seu olhar de infinda
doçura, em que a alma toda se revela,
e o gracil riso, com que mais se alinda
sua feição suave e tão singela !

Quantas vezes, de casa, ao longe, a via,
e ela já era, no meu sonho inquieto,
vago anseio de amor que mal floria !

E tanta vez pulsou, devagarinho,
meu coração, num palpitar discreto,
pela prima gentil do «Sobradinho»...

FLOR DE CÊRA

Quantos anos já faz — lembras-te, certamente —
que, de alheio jardim à sombra misteriosa,
me deste, num sorriso, aquela flor mimosa,
núbil flor, tão gentil, como tu, e inocente?

Nossa flor de noivado, a asclepiadácea airosa,
de artístico androceu e de haste latecente,
mixto de alma infantil e corpo adolescente,
bem mereceu da ciência o nome «hoya carnosa».

E ó! como não me apraz rever-te aquêle dia,
flor-de-cêra também, de estranha formosura,
que, entre tantas, o meu desejo preferia,

flor de carne e de sonho, à luz desabrochada,
que ainda hoje a minha vida encanta e transfigura,
na mesma exaltação daquela hora sagrada!

MATERNIDADE

Vejo, neste retrato, a suma de uma vida,
toda a beleza e todo o mágico esplendor,
e, na tua feição singela e comovida,
és, ali, como o fruto em que se abriu a flôr.

Um filho ao colo, um outro ao lado, embevecida,
na altíssima emoção do mais sublime amor,
és bem a que jamais o meu carinho olvida,
companheira que foi no prazer e na dor.

Nessa expressão de paz e de serenidade,
simbolizas, ao vivo, essa maternidade
que, de tudo o que grande e sobrehumano houver,

é a vocação maior, mais nobre, que equipara
à grandeza divina, esplendorosa e rara,
na glória de criar, pelo amor — a Mulher!

OBRA-PRIMA

Para que produzisse a sublime Beleza,
obra-prima que foi o teu todo formoso,
certo se aprimorou, num esforço grandioso
de séculos, a Mestra e Artista Natureza.

Imprimiu-lhe a harmonia e o traço magestoso
do clássico, aliado à moderna leveza,
e os tons de sombra e luz, de hígidez e esbelteza,
que ha só nas criações de um gênio portentoso.

Conjunto ideal de sublimadas perfeições,
desde a eufórica luz que brilha em teu olhar
e esse equilíbrio admiravel das feições,

à linha escultural do corpo, qual si fosse
uma estátua da Grécia ou Madona sem par.
E outra igual não se fez: o modelo quebrou-se...

LEIRA FECUNDA

Terra virgem e fértil, de que, um dia,
pude ser o ditoso lavrador,
o teu corpo moreno me daria
os frutos que semeou o nosso amor.

Cheia de humus e seiva, ela floria,
da mocidade ao fúlgido queimor,
leira fecunda que me oferecia
o pomo sumarento e a olente flor.

Tudo me deste, meiga e submissa,
e em ti achei o horto, a florescida
vinha e o rico pomar que se cubiça.

Foste-me a gleba a germinar, virente,
nos filhos, nosso sangue e nossa vida,
perpetuando êste amor eternamente!

NOSSA VELHA CASA

Nossa bôa e querida casa antiga,
onde tanto sofremos e gosamos,
conserva, ainda, a feição suave e amiga
de quando nela a vez primeira entramos.

Não ha quem esquecer jamais consiga
a ventura! e por isso, ainda evocamos
tudo o que à casa grande a alma nos liga,
embora longe um do outro hoje estejamos.

A alcôva... o varandão... perto, o bequinho...
o terreiro das rosas... o caminho
do portão, que de folhas mil se junca...

Não ha logar na nossa velha Casa
ao qual uma saudade se não casa
do morto amor, mais vivo do que nunca!

BODAS DE PRATA

Juntos viemos pela vida em fora.
Juntos, gosamos. Juntos, padecemos.
Vimos raiar muita radiosa aurora
e muito ocaso triste conhecemos.

A mesma angústia que em teus olhos mora,
dos meus fez aflorar prantos extremos
e o mesmo eflúvio de prazer, outrora,
nos fez chegar aos extasis supremos.

Vinte e cinco anos... Lembras-te? Parece
que foi ontem. E, entanto, logo, azinha,
vem a noite. A paisagem se escurece.

E ao ver que envelhecemos juntamente,
o Amor me faz mais teu, te faz mais minha,
pois êle é o imã que mais une a gente.

SOL POENTE

Ver o teu rosto, claro sol que, no orto,
vi pleno de beleza e mocidade,
imerso lentamente, nêsse porto
misterioso que vai à Eternidade;

ver, eu que vi, de amor e enleio absorto,
teu olhar, um fanal de claridade,
hoje velar-se, langue, semi-morto,
na penumbra nostálgica que o invade;

ver-te os lábios sem côr, flácido o seio,
e essas mãos, que ainda beijo, enternecido,
enclavinadas no angustioso anseio;

ver que em breve, êste amor constante e puro.
perderei... é mais triste e dolorido
que ver um sol morrer, no ocaso escuro.

NEGUINHO!

Foi assim que você, num mixto de carinho e desejo, a sorrir, um dia, me chamou, nêsse diminutivo adoravel—Neguinho! que, pela vida além, sempre e sempre empregou.

Estou ainda a ver tomar-me, de mansinho, a mão, quando a ciciar de leve, sussurrou: —Neguinho... e desde então, em nosso doce ninho, nos tranportes do amor, foi como me tratou...

—Neguinho! foi assim que sempre você disse, nesse tom maternal de profunda meiguice, toda a vez que do amor os arroubos sentiu.

E foi assim, também, já no instante supremo da partida, a apertar-me as mãos, no adeus extremo, que o teu imenso amor de mim se despediu...

O ESPÊLHO DO GUARDA-ROUPA

Este claro cristal, ha tempos, refletiu
da doce Amiga e Amada a graça e o esplendor,
quando nela a Mulher magnífica surgiu,
aureolada na luz mirífica do Amor.

Beleza igual jamais o olhar humano viu.
Era um poema de carne, a vibrar, no fulgor
insólito com que, no Eden, linda, se abriu
Eva — aurora nascente e primavera em flôr.

Hoje, vejo do espêlho a superfície fria,
onde ela, tanta vez, a me fitar, sorria,
e nada encontro alí dessa visão sem par...

Espêlho indiferente e álgido como a vida,
não soubeste manter a imagem refletida,
mas que a minha memória, eterna, ha de guardar!

FLORES DA VIDA... FLORES DA MORTE

Venho para a visita costumeira,
vê-la, falar-lhe, ouvi-la, como outrora,
tal como o faço cada sexta-feira,
que é o triste dia em que ela foi se embora.

E é tal como si a doce Companheira
que, anos e anos, pelo tempo afora,
senti velando à minha cabeceira,
visse e escutasse, novamente, agora.

Sobre a terra, que os restos seus me vela,
abrem-se lindas, frescas e mimosas
jacintas, a lembrar o nome dela...

E flores novas sempre me oferece,
como em vida, me dava as perfumosas
flores de amor, de lagrimas, de prece.

TEU LIVRO DE ORAÇÕES

Abro o devocionário que trouxeste
tantas vezes nas mãos e em que rezavas,
quando, na paz do lar, meiga e celeste,
suas páginas claras esfolhavas.

Que de vezes, rezando, me fizeste
crer e confiar, qual crias e confiavas,
e, no teu gesto manso e bom, me deste
alento e força, em meio às lutas bravas!

Foste. O livro ficou. E eis que parece,
encardido e já gasto, a mesma prece
dêle evolar-se, qual no tempo antigo.

E ao vê-lo, é a ti que vejo, como outrora,
dado que me não foi ver, inda agora,
o velho livro envelhecer contigo...

AS MÚSICAS DE ANTANHO

Gosto de ouvir as músicas antigas
que, para mim, tocavas ao piano,
e que são como as límpidas cantigas
do nosso amor profundo e sobrehumano.

Escutando-as, revivo essas amigas
horas, em que êsse olhar, sublime e arcano,
sobre mim projetava o soberano
raio de luz, com que, a afagar, fustigas...

E o riso, morador das tuas faces,
a meiguice sem par com que acarinhas,
tudo, enfim, com que aos olhos meus renasces,

as horas inefaveis de ternura,
e as em que no desejo, ardente, vinhas
— tudo, ao ritmo, vive e ainda perdura...

RESSURREIÇÃO

I

Vives comigo muito mais agora,
do que quando ao meu lado te sentia,
e estás sempre aqui junto, muito embora
durmas ha tempos sob a terra fria.

Noutras si, acaso, o olhar se me demora,
busca-te o gesto, a voz, essa harmonia
das formas, que encontrei em ti, outrora,
cuja presença sinto, noite e dia.

Obsessiva, a imagem tua invade
meu ser, a ponto que te vejo e escuto,
no refletor perêne da saudade.

De tal geito dominas-me, impressiva,
que em mim vives, no eterno absoluto,
mais viva do que quando estavas viva...

II

Tenho-te em frente, aqui, constantemente,
assim, de corpo inteiro e de alma inteira.
O que foste ainda és, perfeitamente,
nesta cópia fiel e verdadeira.

É como si te visse aqui presente,
na expressão desse olhar tão altaneira,
no riso largo e franco e na imponente
magestade do porte sobranceira.

Vens caminhando para mim e vejo,
qual um dia tu foste, airosa e linda,
pômo a entreabrir-se ao sol do meu desejo,

a estender-me, num gesto donairoso
a mão em que sustens a taça, ainda,
do vinho desse amor tão capitoso!

TRES FASES

Antes de te encontrar, eu já previa,
noutras, o teu fascínio, adivinhando
os atributos que ia procurando
do teu Ser, na Beleza e Harmonia.

Depois que te possuí, em ti, fixando
o meu desejo, entanto a fantasia,
fóra de ti, buscava ver se havia
algo do encanto que me vinhas dando.

E hoje que te perdi, em vão procuro
noutras tua Beleza onipresente,
e me canso e me esgóto e me torturo,

na ância vã de encontrar-te em tantas belas,
e acabo persuadido, amargamente,
que tu foste a melhor de todas elas...

ÚLTIMO

Seja êste o meu canto derradeiro,
ainda a celebrar, já findo o outono,
tal como o fiz, no extase vintaneiro,
do teu império o sublimado trono.

Antes que vôle o espírito ligeiro
e eu durma, ao lado teu, o último sono,
quero deixar o documento inteiro
deste Amor feito de humildade e entono.

Quero que saibam todos os amantes
que Amor como êste nunca existiu antes
nem outro existirá, dominador,

porque, seja na dor, seja no goso,
na ternura ou no arroubo volutuoso,
nós fômos tudo um para o outro, Amor!

POEMAS DA SAUDADE

Oscarino Ramos

VISITA

Mais uma vez, esta ingreme ladeira
Subo.
La em baixo, a cidade, em festa, fulge.
Como está linda a manhã!
E, aqui, estás no teu túmulo branco...
Trago-te flores, flores cultivadas
Por tua Mãe, tuas irmãs.
Quantas vezes, aqui, venho, sosinho
Rondar teu ultimo berço.
Chamo pelo teu nome. E não respondes.
Certo, tambem, não oiço teu gemido,
Meu filho!
Vou para ti, na ansia de abraçar-te
Um dia.
Quando? Hoje? Amanhã? não importa!
Certo de que, perto de ti, ou longe,
No tumulto telúrico da terra
Sentirás entre atrito e contorções,
Pulsando
Meu velho coração desesperado.

CUIABÁ

Querida e desquerida, és tu, contudo,
Acolhedora.
Teus bairros, tuas ruas e teus morros.
Percorri aos efluvios das manhãs risonhas.
Anos e anos, foste, para mim,
Remorsos; fonte de sorrisos e dores.
Amei. Sonhei. Sofri. Lutei.
A vida — rio a correr!
Vou partir.
E levo, Cuiabá, em meus olhos velados,
Tua paisagem, tua vida, teus encantos.
Voltarei? Não importa!
Fica meu coração a errar em minha casa
E, lá em cima,
Na algidez de um tumulo branco.

Cuiabá, Fev. — 54.

MINHA CASA

Velha, grande, tranquila, és meu refugio
Quando a tempestade ruge.
Como uma ave medrosa
Acolho-me entre teus refolhos.
Tudo passa. Porque?
Porque sua bondade reina aqui
Entre os risos de Rosa, Maria, Ieda.
A minha casa é boa, grande, tranquila...
Abro as suas janelas.
Ai está, em frente, a rua estreita
Por onde a vida tumultúa e passa.
Nos fundos a ermida, cujos sinos álares
Quebram o silencio das madrugadas.
A minha casa é tranquila...
Nos gaiolas, os canarios trinam.
O repuxo murmura e as flores do jardim
Explendem:
Este meu gabinete, onde, antes, trabalhei...
Ali, a minha rede... Os meus velhos amigos
Que nunca mais me verão!
Contudo, a minha casa é boa.
Fumo. Entre os espirais do meu cigarro, sonho.
Por ventura, a felicidade existe?
Embora esvoaçante, ela anda por aqui.

CATEDRAL DE SÃO PAULO

Wanir Delfino César

Coração da Cidade impávida e gigante,
Num anseio febril, crescendo a cada instante,
Pelas serras além, ou pelo azul infindo,
Ergue-se a Catedral majestosa e sublime,
Na grandeza da Fé, que nos traduz e exprime,
E séculos em fora há-de irradiar fulgindo.

Canta-nos teu granito os feitos soberanos
Dos gloriosos varões dos quatrocentos anos,
Que a história dêste povo impertérrimo encerra;
Des que Anchieta plantou a primeira semente,
Até quando partiu aquela brava gente,
Para a posse imortal da minha linda terra.

Sintetizas tão bem aquêlo ciclo ousado,
Em que, sertão a dentro, andando lado a lado,
Aos ardores do sol, ou pelas noites calmas,
Enquanto o bandeirante estava em busca do ouro,
O missionário abria o lúcido tesouro
Das verdades da Fé, para salvar as almas.

Simbolizas, portanto, os dois ideais marcantes
Da bela tradição das eras bandeirantes,
Que são a Pátria e a Fé, sempre mais dilatadas:
És pura tradução dessa fulgente glória,
Perenizando assim, com brilho, em nossa história,
As façanhas viris dessas quadras passadas.

Tu nos falas também da fúlgida epopéia,
Em que se fecundou a encantadora idéia
De fazer do Brasil a pátria livre e forte,
Quando, como um trovão, a voz da liberdade
Fizera despertar a pequena cidade,
Naquela vibração do «Independência ou Morte!».

Monumento da Fé, a cuja luz brilhante
Nasceu e progrediu a terra bandeirante,
És um grande museu de louros imortais,
Onde vamos achar, qual um belo volume,
A nota singular de tudo que resume
A grandeza e o valor dos vultos nadionais.

Tu nos mostras, por certo, a página mais linda
De São Paulo cristão, desde a grandiosa vinda
De seu primeiro Bispo, até os nossos dias;
Desfilam por aqui, de em meio às tuas naves,
Os vultos varonis daqueles homens graves,
Que regeram a Sé, em prantos e alegrias.

Tudo no teu perfil, nas tuas linhas raras,
Nos infunde a impressão dessas almas preclaras,
Que souberam dosar a rigidez e a crença
Do povo que nasceu sob a luz do Cruzeiro,
Neste planalto azul onde, agora, altaneiro,
Se engrandece o Brasil, nesta cidade imensa.

És expressão, porém, do século presente
E ao ver-te bela assim, nossa alma, agora, sente
Que refletas ao vivo as três Mitras luzidas,
Que no século vinte engrandeceram tanto
A Igreja de São Paulo e deram mór encanto
Aos soberbos anais destas plagas subidas.

Teu gótico nos lembra a heráldica figura
De Dom Duarte Leopoldo, o Antiste da cultura,
O paulista genial, o Apóstolo acendrado,
Que soube idealizar-te, ó monumento novo,
Para em ti se encerrar tôda a alma dêste povo
Às verdades cristãs sempre identificado.

Vemos nesse esplendor das colunas potentes,
No solene fulgor dos teus arcos ingentes,
De Dom José Gaspar o ardente coração,
Cuja lembrança vive a iluminar as almas,
Apóstolo que foi das mais brilhantes palmas,
Pela Pátria e por Deus, em rápida ascensão.

Enfim, como troféu de excelsa maravilha,
Tua cúpula indica a Púrpura que brilha,
Hoje, glória da Igreja e glória do Brasil,
Que têm nessa palavra a intrépida defesa,
Contra as hostes do mal em sua audaz empresa,
Contra a dissolução em seu tremendo ardil.

Formosa Catedral, levarás aos vindouros
Tôda essa tradição, todos êsses tesouros
Da grandeza moral desta vibrante gente,
Que do seu existir no quarto Centenário,
Quís sob o teu dossel de augusto relicário,
Render a gratidão ao Deus Onipotente.

Pelôs anos além, nas fúlgidas memórias,
Que de Piratininga hão-de cantar as glórias,
Hás-de atestar também o valor da doutrina,
Que inspirou tudo aqui, desde o seu nascimento,
Orientou na incerteza e guiou no crescimento
E, agora, no apogeu, banha de luz divina.

São Paulo, Janeiro de 1954

TRES SONETOS

Alyrio de Figueiredo

A CONFISSÃO DA CIGARRA

A Deocleciano Martins de Oliveira

Dona cigarra cantadeira e esguia,
Levando vida efêmera e bizarra,
Numa tarde outonal contou-me, um dia,
Que na terra somente foi cigarra.

E si não trabalhava, não pedia;
Na terra só foi musica, guitarra,
Enchendo-a de canções e de alegria,
Simplesmente, na terra, só cigarra.

— Dona formiga bem mentiu, perdôa;
Não lhe bati nunca, jamais, a porta,
Mesmo em noites de bruma e de garôa —

— Fui hino, fui canção, nunca elegia,
E morro — folha sêca — mas que importa
Si cantei e animei a quem me ouvia! —

ULTIMO ABRIGO

A Julio Costa

Ô conhecida minha, de menino,
Velha arvore da minha mocidade,
Quando ao subir teu tronco, ao desatino,
Bem te não via a sombra e a suavidade.

Do rosicler da aurora ao sol a pino,
Correndo varzeas, n'uma alacridade,
Nem sonhava sequer de que o destino
Te reservava para mim. Bondade!

Não vais ao encontro de ninguém; no entanto,
Tens os braços abertos á fadiga
Dos fugitivos tremulos, em pranto.

E da vida ao fugir dos espantalhos,
Perdôa-me por tudo, arvore amiga,
Na acolhida materna dos teus galhos.

ARVORE DO MEU TERREIRO

A Sabino José da Costa

Esta arvore, por certo, me comprehende
Como a comprehendo: amiga, linda e bôa.
Rendo-lhe amor, e amor, ela m'o rende,
E, no oscilar dos galhos, me abençôa.

Quando ao calor do estio e alto ressôa
Das cigarra a voz, que alem se estende,
Minhalma, em joelhos, gratidão lhe rende,
E ela de folhas verdes me corôa.

Pois este galho de arvore que ampara
A cadeira em que leio e m'a sombreia,
Bem externa sentir de cousa rara:

Querer um ramo galardoar o poeta
Que, afastado dos homens, se recreia
Com rever mundos de ouro, que architecta.

(Do livro a sahir: — Sonetos & Epigramas)

SONETOS e HAIKAIS

Rubens de Mendonça

CÁCERES

De Luiz de Albuquerque a epopéia gloriósa,
Para perpetuar da fama a valentia,
Mandou-te edificar cidade tão formosa,
Cáceres gentil—linda Vila Maria!

No sólo português nasceste esplendorosa,
Qual uma fortaleza eras tu que impedia
O avanço Castelhana e se erguia orgulhosa
Na fronteira da Pátria em plena galhardia!...

Vila Maria foste o exemplo da bravura
Onde da Lusa gente ainda a glória fulgura
No ocidente da Pátria altiva e varonil,

Lembras Luiz de Albuquerque, esse fronteiro ousado
Que as terras de Castela havia conquistado
Para extensão maior dar ao imenso Brasil!...

QUEIMADA

Vai... E com as próprias mãos de barbaro ateia
O fogo à mata e vai destruir a floresta!...
Pois ele na amplidão, como um corsel vagueia
Em chammas multicolor em delirios de festa!

E a labareda no ar — devora e incendeia
A arvore secular e a natureza infesta...
Ora lenta a vagar, ora se aviva e alteia
Destruindo o sertão com bruteza funesta!

Homem! A arvore é bôa, ela dá sombra e fruto,
Nessa louca ambição na estupidez de um bruto,
Desertos, faz, deixando as matas desoladas!

Depois o inverno vem! E em vingança a terra,
Quando a chuva chegar — ela lhe move guerra;
E obriga-o a beber as cinzas das queimadas!...

VOLTA

Esquecer-te jamais! Anseio por tua volta!
Meu quarto está vasio e o meu mundo deserto!...
Ando ao léo qual se fôra apenas folha morta
Sem ter vontade própria e sem destino certo.

Leio, fumo, medito e nada me conforta!
Que me adianta viver sem de ti estar perto?
Que me adianta o Mundo; a vida que me importa
Se de beijos teu corpo eu não deixo coberto?!...

Sei bem que hás de voltar! Já presinto teus passos...
Frio, receberei os teus beijos e abraços,
Sem que percebas tu, minha grande emoção!

Indiferente a fingir, apenas na aparência!...
O meu amor por ti tem tal incandescencia
— Que eu preciso esconder de ti minha paixão!

HAIKAIS

1

Aquele que a si se dá
Imensa importancia,
Por certo nem sempre a tem!

2

Quem de ser muito estimado
Vive a proclamar;
O seu Amo nem lhe ouve!

3

Pedra que se atrai no ar...
Quasi sempre cai,
Na cabeça de quem joga!

4

Já Confúcio assim falava:
Que depois de um dia,
Há uma noite de um dia!

A MATOGROSSENSE

A. Tolentino de Almeida
(Patrão da cadeira 39)

Quanta ternura o seu olhar revela!
Que negro lustre tem o seu cabelo!
Que rosada e sutil a cutis bela
e o seio, um ninho do maior desvelo!

Qual da palmeira bem a prumo é o dela
formoso talhe: quem não pensa ao vê-lo?
Que música no andar, que olhar tem ela
que nos provoca a um amoroso apêlo!

Morena Venus desta terra amada,
quem a vê, tão singela de artificios,
não diz que a alma possui ardente e ousada,

nem supõe, nêsse aspecto langue e brando,
que é capaz dos mais duros sacrificios,
mesmo na guerra, entre os canhões troando!

A IMAGEM DELA

Hélio Serejo
(membro correspondente)

Tudo acabou, um dia, de repente.
Não quis você a minha confissão;
um, olhar, um arrufo... e indiferente,
cruel, nervosa, me estendeu a mão...

Não sei porque, não pude dizer nada
— a tarde vinha assim em tons de rosa—
fiquei parado, mudo, na calçada.
Você desceu a rua, silenciosa...

Rodei, vagando e assim vivi penando,
revendo em tudo a luz dos olhos dela;
e quantas vezes não dormi chorando?

Mesmo já velho, pela senda infinda,
meiga, suave, delicada e bela,
a sua imagem me persegue ainda...

A ADÚLTERA

Hélio Serejo
(membro correspondente)

Avança a turba tôrva e alucinada;
para na praça e grita fortemente:
— Manchou o lar! será apedrejada...
E gesticula e fala, impaciente...

Ergue do chão o olhar o Nazareno
e para castigar a que pecou,
tão cheio de indulgência quão sereno,
pergunta:— Qual de vós que nunca errou?

Silêncio intenso. E a massa vil, mesquinha,
do Deus onipotente se avizinha,
beija-lhe os pés e vão-se, os fariseus...

Quantos existem por aí, na vida,
que censuram a falta cometida,
sem refletir, jamais, nos erros seus!

MACHADO DE ASSIS, CONHECIDO

Antônio de Arruda

A vida e a obra de Machado de Assis têm sido um dos temas por assim dizer permanentes em nossa história literária. Nenhum outro escritor se lhe avanta quanto ao interesse e curiosidade que despertou ente contemporâneos e pósteros. Emergindo de lar obscuro do mórro do Livramento, Machado de Assis atingiu o ponto culminante da literatura brasileira, onde pairou solitário, numa superação absoluta ao tempo e ao meio em que viveu. A lenta e segura ascenção dêsse grande espírito constitui um dos mais notáveis exemplos de vitória do esforço sôbre a pobreza, a hostilidade ambiente e as precárias condições físicas. Daí a atração que a história de sua vida e o espetáculo da arte inconfundível de seus livros continuam despertando entre as novas gerações que se seguiram ao desaparecimento do escritor.

Ainda agora, à bibliografia machadiana se acrescenta o magnífico volume «Machado de Assis Desconhecido», de R. Magalhães Júnior. O livro trai a profissão do autor, é obra principalmente de jornalista, que se compraz nas pesquisas, na documentação, na lisura informativa. Entretanto, a preocupação máxima do escritor cearense foi a de refazer o retrato convencional de Machado de Assis, desfigurado pela maioria de seus comentadores e biógrafos. Procura Magalhães Júnior eliminar, por exemplo, certas lendas que correm impressas sôbre o autor de «D. Casmurro», que o fantasiam como absenteísta, avêso à política, alheio aos grandes acontecimentos do seu tempo, e, além disso, frio, egoísta, sem comunicabilidade e sem bondade. Grande parte do livro é destinada a analisar e destruir essas lendas, o que, diga-se, foi feito com rara mes-

tria e completo conhecimento de causa. Esta matéria é que deu justamente origem ao título do livro, e a intenção do autor foi a de tornar Machado de Assis verdadeiramente conhecido, sem as falsas apreciações que lhe deturpam a personalidade.

Magalhães Júnior confessa que muitas das pesquisas que empreendeu foram iniciadas por outros, sendo que, neste ponto, o seu trabalho consistiu em dar-lhes maior acabamento. Realmente, assim foi, e, dentre êsses antecessores, é de justiça alinhar-se o Prof. Cesário Neto com o penetrante ensaio «Na Pista de Rocinante». Trata-se de opúsculo publicado em 1928, que já então versava os mesmos temas que ressurgem agora, com grande evidência, no livro que comentamos. Elaborando êsse trabalho aos 25 anos de sua idade, Cesário Neto patenteava já as qualidades que haviam de transformá-lo numa das mais altas expressões culturais de nosso Estado.

«Na Pista de Rocinante» surgiu como refutação às diatribes que Luís Murat havia assacado contra Machado de Assis, aliás analisadas agora detidamente por Magalhães Júnior. Apegando-se a uma apóstrofe que teria ouvido, anos antes, a José do Patrocínio, Luís Murat escreveu a respeito de Machado uma página das mais cruéis e injustas. Rebatendo os argumentos do poeta, Cesário Neto procurou desmentir algumas das lendas que se criaram em torno de Machado de Assis, e que constituem exatamente a matéria principal do livro de Magalhães Junior.

No que se refere à questão servil, mostrou Cesário Neto que Machado de Assis, conquanto não tenha sido orador de comícios, estava longe dêsse absentismo que muitos lhe atribuíram. «Não falando em Castro Alves, escreve Cesário Neto, é talvez um dos nossos intelectuais em cuja obra o vilipêndio da instituição negreira despertou mais funda revolta, sob o aspecto, porém, humano e profundo que asumia aos seus olhos de filósofo aquilo que a outros pudera parecer mero pretêsto de revolta contra a monarquia — cousa que afirmo sem deixar de ver a grande significação moral do movimento e a intenção humanitária dos seus inspiradores e dos seus epígonos». Enumera a seguir os contos e crônicas em que palpitam a revolta e a piedade contra a escravidão, inclusive aquela em que Machado confessa ter participado das comemorações do 13 de Maio. Enfim, conclui Cesário Neto, Machado de Assis nunca demonstrou indiferença pelos

movimentos sociais da época, embora não tivesse, nem lhe seria exigível, a pretensão de transformar-se em condutor de homens.

Quanto ao egoísmo, à frieza de Machado de Assis, enumera Cesário Neto os nomes dos que não puderam «esquivar-se àquela atração de simpatia que irradiava do seu praticar discreto, fazendo-se admiradores profundos e enternecidos do homem, não somente do escritor». Relembra também as crônicas de Machado que denuncia sentimento pela morte de pessoas conhecidas e de vultos eminentes da literatura e da política. «Em tudo isso há vibração pessoal, há interesse imediato pelos homens, há a expressão de um caráter nobre, elevado e bom, há um homem, afinal, que não foi um monstro. Este é o egoísta, este é o homem insensível!»

Ainda no capítulo do egoísmo, rebate Magalhães Júnior a falsa tese dos que procuram explicar o autor pelos seus personagens. Quanto a isto, Luís Murat, acentuando apenas o aspecto amável, sorridente e espirituoso do humor, quis excluir Machado da categoria dos humoristas, em cuja convivência não caberia quem despreza e odeia a humanidade. Entrando a fundo no âmago do humor, através dos maiores representantes desta feição literária, Cesário Néto, lhe põe em evidência também a outra face, que se caracteriza pela revolta, pela dor e pelo pessimismo. E se o humor se traduz, às vezes, numa visão pessimista e amarga dos homens e dos acontecimentos não significa que o seu cultor seja essencialmente mau e egoísta, porque «se há revolta na sua obra, não é contra a pobre humanidade sofredora, é contra as garras inexoráveis do destino, é contra a natureza, mãe e inimiga, é contra o infinito, que nos encerra na jaula eterna do sofrimento — é uma revolta em que há desespero, porém, contida e velada, é revolta chorada».

Aliás, salienta com acuidade Cesário Neto, os personagens de Machado não são propriamente maus, são humanos. «Se são maus, a vida é que os faz assim, a vida, esse tufão de egoísmo, de ódio, de vaidade, de ambição, de sandices, que não é ninguém e somos todos nós».

Lamento não me ser possível ampliar as citações, que alongariam demasiado este trabalho, posto lhe dessem melhor do que poderia conter. Em todo caso, parece demonstrado que para nós de Mato Grosso, em que pese a Magalhães Júnior, Machado de Assis já era bem conhecido...

BLAGUE OU NO-SENSE DE PAPINI?

Cesário Prado

Vá para o diabo esse costume de se extratar pensamentos de autores celebres e se organizar com eles providenciais cadernos de nótas ou ficharios, com que possamos acudir do pé para a mão a nossa falta de idéas próprias ou originais. Por imitação adquiri esse máo habito tão logo nasceu-me a infeliz aspiração de fazer-me literato. Enchia laudas de papel com os significados de palavras nóvas para mim e ia assim adquirindo consideravel cabedal de sinonimos; vi depois que entre estes ha tal gradação de significação, que na verdade não existem senão para os de entendimento obtuso, incapazes de perceber as nuances dos termos e das coisas... Passei então a encher tira de almaço para encaixes apropriados, isto é, vindo a talho de foice, entre aspas ou precedidos, os pensamentos alheios, pela maneira usual: Como diz o principe das letras, na opinião de beltrano ou conforme bem expressa sicrano, etc. etc. — citações de muito efeito no realce do escrito, embora Cervantes não se valha do recurso de citar os autores, considerando isso como ridicula mostra de erudição barata, mas não deixa de pilhar na seara alheia com largo desembaraço, omitindo sempre o nome dos donos dos campos de suas respigas, como confessa no «D. Quixote», para nosso ensino e proveito... Prosseguiríamos na pratica do condemnavel vezo, se não a encontrasse recomendada por um desses manuais baratos com que se enriquece a industria livreira, esvasiandonos sem dó as algibeiras, nos quais se nos propõe o ensino de como se adquirir energia ou como se aprende a pensar, que é o caso em tése, se já não o perdi de memória e encontro o fio do que ia dizendo... Mas desde que tal metodo tem tal preconicio e neste vejo um fim comer-

cial, passei a detesta-lo e a estudar todos os seu inconvenientes. Entre as suas desvantagens, incluo com letra cabidula, o caso inegavel de importar em verdadeira mutilação do autor, porque, notem bem, uma frase apanhada a solta num discurso póde ter a significação que lhe queiramos dar ao transcreve-la, completamente diferente da que o autor teve em mira, e isto ou por ma fé da nossa parte, ou por um parentesis da nossa inteligencia, ou melhor, por um colapso de entendimento proprio que nos vem fechar num circulo de obscuridade o entendimento das idéas alheias...

Exemplifiquemos. Depois da tragedia cerebral por que passou e de que emergiu com os raios luminosos da Fé, escreveu Papini que *la filosofia é quela cosa com laquale ou senza laquale, il mondo rimane talequale*. Ora, assim solta no meu fichario, não posso atinar com o sentido de tal sentença. Ou será que não o tem? Papini, sabe-se, grangeou nome como filosofo, pelo menos encontro-o diversas vezes citado na obra de William James, como o «nosso jovem discipulo» ou o «jovem filosofo Papini» e por outras fórmulas além, em pontos de interpretação do pragmatismo.

Eu penso candidamente que a filosofia é apenas a humana atitude indagadora do Universo; que procurando, conhecer ou descobrir as causas primarias e finais ou mais modestamente, apenas as leis que regem os seus fenomenos, estamos sempre, á sombra dos platanos de seus jardins, em meditação perquiridora sobre nós mesmos ou sobre o estranho e ignorado mundo em que vivemos, em formulação de problemas para os quais armamos inumeras soluções, sempre visando compreensão satisfatória já por partes, já mesmo na totalidade de nossas percepções. Dizer ou proclamar a inanidade desse esforço que nos eleva na escala do conhecimento, parece-nos despauterio igual a negar a validez da ciencia ou a validez ainda mais clara do misterio da religião.

Se banindo de seu sistema filosófico, a indagação das causas primarias e das finais, Comte não edifica nada porém destróe a propria filosofia, como com clareza genial o compreendeu o nosso Farias Brito; se o pragmatismo de James é apenas um metodo capaz de nos conduzir a todos os sistemas de filosofia e até á Verdade da religião, como querem muitos que lhe fizeram a critica, entretanto, certo é que tal atitude indagadora, *id est*, filosófica, é o movel constante do espirito humano para as

conquistas da ciencia ou para o consolo da Religião. Pois bem, negar-se que a Religião ou a Ciencia não fôrman ou transformam o homem e o mundo, é postar-se em attitude contraria á evidencia dos factos: só a religião encaminhou o homem para a civilização e só a ciencia lhe dá o dominio da materia em que se move, e como uma e outra são o mesmo resultado da attitude indagadora — isto é, da filosofia, é esta, senão a primeira, uma das maximas forças operantes das transformações do mundo, o mundo em que vivemos, é claro, e que apezar das afirmações e negações de Papini e quejandos, por ela não permanece talequale, *senza la quale ó con laquale*. Foi pela Fé abraçadora da alma, que o homem se lançou sobre o mar em fragil lenho e abriu caminho para desconhecidas terras e onde chantou a cruz da civilização atual. Foi pela ciencia que descobriu e descobre o mundo invisivel das pequenas vidas e como Pasteur multiplica as vidas no perene milagre da perpetua renovação entre a vida e a morte, na decifração de cujo enigma inclina o homem humildemente a cabeça para a luz de Deus, sua méta final e que a sã filosofia não nega como a Causa das causas que longe percebe embora não a possa explicar...

Boutade, blague ou no-sense, pilheria ou cousa que o valha, é pois a sentença de Papini, se a não truncamos por efeito do extrato...

Rio, 30-3-49

ELA!

Virgílio Corrêa Filho

Menina e moça, não titubeou em iniciar a viagem sentimental, alongada por quatro décadas, que lhe proporcionou ensejo de revelar a personalidade peregrina da mulher forte, consoante o modelo das Escrituras.

Não se prezava de formosa, preferindo cultivar as qualidades morais, que se foram aprimorando progressivamente, à medida que se lhe deparavam empecos à marcha ascendente.

Sabia que faltava estabilidade à vida do pretendente ao seu afeto, mas, ainda assim, decidiu premiá-lo com a sua preferência.

Indício evidente da mobilidade, a que estaria sujeita, em consequência da escolha espontaneamente deliberada, o primeiro dia de noivado coincidiu com a partida de sua família para memorável excursão de recreio.

A natureza, então, floria nas galas da primavera nascente, acorde com as efusões dos dois passageiros privilegiados, a quem a vida se exhibia pelos aspectos mais deliciosos.

Era como que o prolongamento do lar paterno sôbre as águas bonançosas do rio acolhedor. Dir-se-ia especialmente adornado para festejar o promissor acontecimento familiar.

Com a peregrinação, também terminou, ao fim de venturoso mês, a convivência diária do par feliz, que as exigências profissionais em breve separariam.

Encontravam-se, porém, de quando em quando, até que as circunstâncias propiciaram a realização da acertada aliança, logo seguida pelo afastamento dos pais, de regresso à terra natal.

Deixaram a filha estremecida confiada à dedicação do seu jovem esposo, com quem, dias depois, também empreendeu viagem.

Não, todavia, para tornar ao lar distante, onde pudessem se confidenciar às amigas quanto se julgava ditosa, mas para se internar, sertão a dentro, na companhia de quem abraçara a profissão de aplanar os obstáculos naturais e preparar o conforto para gozo da coletividade.

Não lhe seria fácil a substituição do ambiente alegre e comunicativo, a que se habituara, desde a infância, pela segregação social, a que se viu reduzida, em povoado diminuto, constituído por humilde gente desconhecida.

Aí se patentearia, entretanto, uma das suas características, a sociabilidade insinuante. Em breve prazo, inquilina da melhor casa local, desprovida, não obstante, de comodidades, a que se achava acostumada, assenhoreava-se da estima das pessoas simples dos arredores.

Todas lhe manifestavam amizade, que se evidenciou com mais tocante exuberância, por ocasião do nascimento da primogenita, que as mobilizou, em provas de expressiva solicitude, de que resultou a ladainha na Capela, promovida pelas zeladoras, na ausência do vigário.

Rezaram com fervor pelo bom sucesso da forasteira, que lhes grangeara a pouco e pouco a simpatia.

E não foi sem saudade que se transferiu para outras paragens, quando as contingências do serviço a levaram para mais longe, sempre decidida a enfrentar os percalços da profissão, desde que não lhe faltasse o desvelo do companheiro a quem abnegadamente confiara o seu destino.

Mal estanciava em algum local e logo entabolava relações com os seus moradores, repetindo a mesma faculdade, que distinguia o seu venerando Pai.

Não mais lhe ouvia os conselhos em cada caso, distantes como se achavam, mas os exemplos antigos serviam-lhe de guia certo, que as tendências pessoais auxiliavam.

Em vez de se queixar da solidão, em contraste com a casa paterna, frequentada por amigos em profusão de vários níveis sociais, não lhe custava adaptar-se perfeitamente às circunstâncias e imprimir ao próprio lar os encantos da sua personalidade, que floresceu, pujante, em novos rebentos.

Deles se orgulhava, com justos motivos.

Eram-lhe filhos, mercê do nascimento e, mais ainda, da formação moral, em que se desvelava, como igualmente da criação bem cuidada.

Mãe estremosa, considerava-os sempre carecentes dos seus carinhos e assistência, ainda quando, já emancipados, iam formar novos ninhos.

Se assim procedia sempre, com mais razão lhe mereciam maior solicitude na infância.

Mais de uma vez salva-los-ia de prematuro desaparecimento, graças à intuição médica, de que se ufanava, por herança paterna.

Observadora sagaz, atentava nos fenômenos, que descrevia com fidelidade aos facultivos, em sua linguagem isenta de termos empolados.

E ajudava-os a precisar os diagnósticos e também a aplicar os tratamentos prescritos, até que o doente se restabelecesse, por ação dos remédios, sem dúvida, mas grandemente auxiliada pela vigilância incansável e arguta da enfermeira efficientíssima.

A defesa da saúde dos entes queridos começava pelas precauções que praticava, como sanitarista improvisada, a quem faltaria o curso regular de alguma escola especializada, mas sobejava singular perspicácia, pronta em reter os ensinamentos dos sabedores, quanto os visse em harmonia com os meios de ação de que dispusesse.

Sómente falhou uma vez, quando a própria medicina, indecisa, mudou de diagnóstico, que desejou elucidar, por meio de autopsia.

Iria, então, verificar a hipóteses verdadeira, entre as várias admitidas, caso lhe fosse concedida a impossível permissão.

Salvo esse caso fatal, que lhe amargurou dolorosa fase da existência, em que perdeu a filha caçula, quando já prometia, ainda infante, extremar-se pelos mesmos atributos maternos, de todos os demais triunfou galhardamente, graças à sagacidade e devotamento ao enfermo, protegido pelo desvelo maternal.

Se desta maneira atuava, em ocasiões de crise de saúde, mais contínua assistência envolvia a prole sadia, livre de fazer tudo quanto não lhe contrariasse os severos princípios morais.

Embebida de ensinamentos que trouxera do berço, timbrava em transmiti-los aos seus, com o fervor dos formadores de almas.

E completando a herança avoenga, que lhes estuava nas veias, moldava-lhes a personalidade, com a perícia de exemplar educadora.

Entre a escola e a igreja, o seu lar agia incessantemente, como ativo laboratório, onde se realizavam as reações supletivas, e, não raros, também corretoras.

Embora jamais tivesse estudado pedagogia, o seu bom senso divinatório por vezes impugnava certas práticas escolares, por inoperantes, ou até nocivas à maioria dos estudantes.

Prova de que acertara nos seus processos empíricos, mas norteados pela intuição, conseguiu completar a formação dos filhos de cujo procedimento se ufanava.

Regozijava-se ao acompanhar-lhes a ascensão nos estudos, do nível primário ao superior, quando o empreendessem, com a perseverante decisão de ultimá-los a contento.

Alegrou-se ao vê-los encarreirados, cada qual segundo a sua vocação, que não visava a nenhum enriquecimento rápido

A escola, em que pontificava de continuo, incutiu-lhes, de preferência, a noção dos deveres a cumprir, antes dos direitos, que porventura lhes assistissem.

E dava o exemplo pessoal, da limitação das suas aspirações ao mínimo compatível com a sua posição social, do acentuado relevo, que avultava, à sua revelia.

Não a pretendia, mas a aceitava, quando resultasse de circunstâncias relacionadas com o trabalho que lhe competia.

Reconhecia a conveniência de refrear a expansão do âmbito social, em que operava. Não obstante, percebia também a dificuldade do contrariar o gênio comunicativo, que a fazia estimada de quantos a conhecessem.

Fossem pessoas humildes, que se encolhiam, ressabiadas, as primeiras interpelações, para depois se abrirem, confiantes, às suas indagações, fossem sabedores, reunidos em Congressos, de quem se aproximasse, despretenciosamente, sem intuits de concorrência, apenas com a sua qualidade humana, de compreensão amistosa, todos se deixavam seduzir pela simpatia irradiante, que a individualizava.

Mais sublimava, naturalmente, entre os da numerosa família, que lhe reconheciam o primado no agremiar os parentes, não porque a realçasse a idade, muito menos a posição social, nem a melhoria financeira.

Era a sua própria pessoa, que os atrativos morais, cultivados ao calor de ambiente propício, que se empenhava em manter, viva, a flama da amizade envolvente.

Reinava entre os íntimos, que se apraziam em atender-lhe às convocações para simples palestras a qualquer pretexto.

Recebia-os com atraente amabilidade, própria a fazê-los esquecer as suas preocupações, quando alguma os atormentasse na ocasião.

Vinha-lhe, sempre à hora, a palavra oportuna, que desejava cada um ouvir a seu respeito, como também o assunto, de agrado geral.

E quando lhe coubesse tecer algum comentário aos fatos trazidos à baila, ou a pessoas, não tardaria a encantar os ouvintes, com as suas apreciações, polvilhadas de humorismo e graça.

Quando quisesse provocar-lhes o riso acentuava o lado cômico da vida, de maneira incomparável. Sabia agradecer a propósito e pela imitação da voz alheia ou dos gestos, conseguia efeitos surpreendentes em que os mesmos escolhidos modelos se compraziam, por compreenderem a ausência de malícia nas pilhérias, que os envolvessem.

Por isso não havia dissidente contra o seu domínio social, por todos acatado, e mantido pela vivacidade mental e expansão afetiva.

Velhos ou jovens, todos se deixavam enlevar pela sua afabilidade isenta de artificialismos. Especialmente as crianças, que lhe reconheciam a espontaneidade do acolhimento.

E como fosse admiravelmente feminina, alegrou-se com a vinda do primeiro neto, que lhe alagou o coração de aleluias.

Soube ser avó, ao rodear-se dos tenros seres, que lhe deram novo sentido à felicidade do lar.

Queria vê-los contentes e sadios e, para tanto, não se poupava a nenhuma canseira, que fosse beneficiá-los.

E a sua maior magoa, nos últimos tempos, quando supeitava não mais recuperar a saúde esvaecente, derivava da interrupção da assistência, que lhes desejaria prestar, até os ver emancipados, como sucedeu aos filhos, em cujo êxito se espelhavam as suas mais cara aspirações.

Esforçava-se em prepará-los para a vida de trabalhos e regozijava-se com os seus triunfos nas profissões em que todos exceleriam.

Não sómente os educara para o cumprimento cabal da missão escolhida livremente, como ainda lhes infundira a recíproca de sentimental, evidenciada na dolorosa fase de suas provações.

Queria-os perto de si, para seu conforto, como repetia frequentes vezes, antes que se lhe engravessem os sintomas, sómente contidos por medicação heroica.

Nas últimas semanas, quando se acamou, para não mais se levantar, jamais deixou de ter ao seu lado um dos seus filhos, que se revezavam de duas em duas horas, pela noite a dentro, e mais espaçadamente, no decurso dos dias angustiosos.

Dispensara enfermeiros profissionais, pois julgava os seus entes queridos suficientes em número e capazes de seguir à risca as prescrições do médico assistente.

Afilhado dileto, lastimava, mais do que ninguém, a carência de recursos médicos para combater o mal, que diligenciara erradicar totalmente no primeiro embate, ultimado com exímia perícia e conseqüências promissoras.

Mas, semelhante às fagulhas que saltam aceiros e rios, incendeiam as glebas vizinhas, na margem fronteira à faixa onde a queimada esmoreceu, também o assalto maligno não se conteve nos contornos em que fôra dominado.

Não obstante, aplicada com a máxima competência e fervor filial, a medicina revelou-se impotente, apesar de todos os progressos modernos, para abafar as labaredas, que se expandiam inexoravelmente.

Com a lucidez perspicaz de que era dotada, a paciente considerava as diversas fases do tratamento, a que a submetiam, e tirava as suas conclusões, em geral pessimistas.

De tanto lhe dissimularem, porém, á vista indagadora as apreensões reinantes, ainda admitia, de quando em quando, pudesse restabelecer-se inteiramente.

Se o conseguisse, comentava, seria mais por efeito dos carinhos, que a envolviam, do que em conseqüência da medicação apenas sintomática.

Semelhante consolo um só momento não lhe faltou.

Mãe, assim era verdadeiramente a madrasta que esmeradamente a criou e educou com desvelos maternos, irmãos a começar do clínico de nomeada, que lhe fortalecia o ânimo, cunhados, filhos a que se irmanavam genros e noras, netos, sobrinhos, amigos mais próximos, todos à porfia, lhe testemunhavam devotamento, ansiosos de atenuar-lhe as angústias. Não bastou, todavia, o fervor de tantas afeições, para lhe restaurar a saúde declinante.

Os sofrimentos progrediram, aguçando-lhe a inteligência, como evidência a oração que, em momento mais aflitivo, improvisou mentalmente, e no dia seguinte reduziu a escrito, como último autógrafo indicativo de sua clara letra.

Embora convictamente religiosa, não se entregara ao misticismo, fora desse transe.

Como, porém, lhe era habitual o uso da pena, não lhe custou traduzir a preceito o que sentia.

Antes, escrevia abundantemente e assim mantinha sempre viva, à distância, a lembrança da sua palestra encantadora.

Sómente para os íntimos, porém, com os quais se correspondia frequentemente, por meio de cartas minuciosas, em que pudesse comunicar os seus sentimentos e idéias, sem reboços de linguagem.

A espontaneidade na redação constituía-lhe a nota dominante, que não excluía a emoção, nem a graça no dizer o que pretendia, sem pretensões estilísticas.

Como se dirigia apenas à destinatária e, quando muito, à sua família, não fazia restrições mentais, acaso necessárias diante de estranhos, que não lhe compreendessem o temperamento afetuoso e gracejador.

Como se expressava de coração aberto grangeou entre os parentes, a fama de epistológrafa admirável, cujo silêncio, nos meses últimos, os ausentes estranharam.

E instavam-lhe pelas respostas, a que tinham direito, por ignorarem o agravamento do seu estado, que não mais lhe permitia cuidar da correspondência.

Afinal, acalmadas as dores, recebidos os derradeiros sacramentos, findou a sua existência benfazeja, cuja mais fiel definição rompeu do desabafo lancinante de quem tinha autoridade, mais do que outrem, para interpretar, entre lágrimas, o sentimento da grei consternada: «acabou-se a nossa alegria».

E a casa, outrora risonha, enlutou-se, em silêncio, respeitado pelas centenas de pessoas que a visitaram, assim que se divulgou a notícia.

Prova de quanto era benquista cresceu-lhes o número progressivamente, até, por fim, transbordar para o jardim e passeio contíguo, quando se tornou difícil a passagem pelo portão, sempre franqueado aos benvindos.

De momento, porém, a aglomeração de visitantes obstou o trânsito, já perturbado por dezenas de coroas.

Muitos se mostravam surpresos com o triste desenlace por não terem tido notícia alguma da doença, cuja evolução apenas os íntimos conheciam.

Não obstante, como lhe sucedera em vida, não havia diferença de classes sociais nas homenagens de veneração a quem soubera cultivar amizades duradouras.

Não destoaram de suas previsões, quando, sadia, ainda, em momentos de bom humor, afirmava que lhe seria numeroso o acompanhamento fúnebre.

Assim ocorreu, em verdade.

Desde o velório, edificante pelo respeito silencioso, entrecortado de orações, em voz alta, que santificavam o ambiente de angustia, até a hora da partida da casa onde vivera por longo e venturoso período, ser-lhe-ia do agrado a reunião de tantos amigos, caso pudesse notar-lhes ainda a presença.

E quando rodou o féretro, pelo trajeto que profetizara, parecia que estavam cumprindo as intruções esboçadas entre gracejos.

Análogas homenagens ainda lhe realçariam os méritos sociais, por ocasião das exéquias, que levaram à Igreja da Candelária número incomum de assistentes.

Repleta, evidenciava a estima da sua coletividade por quem não mais poderia servi-la, como lhe era hábito.

Em desfile, que durou mais de tres quartos de hora, conforme verificaram vários observadores, os comungantes, nos mesmos sentimentos, expressaram a sua consideração e apreço à memória de quem deixou de sua trajetória pela vida, dignamente vivida, suaves recordações de amor ao próximo e solidariedade humana, explicativos da consagração impressionante, empreendida por mais de mil pessoas amigas.

E, morta, acompanharam-na os «pensamentos idos e vividos», que ditaram esta melancólica e sombria página de saudades.

O ANTI IMPERIALISMO FICCIONAL DE E. M. FORSTER

A. Casemiro da Silva
(membro correspondente)

Ao dar ao prelo, em 1924, a novela «A Passage To India», Edward Morgan Forster não tinha, com suas obras ficcionais anteriores, conseguido o lugar de rélevo literário que hoje desfruta, não sendo, no panorama eduardiano das letras inglêsas do princípio do século, figura de realce. O seu tema, que versava assunto de magna importância de vez que tratava da posição, individual e coletiva, do inglês na Índia, aliciou logo a atenção da intelectualidade britânica e deu ensêjo a não poucas controvérsias. É que o livro continha uma reação um tanto inesperada contra a desumanidade social que se consubstanciava nos limites daquele imperialismo que Rudyard Kipling vinha, desde o meado da era vitoriana, pregando em patrióticas estrofes, otimisticamente crente em uma perpetuidade que as duas guerras mundiais se encarregaram de anular. Colidia, assim, especificamente, a ficção nova com tudo o quanto a poética candente do autor de KIM pontificava. Em traços largos o tema, em que se enquadra ampla especulação sôbre as incompatibilidades psicológicas de duas raças, diz da incapacidade da remoção das barreiras que separam os dois grupos, suzeranos e colonos, de modo que se defrontem no terreno plano de uma igualdade relativa, despidos das artificialidades que impõem os complexos raciais. É uma das melhores novelas do Século Vinte, no dizer de vários críticos inglêses, por ser um esplêndido estudo saído da pena de um europeu da mentalidade indiana de boa casta, por conter em si uma atilada

confrontação de valores espirituais no antagonismo entre o oriente e o ocidente e por trazer em si as relevantes qualidades de conteúdo literário de que o autor já dera mostra em vários livros anteriores. Entretanto, os que conheciam a Índia na época da ação da novela aventam a hipótese de ser o comportamento britânico exagerado por Forster que talvez triste de presenciar cenas de arrogância e extrema incivildade, assim o fizera por espírito de humanidade. Sem a contundência combativa de George Orwell, o anti-imperialismo de Forster, tal como se apresenta no livro, é antes doutrinário e até suasório. Não sugere um abrandamento da política dos seus compratrícios, exercendo, dentro de um conceito individual, e com uma ampla liberdade, uma suzerania que êle jamais poderia praticar, mas se coloca num plano até então ausente da ficção inglesa, o de ventilar o problema do antagonismo racial, ainda recoberto das areias levantadas pelo simum imperialista da poética marcial de Rudyard Kipling e Conan Doyle, com um propósito de advertência de quem presente o futuro quando põe na bôca do indiano Aziz um comentário profético: «que a proxima guerra seria o tempo de sacudir a India o jugo estrangeiro». Rose Macaulay, ensaísta inglesa, publicou em 1938 um longo e bem fundamentado estudo sôbre as obras do ficcionista de que tratamos. Diz ela que a maior parte dos incidentes e das falas ficcionais consignados na obra «A Passage To India» podia ser ajustada a fatos reais, porque os indianos nem sempre puderam visitar os clubes ingleses; porque os ingleses e suas mulheres tratavam com desprezo aos indianos; porque havia muita insolência e macriação no tratamento de subordinados, quando não havia deliberado dar de costas ofensivo ou palavra rude.

Tudo isto, diz ainda a escritora britânica, conduzia a um fracasso social quando havia uma festa mista, organizada menos por espírito de solidariedade humana, ou aproximação racial (um dos personagens do romance sugeriu, entre os seus, que o *garden-party* era dado por ordem superior) do que para atender à solicitação de uma moça recém chegada que «queria ver o indiano». O doutor Aziz é indiano de religião maometana, de boa casta, auxiliar do médico da comunidade inglesa na pequena cidade de Chandrapore, à margem do Ganges, e sede de um distrito britânico. É moço educado e quer ser amigo dos metropolitanos, apesar de ser tratado com desprezo. Consegue, afinal que o aceitem como amigo por um grupo

mais acessível, o que muito o desvanece. Querendo fazer-se amável convida alguns dêles para ver as Cavernas de Marabar, o único local de interesse turístico da localidade. Durante a visita, Miss Quested, uma das excursionistas, entrando só em uma das furnas, sente-se inopinadamente agarrada por alguém. Desvencilhando-se, corre para fora, e na estrada encontra um conhecido que a leva para a cidade, na firme crença de que fora o indiano que tal fizera com propósitos inconfessáveis. Voltando do passeio, Aziz é preso e encarcerado. Sobrevem o seu julgamento e há grande celeuma na cidade. Os ânimos estão exaltados, Os imperiais estão indignados com a audácia do nativo. Êstes, conhecendo a simpatia do doutor pelos inglêses, não compreendem a acusação e estão irritados. No dia do julgamento a moça, mordida de remorsos, reconhece o seu êrro e retira a queixa. Exultam os indianos. Miss Quested é banida da colônia pela retração e execrada pelos indianos pela falsa acusação. Dois anos se passam. Aziz esta em Mau, onde trabalha na sua profissão. É agora casado, escreve poesia, filosofia, faz grandes passeios meditativos a cavalo.

No festival de nascimento de Krishna celebrado nessa cidade, encontra por acaso o inglêes Fielding que em Chandrapore fôra seu amigo e o apadrinhara inutilmente durante o memorável julgamento. Conversam sem mostras de prazer, porque Aziz agora não quer mais dares e tomares com os inglêses. «*My heart is for my own people henceforward*» pensa êle chauvinisticamente. Ao terminar a novela os dois antigos amigos passeiam juntos, conversam, discutem política. Aziz ataca abertamente os imperiais. Fielding os defende alegando a sua eficácia colonial e pergunta: «Quem, afinal, queria V. em nosso lugar?» «Os japoneses?» «Os Arfgans, meus antepassados», redargui Aziz. «E que dirão os hinduístas?» replica Fielding. «Aranja-se uma conferência de estadistas indianos». É acrescenta profeticamente: «A Índia será uma nação!» A profecia de Forster pela bôca de seu títere Aziz realizou-se e os «sahibs» não mais podem agir na terra de Rabindranath Tagore com a desenvoltura que o novelista inglêes, imbuído de um profundo sentir de humanitarismo e de um horror ao nacionalismo rigorista que insuflava uma arrogância sem limites, profligou, dizendo, ademais, em artigo posterior ao livro e em relação ao assunto nêle versado: «Jamais na história a arrogância contribuiu tanto para a dissolução do Império».

Fazendo parte de um grupo de jovens que no princípio do século se congregaram com ideias estéticas que passaram à posteridade com o nome de Bloomsbury Group, de que em recente trabalho demos notícia, demarcando-lhe a posição literária de seus mais conspícuos integrantes, E. M. Forster quis, com êsse revelante trabalho novelístico, marcar bem fundo o sulco que se ia cavar entre duas épocas da vida inglesa pela reivindicações sociais em fermentação, traçando quadros sociais, cuja permanência êle inpugnava, dando-lhe ensanchas para criar, paralelamente as ideias novas, uma literatura moldada em termos que se enquadrassem nos anseios estéticos de que fizera profissão de fé nos dias de Bloomsbury. Sua atitude intelectual de repulsa aos preconceitos da classe média, a que pertencia, e cuja percepção lhe facultava uma amplitude de percuciente apreciação, fê-lo ver claramente o mecanismo dêsse prejuízo, agindo em terras peregrinas, e espicaçado pelo sentido da superioridade racial dos transplantados a posições civis ultramarinas. E da simbiose dessa intuição espiritual e do anseio de uma nova estética literária teve gênese o notável livro «A Passage To Índia» que, segundo ficou dito, é considerado por muitos críticos ingleses como uma das grandes produções ficcionais da presente centúria.

A FESTA DA AMIZADE

A Revista da Academia Matogrossense de Letras sente-se no dever de arquivar em suas páginas a Homenagem ao Presidente José de Mesquita realizada a 21 de Julho de 1952, na Casa Barão de Melgaço, por ocasião do seu regresso a Cuiabá, após uma ausência de seis meses, ao reassumir a Presidência do sodalicio.

O SENTIDO DA HOMENAGEM

Des. António de Arruda

JOSÉ DE MESQUITA—INCENTIVADOR DA VIDA CULTURAL

É generalizada a tendência de se calarem os bons sentimentos. Seja por timidez, seja por comodismo, nem sempre, no círculo familiar ou social, exprimimos todo o aprêço que dedicamos aos amigos e parentes. Quantas vezes silenciámos no momento em que se espera de nós uma palavra justa ou fraterna!

Cordélia, uma das grandes criações femininas de Shakspeare, simboliza bem essa parcimonia de cordialidade, que às vezes se confunde com a indiferença; quando o rei Lear se dispunha a dividir o seu domínio entre as tres filhas, as duas mais velhas foram pródigas em juras de fidelidade, embora fementidas, enquanto que Córdélia, amando realmente o pai, não soube dizê-lo. Amava e era só. Deserdada e proscrita, é certo que mais tarde Cordélia demonstrou a sua grandeza, acolhendo o velho rei, quando êste, traído e abandonado das outras filhas, caminhava para a loucura e o infortúnio. Mas, quantas cousas, enfim, sucederam por culpa da filha que escondeu o afeto que tributava ao pai!

Passando do trágico para o cómico há uma historietta americana, bastante conhecida e que ilustra bem o assunto de que estamos tratando. Durante muitos anos, uma camponesa, dona de casa, se esforçava por variar o cardápio, sem que os filhos e o marido jamais se lembrassem de obsequiá-la com algum cumprimento ás suas habilidades culinárias; um dia resolveu manifestar o seu protesto de modo rude mas, sugestivo. Quando os familiares se reuniram para o almoço, só acharam espalhados pelos

pratos punhados de feno. Que é isto? — pasmaram todos. Uma graminea destas como alimento e exclusivo num almoço? Ela, porem, calmamente, explicou: — E' que eu nunca pude saber o prato de que vocês mais gostem, e estou experimentando.

A regra, portanto não pode ser outra senão a de que as opiniões favoráveis devem ser expressas desde que oportunas. Não se trata de simples formalidade, se bem que esta satisfaça ao comum do vulgo; mas a estima, quando sincera, redobra de intensidade se se der a conhecer ao seu objeto.

Tal é o sentido desta homenagem, Des. Mesquita, que os amigos vos fazem hoje, espontanea e cordialmente, agora que regressais ao nosso convívio, depois de tão longa ausência. Que a mereceis, é certo, qualquer que seja o ângulo pelo qual se observem as diversas facetas de vossa personalidade. Contudo, dirigimo-nos especialmente ao homem de letras, que êste é sem dúvida o aspecto marcante de vossas atividades. Durante vários lustros, vindes construindo uma obra variada e rica, que traduz notável esforço e extrema dedicação às cousas do espirito. Isto já bastaria para recomendar-vos à benemerência de vossos concidadãos: muito é realmente quem consegue, como o fizestes, escrever belos livros, que se desdobram nos diversos gêneros literários. Há, porem, outro mérito e grande na vossa vida pública, qual seja o de criador e animador fecundo das boas causas, que possam aumentar o nível intelectual de vossa terra. Neste particular a Academia Matogrossense de Letras é atestado vivo do vosso entusiasmo e amor às letras. A Academia, pode-se dizer, nasceu em vossa própria casa, que lá reunistes os amigos para assentarem as bases do antigo Centro Matogrossenses, germe da atual instituição. Durante trinta anos, o vosso zêlo e dedicação incansáveis têm contribuído para o prestigio e alto conceito de que goza a nossa maior sociedade academica.

Tambem «A CRUZ» é outro baluarte erigido por vós em defesa da cultura e da inteligência. Tendes ali estimulado vocações, encorajado muitas esperanças. Não poucos jovens vos devem o ingresso na vida literária, pois, lhes proporcionastes êsse primeiro alento, sem o qual não teriam ânimo para perseverar no esforço iniciado.

A coletividade necessita de homens do vosso feitio moral, Des. Mesquita. Sabemos que o utilitarismo invade todas as camadas sociais; o desprestigio das cousas espirituais dia a dia se acentua. Cuiabá, p. ex. tem perdido as

qualidades que a distinguam, no Estado, como a cidade da cultura. Essa proeminência, que vinha desde as suas escolas até o seu jornalismo, Cuiabá não tem conservado. Não vamos discutir as causas, basta registrar o fato aliás, notório. E nessa decadência geral, merecem louvores as iniciativas como as que sabeis ter, Des. Mesquita, destinadas a sacudir o marasmo e a indiferença, e fazer com que não se apague essa lâmpada divina que mantém os homens no suave convívio das ideias.

Estas são as manifestações que os amigos vos trazem, que outros intérpretes saberão traduzir melhor, ao apreciarem daqui a pouco os vários aspectos da vossa brilhante carreira literária.

Recebei, pois, esta homenagem como penhor da admiração e do aprêço dos vossos amigos e confrades, que procuraram fazer um transunto do vosso labor, incessante e profícuo, que esperam sirva de nobre exemplo aos contemporâneos e porvindouros.

Palavras de Gervasio Leite

Na corrosiva sátira escrita contra a filosofia de Leibniz, Voltaire, poz na boca do genio de Memnona a frase de que não há ser perfeitamente hábil, perfeitamente forte, perfeitamente poderoso e perfeitamente feliz. O Sarcasta francês, por certo, se esquecera de que há, neste mundo, seres perfeitamente felizes, aqueles que, como Polícrates, atiram ao mar dos desenganos as boas coisas da vida e recebem-nas, de volta, em dobradas messes.

Creaturas eleitas pelo destino. embora se atirem a combater nas duras batalhas da vida, vencem-nas sempre, mercê das boas armas que empunham.

Aqui estamos nós, por exemplo, com os tributos da nossa admiração e amizade, homenageando um eleito da vida, o ilustre e eminente confrade, acadêmico José de Mesquita, que hoje recebe dos seus amigos e admiradores, em dobro, tudo quanto o seu formoso talento e privilegiada inteligência espalhou pelos caminhos do mundo.

A admiração e a amizade são privilégios que êle conquistou na vida, porque, individualidade imantada, atrai e conquista a vista das qualidades mestras da sua personalidade e do seu caráter, luzindo em toda parte as joias das suas faculdades de escól.

Correto, ativo, franco, inteligente, polido, urbaníssimo, o acadêmico José de Mesquita, tem a posse e possui o culto de tôdas as nobres qualidades que enaltecem o caráter e constelam, a existencia.

Presidente, proclamemo-lo assim, Perpétuo da mais alta curul da inteligência matogrossense pelas suas nobres qualidades de proceder, Mesquita é um fidalgo, no mais alto sentido do vocabulo, fidalgo, nesta época de desfreada demagogia populista, em que as massas aspiram a subversão de valores amparadas pelo oportunismo dos politiquêiros sem ideais e sem grandeza, do eminente confrade poder-se-ia dizer o que do gentleman, disse Taine em suas *Notes sur l'Angleterre*: «Um nobre digno de comandar, integro, desinteressado, capaz de se expôr e até sacrificar-se pelos que dirige, homem de honra e de consciência ao mesmo tempo, em quem os instintos generosos foram confirmados pela justa reflexão e que, procedendo bem, em harmonia com a sua natureza, ainda procede melhor em harmonia com os seus principios. Assim é Mesquita, no entender unânime dos seus admiradores e amigos, para quem precisamos restaurar com urgência, em tôdo o esplendor, a palavra amizade que ele eleva até a altura de um rito, sacerdote de uma religião feita de tudo quanto eleva e dignifica o homem de sua miseravel condição para as grandes conquistas do espirito. Saudando-o por isso, neste dia de sua glorificação eu o faço, homenageando o amigo de tôdas as horas, sempre igual em suas virtudes, em seus principios e em seus méritos e é essa constância que elevamos merecidamente, enaltecendo um homem que tem a coragem de ser constante consigo mesmo e com os seus ideais.

O folc-lore na obra de José de Mesquita

Prof. Francisco F. Mendes

Oportunidade como esta, manifestações desta natureza, não permitem expansões oratorias. Deixai pois, que principie evocando reminiscencias, para que a homenagem seja digna do homenageado.

— Manhã nevoenta e fria de Julho, no sertão. Junto a encosta da serra, na meia tinta de luz do dia, que surge acordando a mata, sob o véu vaporoso a evolver-se das águas, o Arinos, em curvas sinuosas, deslisa placidamente, lambendo a borda da barranca alta, onde o rancho do seringueiro, tal um grande ninho de palhas, acorda, à sombra

protetora da vegetação portentosa. Pela grande mata, a orquestração dos pássaros, povôa de maravilhosa harmonia, a magnificencia da natureza, humilhando a pequenez do homem, diante da força insuperavel do poder divino da criação.

Quase à praia, projetando a galhada sôbre as águas, dois opulentos castanheiros, com os ouriços verdes, deixam no caudal, pequeninas bâtegas de orvalho, acumuladas nas folhas pelo sereno da madrugada. Os primeiros raios do sol, beijam medrosamente as copas das árvores majestosas, e o ar embalsamado pelo aroma de mil flores silvestres, tem peculiaridades de seiva fértil, a exalar-se das seringueiras mutiladas.

E vem-me a mente, a evocação dos feitos heroicos dos antepassados, na ânsia insofrida de comunicar a Pátria através das distancias, com os élos do comércio construtivo e solidificador da civilização.

Porto Velho! Dali partiram as igarités dos paranistas, em demanda do Juruena, Tapajós e Amazonas até Belem do Pará. Quanta epopéia, quantos lances hercúleos na luta terrível da inteligência humana, contra as forças da natureza bruta!

E venciam! Três, quatro, seis meses de derrota, e, subito na curva abaixo da enseada silenciosa, um tiro de «arcabuz», reboando pelas quebradas da serra, anuncia a chegada da monção alviçareira, de retorno a Diamantino.

Que de poesia e que de saudades evocativas dos sertões, ouvidos na meninice, no varandão do solar avoengo! Entre peripécias do trabalho nos varadouros das correntezas e das cachoeiras, a luta contra o ataque dos selvagens; perigo das febres e dos miasmas; infortúnios e malefícios dos duendes da credence popular. Ora, é a Yara boiando como flor da superficie das aguas; ora o tibanaré, em forma de ave lançando no espaço o assobio agúdo e agoirento; ora as ameaças das feras urrando na solidão. É toda recordação tradicional de nossa historia sertaneja, a acentuar-me no espirito, com força mais convincente, o valor poderoso da influência decisiva dos feitos dos nossos maiores na formação da nacionalidade brasileira. — «O homem parece enquadrar-se na paisagem—no dizer original de Afonso Arinos—como uma nota afinada na sinfonia dos seres.» É dêsse élo formado pela tradição popular, que se integram as sociedades garantido-as na unidade do territorio que Deus nos outorgou por berço. «É a tradição a seiva que alimenta a alma dos povos.» A formação da personalidade politica da

gente brasileira, da sua independencia economica, da sua expressão cultural e artística proprias, teem raizes profundas na sua tradição. E' ela a emancipadora por excelência, das influências exóticas que civilizações extranhas tentam exercer no coração do povo. «A nacionalidade brasileira, está no periodo de transição: os vestigios tradicionais de seus elementos constitutivos, acham-se em contato, penetram-se, confundem-se entre si, para virem a poesia de um povo jovem e o têmea fecundo de belas criações literarias e artisticas de uma civilização original.»

Com estas lembranças Exmos. Snrs. aqui trago a minha colaboração modesta, mas sincera, nesta homenagem tributada ao espirito literario de José de Mesquita. E' a lingua um dos poderosos elementos de coesão nacional. Cultuá-la na perpetuação dos feitos da historia de um povo, é engrandecer a pátria imortalizando-a, glorificando-a, enaltecendo-a na comunhão das sociedades civilizadas. A obra de José de Mesquita, é toda ela, marcante de sublimes harmonias do tradicionalismo matogrossense, a que não faltam o lirismo dos idilios, o sopro épico das tragedias, a descrição do consorcio magnifico entre os rios e a floresta, as montanhas e o céu, na exaltação eloquente e entusiástica dos arroubos, que a imaginação do poeta sabe colorir na polimorfia dos tropos e das imagens, no pintoresco real das paisagens da natureza inigualavel de nossa extremecida terra.

E' de ressaltar-se na obra cultural de José de Mesquita, essa preocupação patriótica de exaltar a terra do berço, com aquela elevação e nobresa sentimentais da alma alimentada pela ânsia de engrandecer e cultuar a gente irmã e a terra, retratando, em melodias suaves, a paisagem misteriosa de Mato Grosso, na recordação do passado histórico, como que, acendendo no animo do povo, as esperanças de um porvir sempre fecundo e promissor de glórias e grandezas.

Esse ideal patriotico sentimos delinear-lhe em todas as produções poéticas e nos seus maravilhosos contos sertanejos. Conheceis por ventura, a grandiosidade da Serra da Chapada dos Guimarães? Conheceis a lenda do Véu de Noiva, a designação sugestiva da queda do rio Coxipó, despenhando-se de altura consideravel, no seio fecundo de um espaço aberto na serra, formando deslumbrante antifiteatro, naquela região histórica das lavras do Buriti? Ali, diz o escritor e poeta — «O silêncio de em torno, a paz elisea que paira sôbre a natureza, a reverberação do sol no céu e na densa folhagem ao fundo do vale, tudo con-

vida à meditação, ao sonho, às concentrações imateriais da poesia... O homem sente-se então amesquinhado e, ao mesmo tempo, engrandecido:—abate-lhe o espirito a idéia da sua pequenez em face o espetáculo grandioso que presencia, mas ergue-se-lhe a imaginação ante o infinito dos ideais com que essas belezas lhe acenam, descortinando-lhe novos mundos e novas vidas supra sensíveis, que só as almas eleitas gozam além do efêmero e ilusório muro com que os sentidos nos separam do sonho que sobrenaturaliza e emagria todas as sensações.»

Em tudo, ressumbra o seu amor, o seu afeto, o carinhoso respeito da sua alma às coisas de Mato Grosso e do Brasil, no simbolismo filosófico do seu sentimentalismo, inspirado na candura imácua do ideal do espirito superiormente orientado, como bem sintetiza na pureza alviniente do esplendor das asas da garça, tão graciosa, dos pantanais matogrossenses; «a voar, na tarde cor de rosa,» «no limo abjeto e na vasa asquerosa,» sem «manchar a candidês das penas,» para invocar solenemente, neste arremate edificante e sublime:

«Alma de poeta, sê qual a garça voando
sôbre o vil atascal e sôbre a lama impura,
olhos postos no azul, no éter sereno e brando...

* * *

Conserva teu ideal, tua ilusão querida,
e não turves jamais das asas a brancura
no sôrdido paul das torpesas da vida...»

Evocando as coisas antigas da terra natal, ei-lo celebrando «A velha cathedral», «A alma das velhas casas». Revivendo o romance das lavras do Cuiabá, canta o poeta «A serra dos martirios», «Os descobridores», — cujas bandeiras, «em busca de conquista de índios e do ouro bom, que nesta terra havia», — edificam Cuiabá do Bom Jesus, a capital imortal da terra matogrossense.

Por tudo isso, Snr. José de Mesquita, é que se lhe destaca a individualidade no cenário social da pátria, como uma das mais robustas e cintilantes fulgurações do talento e da cultura, a serviço da terra sempre querida e estremecida do berço natal.

Nesta homenagem da cultura e da amizade, promovida por seus amigos e confrades, ligados pelo espirito e pelo coração, na fraternidade ideal, que identifica as al-

mas literarias no amor e no culto à tradição da nossa terra, aqui está, prezado confrade, a contribuição de um dos descendentes da velha estirpe diamantinense, estirpe que é também a sua pela ancestralidade, pelo respeito e pela tradição. Respeito e tradição de que nos orgulhamos, e que constitui nas páginas evocativas da historia matogrossense, o pedestal rígido e sólido das suas glorias passadas e da sua grandeza presente.

A Poesia na obra de José de Mesquita

Rubens de Mendonça

«O poeta é como o alquimista
da lenda medieval...
E a torrura que o contrista
é, no seu sonho de artista
nunca encontrar o ideal».

Teve razão o genial Eça, quando disse: «Aqueles poetas abrem na alma longes surpreendentes. Quem os lê sente entrar em si, bruscamente, o infinito!»

Porque, meus senhores, há páginas de rara beleza, na obra poetica de José de Mesquita que nos fazem lembrar a expressão de Eça de Queiroz. «Quem o lê, sente em si, o infinito».

Quando estavamos conspirando esta homenagem, aliás, muito merecida, a José de Mesquita, o meu ilustre e prezado amigo Dr. Corsindio Monteiro, sugeriu que eu falasse, sobre a obra poética do nosso homenageado.

Creio, que talvez por influencia de Papini, que o confrade Corsindio, escolheu o meu tema, porque conforme aquele escritor italiano, falando sobre Dante, era necessário ser artista, catolico e florentino. Eu, porém, não possuo todas essas qualidades que exigia Giovanni Papini. Apenas, sou portador de duas, sou catolico e conterraneo do nosso ilustre homenageado, quanto a primeira, parodiando Camões, posso confessar, — falta-me o engenho e a arte.

O POETA

O interessante na poesia de José de Mesquita é a variação da força dos seus versos. O poeta ora é romantico, parnasiano, simbolista e modernista.

Aliás, quanto essa nota de romantico, creio que é a única Escola de que todos os poetas fazem parte. Mesmo porque, não pode haver poesia, sem poesia, e, uma vez que

existe poesia, existe romantismo, e o exemplo está no povo, que ainda hoje prefere os versos de Casimiro de Abreu e Castro Alves a quantos modernistas que andam por aí.

Um dos sonetos que mais aprecio de Mesquita, sem contar naturalmente com «Ascensão», justiceiramente classificado como um dos dez melhores sonetos brasileiros, por um concurso realizado pela grande revista «Ilustração Brasileira», é sem dúvida este soneto evocativo:

VELHOS POETAS

Como me apraz vos ler, nestas sombrias
horas de tédio, magua ou desalento,
velhos poetas, de longínquos dias,
votados hoje a ingrato esquecimento!

Gonzaga e Claudio — o amor doce e violento,
e tu, sentimental Gonçalves Dias.
Alvares de Azevedo — o pensamento —
e Casimiro — as meigas elegias...

Meus bons irmãos do Sonho e da Ternura,
irmãos mais velhos que conosco vêm,
irmanados, no pranto ou na ventura,

— com que amor vosso estro revocamos,
vós que cantastes o que nós sofremos
e que sofrestes o que nós cantamos!

Aí está uma página de ternura e evocação. Ainda vamos lêr outra poesia cheia de delicadeza:

As vezes acordandos de medonho
pesadelo, dizemos, na verdade:
«Felizmente o que é sonho é sempre sonho,
e nada vale na realidade...»

Mas outras vezes, que um sonhar risonho
nos dá a ilusão de uma felicidade,
deploramos que fosse apenas sonho
quando pudera ser realidade.

Ainda hoje acordei muito tristonho
e murmurei, numa fatal saudade:
«— antes a realidade fosse um sonho...
— antes o sonho fosse realidade...»

Não sei si já fiz os necessarios esclarecimentos, mas estes versos, são de Mesquita, em 1919, Mesquita romantico-simbolista.

Depois vem o Mesquita parnasiano, o poeta-pensador, já não fala com o coração apenas, digo coração, porque sem o sentimentalismo romântico, porque sem coração, não há poesia, mas, refiro-me ao poeta parnasiano, que fala duplamente, fala com o coração e com o cérebro. Isso traduzido em linguagem corrente, significa poeta-pensador.

E qual a escola do «Escada de Jacó,» senão a perfeição da forma?

A «Escada de Jacó,» é um livro maduro, pensado, tal como o «Tarde» de Olavo Bilac.

E por falarmos em «Escada de Jacó,» vamos lêr o soneto que honrou Mato Grosso, figurando entre os dez melhores sonetos do Brasil:

ASCENÇÃO

Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismos maus, que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.

Sóbes. E na ascensão, entre angústia e torturas,
trons de ira e de despeito, apodos e assuada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.

E parafraseando Rui Barbosa, diante deste soneto e depois dele, nada mais se póde dizer, a não ser, que o seu autor é verdadeiramente um poeta de escol.

Palavras de Augusto Mário Vieira, em nome da Associação Matogrossense de Imprensa

Meus Senhores!

Reunidos estamos na noite de hoje, para prestarmos as nossas homenagens ao Presidente desta tradicional Casa, — Des. José de Mesquita.

Passaram por esta tribuna—figuras da imortalidade, António de Arruda—desenvolvendo o tema — José de Mesquita, incentivador da vida cultural — Francisco Mendes

falando do folclore na obra de José de Mesquita — Gervasio Leite falou pela amizade — Rubens de Mendonça fala sobre a poesia na obra do homenageado. Logo mais, passará por esta tribuna, essa figura moça de Corsindio Monteiro da Silva — falando sobre alguns aspectos da vida e da obra de José de Mesquita. Portanto, senhores, que situação caliginosa e difícil para o orador que ocupa no momento esta tribuna, cercado que está por intelectuais, poetas e juristas.

Venho saudar o ilustre beletista, poeta e escritor, em nome da Associação de Imprensa Matogrossense, que ainda ha pouco foi representada no Congresso de Jornalistas, na Capital da República, pela figura brilhante do Presidente da Academia Matogrossense de Letras.

Nesta saudação, não irei absolutamente contar a vida de José de Mesquita no jornalismo, nem também irei fazer historia do nosso jornalismo. José de Mesquita, na imprensa matogrossense é em resumo o que irei dizer: «O Homem que mais produz.»

Mas o que agiganta José de Mesquita é a notavel homogeneidade de seus atributos.

As mais estupendas qualidades se espelham na sua figura insinuante. Talento, simpatia, nobreza, arte, predica-dos, esses que marcam os eleitos das épocas e dos homens. Tais privilegios naturais asseguram-lhe, de principio, a sua carreira, a direção vocacional. «Tinha de subir naturalmente, por determinação inerente ao seu feitio, como um rio corre, uma arvore cresce...»

E assim meus senhores, encerrando estas minhas palavras, palavras sinceras e amigas dos jornalistas integrados à Associação de Imprensa Matogrossense, eu venho repetir estas palavras de Gilberto Amado, quando falava de Nabuco, pelo «O Comércio» de São Paulo, de Abril de de 1910: «Eu disse de Nabuco que foi até certo ponto o mais feliz dos brasileiros». Já eu digo — não quero leva-lo a essa extensão mas, posso dizer que José de Mesquita, foi até certo ponto o mais feliz dos matogrossenses. As fadas cantaram-lhe no berço todos os hinos:—os do amor e os da gloria, os da beleza e os da força. A sua mocidade foi alegre e triunfante, como a dos jovens guerreiros, que a vitória acalenta e as mulheres adoram.

Alguns aspectos da vida e da obra de José de Mesquita

Corsíndio Monteiro

Noite festiva esta em que a sociedade cuiabana homenageia um de seus filhos mais ilustres — José de Mesquita! Homenagem sem pompas, não obstante florida das galas da alegria e da espontaneidade com que todos dela participam. Homenagem singela mas expressiva, em que as gerações do Presente, aqui representadas por velhos e moços, tributam a um conterrâneo ilustre a mais sincera e comovente simpatia resultante de um reconhecimento seguro das virtudes de um homem de bem, de um antigo e íntegro magistrado, de um distinto historiador, de um homem de letras, de um batalhador infatigável em proveito das coisas da Cultura, e de um amigo...

Noite festiva, noite do povo, festa de janelas e portas abertas, noite do presente e da posteridade, em que cada manifestação nas letras e na música é a participação viva de toda a alma matogrossense que não se julga desmerecida, antes se enaltece e se rejubila, em tecer elogios a quem, como José de Mesquita, muito há conquistado para os merecer!

É assim, Desembargador Mesquita, esta tertulia literária e musical, que vossos amigos e confrades, organizamos, muito menos festa de nós outros e da Academia que do povo matogrossense, que Cuiabá — síntese da beleza moral deste grande Estado e seu verdadeiro arauto — de há muito vos elegeu como filho dileto no qual tem pôsto todas as suas complacências.

Senhores!

Vários são os títulos que exornam a personalidade de José de Mesquita, e estreitá-los entre os guantes de um tempo limite para cada oração é oferecer do homenageado um bosquejo por demais incompleto! O que nos consola é que são êles do conhecimento publico e o que faltar no quadro há-de ser por vós superiormente suprido.

A vida de Mesquita tem sido quase toda ela dedicada às coisas do espirito! Dêle disse Dom Aquino — que sempre o inspirou de perto e tem grande autoridade para dizê-lo — que José de Mesquita é «um espirito superiormente orientado pelos ideais mais nobres e puros». Quem se orienta por ideias assim, e que timbra em edificar-se cada dia com o trabalho, com o estudo e com a pratica do

bem — só há de ser um virtuoso, para não dizermos um herói dada a hora por que atravessamos — de immediatismo, em que a matéria se sobrepõe vitoriosa às coisas do espírito!

O tema constante de sua obra literária é o Bem, o Perdão, o Desprendimento — em uma palavra — o Amor... Esse, igualmente, lhe tem sido o tema da vida!

Distinto poeta, fez-se José de Mesquita historiador por força da necessidade imperativa de fazer parte consciente do Instituto Histórico, a que fora êle conduzido por mãos amigas. Seu senso de responsabilidade fê-lo procurar o estudo das coisas do passado, pesquisar as origens da família cuiabana, decifrar manuscritos abandonados em nossos desorganizados arquivos... E foi feliz, pois que suas melhores páginas estão contidas nesses estudos, servindo-lhe êles de motivo, igualmente, para sua obra literária!

Foi o poeta que encontrou o seu caminho!

Disse Stefan Sweig que «a história até certo ponto sempre tem qualquer coisa de poesia. A simples acumulação de matéria só a carreta contradição. Certa visão sintética e ordenadora sempre foi e sempre será necessário. A formação representativa deve partir do homem e jamais o especialista sereno conseguirá esse efeito vivaz, por vivificante, si nêle não houver um átomo de poeta, um fragmento de vidente, um visionário.» Acreditava aquêlê escritor austríaco que «em todos os pontos nos quais a história, não parece interessante, o motivo não está na história, mas no historiador. Se perscrutarmos a história com olhos verdadeiramente vigilantes, verificamos, ou pelo menos o artista observa, que não ha, em absoluto, caracteres desinteressantes. Ninguém, nem sequer o menor, o mais humilde, o mais anônimo dos homens, desde que um verdadeiro poeta o focalizou é enfadonho ou indiferente a outros homens. Da mesma fórmula, quasi não ha épocas mortas ou tediosas no passado, mas apenas maus historiadores.» Sweig, que cultivou a história, através de magnificas biografias, e que possuia da arte poética um alto entendimento, disse até que «podemos levar mais longe a audácia, e diser que talvez nem haja história:—é a arte de contar e a visão do narrador, que TRANSFORMA o simples fato em história.»

O destino assim marcou o encontro entre o poeta, o historiador e o artista da linguagem! E da fusão admiravel desses elementos, floria o jornalista, que em potencial na adolescente alma de Mesquita, quando, colegial, redigia jornais manuscritos e, aos 15 anos, com Alirio de Matos, começara

a trabalhar em «*O Cruzeiro*», jornal cuiabano. Apurou a têmpera de sua pena no jornalismo, de que   apaixonado, escrevendo cr nicas e ensaios, que hoje constituem os g neros da sua preferência e muitas e muitas vezes, a serviço de sua fé, de que se constituiu um brioso soldado, um lider como poucos e um exemplo. O jornal «*A Cruz*», que êle dirige, desde quando o seu fundador Frei Ambrósio deixou Cuiabá foi a sua trincheira e a sua tribuna!

Desnecessario lembrar-vos, Senhores, o que tem sido a a o de José de Mesquita como magistrado, como homem de letras e como cidadão. Igualmente desnecessario   lembrar aquilo que está nitido nas mentes dos que não padecem do calculado mal do esquecimento, o que tem sido a vida de José de Mesquita como lider católico! Com a sua cultura, com o seu talento privilegiado, com a sua invulgar capacidade de trabalho, com o vigor da pena, com o seu prestígio pessoal, decorrente do seu alto padrão moral, animado, ainda, com a fraternal amizade que sempre o ligou ao nosso venerando e querido Arcebispo Dom Aquino Corrêa, de quem sempre mereceu as maiores manifesta es de confiança foi Mesquita dos que, em Mato Grosso, dentro do laicato, melhor e maior numero de serviços prestou   «boa causa!» Escrevendo em «*A Cruz*» ou fazendo conferencias, coopera, livre, espont neamente, com os Ministros de Deus na propaga o dos ensinamentos de Cristo. Durante sete lustros trabalhou, incansavel, pela fé, pela religião, pela Igreja Católica Apostólica Romana — e dela se fez um baluarte tremendo!

A Igreja muito lhe deve e  le bem mereceu a Comenda da Ordem de S. Silvestre que sua Santidade o Papa Pio XI lhe conferiu «pelos serviços prestados   A o Católica.»

Desembargador Mesquita !

Se me fosse dado escolher, de vossa obra, o g nero que mais aprecio, eu vos pe o licença para discordar de vossa preferen ia — que certamente   a poesia, por onde come astes e pela qual, v s me dissestes, desejais terminar. Não que a vossa poesia seja destituída de valor, e sim que   outro aspecto de vossa obra literária que admiro e que ousou apresentar como uma das manifesta es mais apreciaveis de vossa inteligência. Tenho-vos como um fino prosador, um esplêndido *conteur*, um brilhante expositor, um cronista admiravel... Manejais a pena com a perfei o de um Mestre! «No tempo da Cadeirinha,» um dos últimos livros, em que me honrastes com a d dica de

um conto, é uma pequena obra-prima no gênero. Como prosador, em constantes vilegiaturas pelos terrenos da poesia, tendes produzido poemas em prosa em que conseguis atingir o máximo a que pôde almejar um homem de letras — fazer chorar, quando quer, a quantos leem! E, isso, certamente, já deveis ter conseguido com os vossos «Tres Poemas da Saudade,» no gênero, um dos vossos mais belos trabalhos, de páginas imperecíveis...

Prosa é, ainda, uma vossa interpretação magnífica de nossa literatura — «O Sentido da Literatura Matogrossense,» em que vos revelastes um arguto observador, um exegeta sem par em nossas letras dentro de assuntos tais. Prosa é, também, «O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso,» onde se aliam a cultura histórica e o difícil espírito de síntese. De prosa é o vosso livro — «Espelho de Almas,» que, há precisamente 20 anos, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras!

Ainda como prosador, ao lado do «conteur,» do cronista e do ensaísta, floresce o biógrafo o tracejador feliz de vidas, que, se mais vagares houvera, obras de maior vulto haveria de empreender. Manejais com maestria a pena para traçar a vida de uma personagem histórica, tal como aconteceu com o caudilho João Poupino Caldas, dêle traçando um retrato de corpo inteiro, dentro inteiramente dos preceitos da moderna orientação biográfica.

Vejo, assim, Senhores meus, em José de Mesquita, um um símbolo! Símbolo de trabalho, de honestidade, símbolo da bondade antiga, valer dizer, da fidalguia, da elegância moral, da *finesse* da gente desta terra! Símbolo de uma época que tende a desaparecer, pois que já sentimos a rampa da descida. Símbolo que é reliquia, e que nos cumpre ter sempre como a velha tramontana em nossa longa viagem pela vida. Símbolo do espírito gregário, ameno e comunicativo, que torna coesa e indutível a solidariedade humana...

O discurso de agradecimento do homenageado

Meus amigos, graças a mancheias, é o que lhes posso dar, é o que tenho para lhes oferecer, em retribuição à sua Bondade. Graças, em primeiro lugar, a Deus, autor supremo de todo o Bem, Deus, que faz bons os homens, que inspira, mantém e aperfeiçoa a Bondade, infundindo-a, como seu Dom à natureza humana, quasi sempre mais propensa ao mal, si seguir suas próprias inclinações. Graças a vocês, meus amigos, que nesta hora de utilitarismo e marca-

da pelas crises mais graves, se iembram da promover esta singela e tocante festa da Amizade desinteressada e, por isso mesmo, sincera. Graças à minha boa terra e à sua gente, de que, com orgulho sadio, posso dizer, como o grande Bilac, falando aos seus amigos de S. Paulo:

«Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico.»

* * *

Georges Bernanos, genial escritor e genuino lider católico, cuja vida ficou tão ligada ao nosso Brasil, escreveu numa de suas cartas de Pirapora, esta frase impressiva: *Un ami, un seul ami, je n'en demande pourtant pas trop.* E num humorismo, digno de Bernard Shaw, ou de Mark Swain, denuncia, mais ao diante o seu propósito de pôr êste anúncio nos jornais: «Georges Bernanos procura um amigo. Viagem paga. Bôa remuneração. Fortuna garantida. Uma hora de amizade por semana.»

É tão grande o valor da amizade, que realmente, um Amigo, que seja de fato, constitue fortuna inestimabilíssima, valendo, êle só por toda uma legião de indiferentes ou hostis. Faguet, no rasto de Platão, Cicero e outros clássicos que discorreram sobre a Amizade, faz ver, com o seu fino espirito gaulez, que a idade intermediaria da vida conhece pouco a amizade, sendo a menos propicia a fazer amigos, por ser, antes, aquela em que mais facilmente os perdemos.

* * *

Como, pois, não agradecer a Deus e a vocês, meus amigos, esta hora afortunada, em que me sinto cercado de tanto carinho e possuído das mais elevadas e puras emoções. Que compensação dadivosa não representa este momento, a tantas decepções que a vida nos traz, às injustiças e incompreensões, frutos de erros de visão ou de instintos inferiores irrecalcados, hostilidades cegas ou surdas, pequeninas e gratuitas, em que muita amizade aparente se desfaz, na pedra de toque do interesse ou das baixas emulações! Vai assim a mestra Vida, artista inegalavel, depurando, no seu laboratório, as amizades, tão diferentes das chamadas «relações», e fazendo sobrenadar as verdadeiras, que não contêm eiva de interesse nem líia de ressentimento. São elas, dessarte, ouro de lei, que, no seu puro quilate, não se hão de mesclar ou confundir com a ganga impura e os pechisbeques, eis que daqueles se fazem os adereços caros e nobres e destes apenas os balangandãs da futilidade.

Quão feliz me sinto, nesta idade que ainda quero julgar de transição entre a mocidade, que finda e a maturidade, que começa, no meio camarada de vocês, velhos ou novos amigos, ouvindo-lhes essas palavras de compreensividade e benevolência, com que me confortam e estimulam para que eu, bendizendo o que fiz, me anime a continuar fazendo o que puder pela nossa Cultura e pela nossa terra. A generosidade extrema com que vocês quiseram dar tamanha expressão a êste ato de rotina, qual seja o de retomada do pôsto a que sua confiança me elevou e em que me têm mantido ha trinta e um anos, só a posso atribuir a essa nobreza de espirito e bondade de coração, predicados inatos dos nossos patricios, dos bons cuiabanos, que paixões mesquinhas não contaminaram.

Nesta «Casa de Melgaço», acrópole sagrada de nossa Inteligência, em que pontificam a Arte e o Amor do Passado, nêste Salão nobre, que é o nosso Panteão de glórias, cujas paredes augustas vi se erguerem, como a realização de um sonho da juventude, já por mais de uma vez, recebi a demonstração da amizade de meus companheiros e colaboradores na grande obra que vamos realizando. Não sei, porém, se qualquer outra terá excedido, nas suas proporções e espontaneidade, a esta que assistimos, seja porque o avançar dos anos, essa «mão do tempo e o hálito dos homens» que, no dizer do meu querido mestre Machado de Assis, «murcham a flôr das ilusões da vida,» me põe mais sensível, ou seja porque as delicias da volta ao lar, após longa ausência, emprestam encanto à convivência dos amigos. O que é certo é que vocês me deixam aturdido e enleiado, ante tanta benignidade, que vem demonstrar que cultivam aquele preceito do velho Hugo:

si sois pedra, — sêde imã,
sensitiva, — si sois flor,
si sois homem, — sêde amor !

Só a Bondade realizaria uma festa como a que acabamos de presenciar. E só pela Bondade me sinto capaz de receber tal homenagem, tão sincera quão expressiva, eis que de tudo mais que de mim disseram os oradores desta linda tertulia, só me é licito, com justiça, reconhecer êsse esforço de ser bom, de que procuro fazer a verdadeira razão de minha vida e o alto sentido de minha obra literaria.

É, pois, a Bondade de vocês que eu agradeço, essa Bondade que nobilita e dignifica o homem e nos reconcilia com a espécie humana, Bondade sem a qual o mundo seria um deserto e a existencia uma coisa sem significação, vasia e execranda.

Graças, portanto, repito, à Bondade de Deus, e à de vocês, que promoveram esta hora da Amizade, a todos que para ela concorreram, a quantos lhe trouxeram o prestígio amigo de sua presença.

Recebendo das dignas mãos do meu velho companheiro Francisco Mendes a presidência da Academia, sómente me resta conclamar os nossos confrades de Ideal, que são vocês, meus Amigos, academicos ou não, mas todos empenhados no mesmo esforço, convoca-os para o prosseguimento da grande Cruzada pela Cultura e pela grandeza de nossa terra.

Graças, meus amigos, mais uma vez, graças e muitas graças a Deus e a vocês todos, aqui presentes e aos que, mesmo de longe, participam conosco das alegrias desta linda noitada da Amizade, desta festa do Espirito, mas, acima de tudo, do Coração!

O FASCINIO DA AMAZÔNIA

(Excerto da Conferencia realizada na Academia Paraense de Letras — pelo Academico Dr. Jaime F. de Vasconcellos).

A Amazônia, sem que nisto possamos negar a designação que lhe deu o Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis, douto autor de tantos e tão preciosos ensaios sobre a região, e que a classifica em trabalho recente de «um espaço tropical,» isto pelas suas características geofísicas — que a aproximam das áreas estudadas pelo prof. Pierre Gourou no seu livro consagrado «Les pays tropicaux,» sempre foi por nós considerada como a promissora região do futuro em que se fixarão os lindes da nossa emancipação económica. Seu nome, seus rios, suas lendas exerceram sempre sobre o espírito dos homens estudiosos do Sul — dentre os quais sou o mais obscuro, uma atração quase irresistível. Dir-se-a uma verdadeira fascinação, a que talvez não seja extranho o suave encantamento das três mil ninfas chamadas Oceanidas, e das cinquenta Nereidas, entre as quais Anfitrite filha de Doris e Nereu e, netos de Tethis que era filha do Céu e da Terra, — isto segundo a mitologia greco-romana... Daí o entusiasmo com que aceitamos, em setembro de 1953, honrosa missão que nos permitiria conhecer êste rincão futuro do Brasil, no qual se compreendem cerca de dois terços da extensão territorial, mas em que apenas habitam pouco mais de 1,16 do total da população brasileira, ou seja cerca de três milhões de criaturas! E nosso embevecimento foi integral, para o que, certo, muito contribuiu essa empolgante demonstração de fé, que é anualmente em Belém a procissão do «Círio de Nazaré,» à qual assistimos pouco depois de nossa chegada.

«Foi ao Pará parou... Tomou assai ficou...» diz a lenda popular. E realmente, o Pará nos prende e seduz. E esta linda cidade de Belém, constitui o pórtico mages-

toso, à augusta metrópole e de tôda a região amazônica, tendo sido daqui que desde — 1616, após a chegada de D. Francisco Caldeira Castelo Branco, partiram as grandes iniciativas de nacionalização, de desenvolvimento e de colonização que se estenderam, subindo os afluentes do Rio Mar, e dilatando ousadamente, patrióticamente, as fronteiras da Pátria.

A Amazônia não é, para quem a estuda com olhos de afeto, um simples «espaço tropical.» É muito mais do que isso: é a região privilegiada de onde há de surgir um Brasil novo, veemente pela opulência esmagadora dos recursos que, aproveitados, hão-de transbordar daqui para o Sul, modificando talvez a própria e orgulhosa civilização sulina, forçando-a a aceitar e reconhecer o concurso poderoso dos amazônidas, dêste povo varonil que soube com o denodo do seu patriotismo manter, lutando valentemente contra os invasores e contra o abandono, a integridade teritorial do Brasil e levando o seu heroísmo inexcedível até lhe dilatar as fronteiras!

A Amazônia será, no Brasil de amanhã, a frente irradiadora de uma nova era de prosperidade e de progresso, que nos dará a tão anciosamente esperada independência econômica, só alcançada no Mundo, e em todos os tempos, pelos povos que sabem dominar e aproveitar as riquezas da Terra. Esta região já estava, no alvorecer dêste Século, na vanguarda da Civilização brasileira. Os seus dois grandes e magestosos Teatros, notáveis templos de arte, foram construídos muito antes do Teatro Municipal, do Rio e do seu homônimo de São Paulo. Aquí, e a Manaus, aportavam as grandes companhias líricas do «Scala» de Milão e da «Grande Ópera» de Paris e os geniais artistas de «Comédie Française», e daqui desta Amazônia portentosa retornavam sem afrontar as viagens para o Sul, passando rumo a Buenos Aires ao largo do Rio de Janeiro, para se não contaminarem com a terrível febre amarela... O fastígio da Amazônia, tenho disto a convicção, voltará em breve, não apenas pelo prestígio dos oleodutos que lhe levarão para o Sul o petróleo de Nova Olinda, mas pela eclosão de um novo ciclo de racional aproveitamento das suas riquezas imensas!

Não estou deixando nêste risonho vaticínio, que o meu reconhecimento pelo modo de cavalheirismo com que fui acolhido na Amazônia, me faça exagerar, ou deixe que o meu raciocínio seja dominado pelas razões do coração, sabido como é que:

*«Notre cœur a des raisons
qui la raison ne connaît pas...»*

Não! Estou, apenas, neste breve ensaio, analisando o panorama social, econômico e político que hoje se nos apresenta à observação. A administração do Pará, depois dos quatro anos de Governo sereno, eficiente, democrático dêsse perfeito estadista que é o General Alexandre Zaccarias de Assumpção, apresenta-nos uma situação econômica e financeira de franca prosperidade. O Estado do Amazonas está confiado, desde há pouco, à esperançosa varonilidade de um Governador moço e naturalmente desejoso de vincular o seu nome ao início ali dos novos processos de administrar, em que os interesses pessoais ou de grupos se subordinem aos da coletividade, estabelecendo a normalidade na administração e na vida econômica daquele Estado. Goiás, Mato Grosso e o Maranhão já estão hoje em franca prosperidade. Os Territórios, notadamente os do Amapá, do Guaporé e do Acre, vão marchando denodadamente na reta do progresso e da evolução econômica e o de Rio Branco se esforça por acompanhá-los. Não! Não estou divagando ao pressentir para muito breve o novo ciclo da transbordante prosperidade amazônica, que, espero em Deus, será melhor aproveitada pelos dirigentes da região do que o foi a do antigo ciclo aureo da borracha!

E para fechar estas breves considerações seja-me lícito transcrever, como homenagem à alta visão dos antigos estadistas do começo do século XIX, as seguintes instruções, extraídas da carta, datada de 27 de Abril de 1809, na qual o Conde de Linhares transmitia ao Governador José de Menezes ordens do Príncipe-Regente:

Carta do Ministro do Império, Conde de Linhares, em 27 de Abril de 1809, ao Governador Capitão-general do Grão-Pará, Dom José Narciso de Magalhães e Menezes:

«Com o maior e mais vivo interesse manda S. A. R. recomendar a V. Excia. a abertura e seguimento da navegação para Goiás, donde espera o mesmo Augusto Senhor, não só resulte a facilidade das comunicações, — brevemente espero eu por uma Parada que vai por Goiás para o Pará, visto achar-se franca a comunicação, pelas providências que V. Excia. e o Governador de

Goiás poderão escrever mais largamente a V. Excia. — mas que também se siga ao interior do Brasil, um aumento incalculável da riqueza, visto que de Goiás pode descer ao Pará algodão, tabaco, arroz, couros e peles de veado, carnes secas e salgadas, e muitos outros objetos que daí se exportem e enriqueçam ambos os Países.

«Também o mesmo Senhor espera que promova descobertas sôbre as navegações dos rios Xingu e do Tapajos, que por meio do rio Arinos poderão um dia dar grande saída aos frutos de Cuiabá, o que também para o interior do Brasil dará grandes incalculáveis vantagens.»

(In-Ernesto Cruz — «Procição dos Séculos», pag. 118).

Era evidentemente a antecipação do sonho de Couto de Magalhães, da navegação do Araguaia, sonho que a Valorização da Amazônia vai tornar realidade esplendente !

**A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS,
NOS SEUS 35 ANOS**

José de Mesquita

Este trabalho foi publicado, em 1951, e reproduz-se agora, atualizado,
para que fique fazendo parte dos anais da Academia.

A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS, NOS SEUS 35 ANOS

1) Atinge, breve, a nossa Academia os seus 35 anos contada a sua idade de 7 de setembro de 1921, fundação do Centro Matogrossense de Letras, a que sucedeu e continuou. Curioso é, portanto, recensear, quem lhe acompanha os passos, desde os primeiros dias, certos episódios, peculiaridades e características, que ficarão, assim, como interessante marginalia ou contribuição para os que, de futuro, se proponham a fazer-lhe a História pormenorizada.

Começaremos com esta primeira crônica evocando a sua fundação, como simples Centro de Letras, a 22-5-1921, com 24 membros, número êsse que, em 1940, se elevou— já como Academia, que passou a ser a 7-9-1932, a 30 e, em 1944, a 40, de acôrdo com a padronização estabelecida no Código das Acadamias, organizado pela Federação das Academias de Letras do Brasil.

Nascida de um convite, firmado por Lamartine Mendes, João Barbosa e o autor deste cavaco, ajuntou, de início, 12 intelectuais, os quais por sua vez, escolheram outros 12, formando o primeiro núcleo do sodalicio, hoje composto de mais de um triplo dos iniciadores.

A numeração das Cadeiras obedecia â ordem alfabética dos respectivos Patronos, sendo alterada, na reforma de 1940, em que prevaleceu, como na de 1944, a ordem cronológica em vez do abecedária.

Assim é que as primeiras poltronas já tiveram todas elas 3 numerações, enquanto as 6, criadas em 1940, tiveram duas e apenas as dez mais recentes, de 1944, não sofreram alteração.

Curioso notar que nenhuma, por acaso, conservou o número anterior, sendo a que menos variou, a 19, que passou a 18 e a que sofreu maior alteração a 7, hoje 38.

2) Dos 24 fundadores do «Centro,» hoje Academia Matogrossense de Letras, 10 já desapareceram, colhidos pela ceifadora inexorável.

São, na ordem cronológica, do seu falecimento, Leovigildo Martins de Melo, o que menos tempo ocupou a poltrona, pois o seu pranteado trânsito se deu antes de o sodalício completar um ano — a 4 de agosto de 1922; José Magno da Silva Pereira (1927), João Cunha (1933), Franklin Cassiano (1940), João Barbosa de Faria (1941), Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa (1946). Estevão de Mendonça (1949), Manoel Pais de Oliveira (1950), Ulisses Cuiabano (1951) e Philogônio Corrêa. Além dos fundadores, perdeu a Academia mais quatro membros:— Leonidas de Matos (1936), Ovidio Corrêa (1946), Francisco Bianco Filho (1947) e Nicolau Fragelli (1949).

As cadeiras que já estão no 3.º ocupante são as de n.º 1 — cujo fundador foi Manoel Pais, substituído por Leonidas de Matos e ocupada hoje, por Benjamim Duarte; 14 pelas quais passaram Leovigildo de Melo (fundador) e Ovidio Corrêa, hoje ocupada por Nilo Póvoas; 16 fundada por Franklin Cassiano, a quem sucedeu Ulisses Cuiabano e para a qual foi eleito Wanir Cesar; 24, que teve como fundador Ovidio Corrêa, a que sucedeu Bianco Filho e posteriormente, Jary Gomes.

Também as cadeiras 7 e 37, ocupadas por D. Maria Müller e Olegário de Barros, tiveram, cada uma, dois ocupantes anteriores, que passaram a correspondentes, por haverem transferido a sua residência da Capital—a 7, Manoel Xavier e Alcindo de Camargo e a 34 Ulisses Cuiabano e Cesário Néto, que resignou, sendo, mais tarde, eleito para n.º 39.

Estão no 2.º ocupante as cadeiras 11 que por falecimento de Estevão de Mendonça, foi, recentemente, preenchida por Antônio de Arruda, 15, em que se assenta Francisco Mendes, desde que, por mudança para fora do Estado, passou a correspondente o fundador Augusto Cavalcante; 18, fundada por José Magno, agora de Alirio de Figueiredo; 20, em que Lima Avelino substituiu o fundador, Philogônio Corrêa; 22, na qual Castro Brasil sucedeu ao fundador João Barbosa; 26, que foi de Joaquim Gaudie, hoje de Oscarino Ramos; 32, fundada por Ana Luisa Prado Bastos, que, passando a correspondente, foi substituída por Isac Póvoas; 33, fundada por Nicolau Fragelli, a quem substituiu Lenine Póvoas, e 39, na qual Amarílio Novis sucedeu a João Cunha, o fundador.

Todas as demais estão ainda com os seus fundadores.

3) Falaremos, agora, dos donos das Cadeiras, dos Patronos. Conquanto nivelados na glória a que os guindou, mercedadamente, a posteridade, não tiveram os ilustres parainfos que exornam a galeria da casa de Melgaço a mesma sorte. Assim é que, ao passo que alguns deles não tiveram ainda o seu elogio acadêmico, outros o tiveram mais de uma vez. Até ao presente não foram ainda estudados pelos respectivos ocupantes das poltronas, os Patronos das cadeiras n.º 3—Ricardo Franco, 17—João Severiano, 22—Visconde de Taunay, 25—Amâncio Pulquerio, 31—José Delfino e 39—Tolentino de Almeida.

Contrastando com esses, os patronos das cadeiras n.º 7—Conego Guimarães, 14—P. Ernesto, 16—Ramiro de Carvalho, 24—Aquilino do Amaral, 26—Joaquim Murтинho, 34—José Tomás e 38—Frederico Prado, tiveram a sua personalidade estudada pelos ocupantes das cadeiras Alcindo de Camargo e D. Maria Müller (n.º 7), Ovidio Corrêa e Nilo Póvoas (n.º 14), Franklin Cassiano e Ulisses Cuiabano (n.º 16), Ovidio Corrêa e F. Bianco (n.º 24), Joaquim Gaudie e Oscarino Ramos (n.º 26), Cesário Néto e Olegário de Barros (n.º 34), e João Cunha, e Amarilio Novis (n.º 38).

Tambem não lograram figurar na bela galeria de retratos, do Silogêo, todos os Patronos. Até o momento essa galeria está constituída por 29 patronos, faltando os seguintes cuja reprodução fotográfica se não conseguiu:—das cadeiras 1 a 8, os mais antigos, que são—Barbosa de Sá, Costa Siqueira, Ricardo Franco, Padre Siqueira, Silva Pontes, Lacerda de Almeida, Conego Guimarães e Luis d'Alincourt e mais, os de n.º 10, Veiga Cabral, 31, José Delfino e 32, Francisco Catarino. Este último, mais para notado que sendo pintor, não tenha deixado, ao menos, um auto-retrato.

4) Tema interessante para o cavaco de hoje será por certo, um ligeiro retrospecto acerca das recepções na Academia. Ha grande número de «imortais» que até hoje não receberam, no limiar do Silogêo, nenhum companheiro, mas, em compensação, diversos já o fizeram em mais de uma oportunidade. Levanta o *record*, Gervásio Leite, que, de 1945 até agora, foi, por tres veses, o porta-voz da coletividade, recebendo Arquimedes Lima, em 1946, Gabriel Vandoni em 1949 e António de Arruda em 1951. Igualmente, embora em maior espaço em tempo, Francisco Mendes interpretou, por tres vezes, o sentimento da Companhia, ao recepcionar Leonidas de Matos, em 1932, Ulisses Cuiabano, em 1940 e Jaime de Vasconcellos, em 1944; e Ulisses Cuiaba-

no, por seu turno, saudando Rubens de Mendonça, em 1945, Raimundo Maranhão, em 1946 e Luis Feitosa, em 1948.

Já em duas sessões festivas de recepção foram representantes da Casa os academicos Philogônio Corrêa, recebendo D. Maria Müller, em 1931 e Bianco Filho, em 1946; José Vilá, que cumprimentou, em 1923, a Oscarino Ramos e Alcindo de Camargo; Oscarino Ramos, que fez a recepção de Francisco Mendes, em 1930 e de Nicoláu Fragelli, em 1947 e Luiz Philippe, que foi o recepcionante de Rosário Congro, em 1946 e Wanir Cesar, em 1952.

Apenas uma vez, aparecem interpretando os sentimentos do sodalicio, Alcindo de Camargo, (Cesário Neto, em 1925); Ovidio Corrêa (Isác Póvoas, no mesmo ano); Cesário Neto (Alirio de Figueiredo, em 1927); Palmiro Pimenta (Olegario de Barros, em 1930); Franklin Cassiano (Nilo Póvoas, em 1931); Olegario de Barros (Amarilio Novis, em 1934); Otavio Cunha (Gervasio Leite, em 1934); em 1945); D. Aquino Corrêa (Luis Philippe Pereira Leite) e José de Mesquita (D. Ana-Luisa Prado Bastos), ambos em 1946; Jaime Vasconcellos (Jary Gomes, em 1948); Alirio de Figueiredo (Ernesto Borges, em 1949); Rubens de Mendonça (Lenine Póvoas, em 1951); Rosário Congro (Francisco Aires, em 1951); e Lenine Póvoas (Lima Avelino, em 1954).

Para notado que o academico Francisco Aires foi o que levou menos tempo para tomar posse da cadeira, pois, eleito a 5 de agosto de 1951, tomou posse a 7 do mês seguinte, e o acadêmico que o recebeu, Rosário Congro, foi, justamente, o que mais demorou a empossar-se, pois, escolhido em 1940, só se empossou em 1948. Mais da metade dos atuais «imortais» não teve ainda o ensejo de receber nem um confrade — 22, num total de 40.

5) Interessante, posto que delicado, o assunto sobre que, hoje, vamos disreter. Trata-se de idade, coisa que, se constitui titulo de ufanía, — quando bem avançada, não agrada a muitos, que a trazem como que velada em dúbias conjeturas. Começo pelos Patronos, que a Eternidade resguarda de tais melindres. Pertencem a duas turmas, a primeira a do século XVIII, que vindo da cadeira n.º 1 a n.º 9, abrindo-se com Veiga Cabral, justamente nascido em 1800; a outra do século passado. O mais velho é Barbosa de Sá, anterior a 1740 e o mais novo, o P. Armindo, de 1880.

Este é mais novo mesmo que alguns acadêmicos, como se verá mais adiante. Armindo, entretanto, faleceu antes da fundação da Academia, em 1918, enquanto quatro

outros Patronos só vieram a desaparecer quando já existia a academia — Caetano de Albuquerque, em 1927, Ferreira Mendes, em 1933, Pedro Trouy, em 1936 e Tolentino de Almeida, em 1938. São — vale notado — Patronos escolhidos na época em que se elevou o número primitivo das cadeiras.

* * *

Passando aos acadêmicos, veremos que se agrupam, pelas décadas do nascimento, em seis turmas; a primeira, anterior a 1880 com 2, a segunda, de 1880 a 89, com 10; a terceira, de 1890 a 99, a mais numerosa, com 14; a quarta, de 1900 a 909, com 4; a quinta, de 1910 a 19, com 8 e a última, com 2, posteriores a 1920.

Pertencem ao decênio de 70, Carlos Borralho, o decano, e Antonio Fernandes de Souza, mais velhos que o Patrono da Cadeira 40, a que acima nos referimos. De 1880 a 89 são Otavio Cunha, Rosário Congro, Miguel Melo, D. Aquino Corrêa, Isác Póvoas, Virgilio Corrêa, Jaime de Vasconcelos, Amarilio Novis, Luis Feitosa e Lima Avelino. A década de 90, a que pertence mais de um terço dos acadêmicos atuais, compreende Olegario de Barros, Oscarino Ramos, Palmiro Pimenta, Cesário Prado, Severino de Queiroz, Alirio de Figueiredo, Mesquita, Nilo Póvoas, Castro Brasil, os dois Ferreira Mendes (Lamartine e Francisco) e as duas representantes da Cultura feminina, D. Maria Müller e D. Ana-Luiza Prado Bastos. Compõem o grupo da primeira década deste século, Cesário Néto, Gabriel Vandoni, Francisco Aires e Benjamim Duarte, De 1910 a 1919 são Arquimedes Lima, Ernesto Borges, Antonio de Arruda, Jary Gomes, Raimundo Maranhão, Rubens de Mendonça, Gervasio Leite e Luiz Philippe.

Conservou este, de 1946 a 1951 o título de Benjamim da corporação, até que lho veio arrebatrar Lenine Póvoas, de 1921, pouco mais velho, 2 meses que a Academia, e que, agora, perde os mimos de caçula a favor de Wanir Cesar, de 1922, o 1.º acadêmico, portanto, mais novo que o próprio sodalicio. Para notar, entretanto, que não é Wanir o que atingiu mais jovem as láureas da imortalidade e, sim, José Vilá, que, nascido em 1899 e sendo um dos fundadores, aos 22 anos já era academico.

6) Uma increpação que, por vezes, surge contra a Academia é a de ser regionalista em demasia, no que não ha razão alguma, pois a verdade é que si ela possui dois terços de cuiabanos, isso se explica não só pelo fato da Capital deter o primado intelectual no Estado, como ainda de-

vido ao critério de preferencia para os que residem na séde da associação, para maior facilidade no quorum necessário às reuniões.

O que se verifica, entretanto, é que, desde a fundação do Centro de Letras, houve sempre, ainda que em minoria, um grupo apreciavel de representantes da cultura dos municipios e de outros Estados, como é facil verificar. Num total de 24, que era o número dos fundadores, havia 9, mais de um terço portanto, não cuiabanos: Estevão de Mendonça (do Rio Abaixo). João Cunha (poconeano) Manoel Pais (cacerense), Franklin Cassiano (corumbaense) e José Vilá (de Ponta Porã), além de Otavio Cunha (pernambucano), Leovigildo de Melo (paulista), Augusto Cavalcanti (alagoano) e Manoel Xavier (espiritossantense).

Hoje, num total de 40, o numero dos filhos de outras localidades se eleva a 15 cabendo a primazia a Corumbá, com 5 acadêmicos — Gabriel Vandoni, Luis Feitosa, Castro Brasil, Olegario de Barros e Jary Gomes.

Seguem-se Caceres, Campo Grande e Ponta Porã, com um representante cada um, que são Oscarino Ramos, Arquimedes Lima e José Vilá. Além desses, conta a Academia com mais 7 membros nascidos fóra de Mato Grosso — Raimundo Maranhão (maranhense), Severino de Queiroz (paraibano), Rosário Congro (paulista), Jaime de Vasconcelos (carioca), Otávio Cunha (pernambucano) Lima Avelino, cearense, e Francisco Aires, brasileiro naturalizado, filho da gloriosa terra lusiada.

Como se vê não procedem as criticas feitas ao «bairrismo» da Academia, e, sobretudo, si atentarmos para a sua galeria de patronos, que congrega, a par de ilustres matogrossenses, muitos filhos de outras unidades da federação, como Taunay, D. José, Couto de Magalhães, P. Ernesto e até estrangeiros, v. g. Leverger e D. Alincourt.

Na Casa de Melgaço — que era o «bretão cuiabanizado» não ha lugar para estreitos critérios regionalistas, pois as credenciais com que ali se penetra são o talento, a cultura, o amor às letras, que não são privilégio de nenhuma região ou raça, e sim predicados universais.

7) Sob um outro aspecto curioso podemos, ainda, encarar os componentes atuais da nossa Academia — o da profissão. Veremos, desta análise, predominarem, de forma indiscutivel, naquele grêmio de intelectuais, os cultores do direito, que, num total de 40, somam 18, isto é, quasi 50%. São assim discriminados: magistrados — 4: Alirio de Figueiredo, António de Arruda e Ernesto Borges, todos pertencen-

centes ao Tribunal de Justiça, Lima Avelino, da Justiça do Trabalho; Advogados — 14: Benjamim Duarte, Gervásio Leite, Gabriel Vandoni, Lamartine Mendes, Lenine Póvoas, Jaime de Vasconcelos, Palmiro Pimenta, Mesquita, Oscarino Ramos, Otavio Cunha e Amarilio Novis, os cinco últimos desembargadores aposentados. A êsses há ainda a acrescentar Castro Brasil e Rosário, advogados provisionados; tabelião — 1: Luis-Philippe Pereira Leite.

Tempo houve em que a maioria do Tribunal era constituída de academicos — Mesquita, Oscarino, Novis, Otavio Cunha e Palmiro, além de Francisco Bianco, que entrou para a 2.^a instância em fevereiro de 1945, ali convivendo ainda com os tres primeiros mencionados.

A seguir vêm os Professores, em número de 8 — que são D. Maria Müller, D. Ana Luiza Prado Bastos, Nilo Póvoas, Francisco Mendes, Isác Póvoas, Severino de Queiroz, Cesario Neto e Luis Feitosa. Concorrem com 3 os engenheiros — Virgilio Corrêa, Miguel Melo e Carlos Borralho, êste militar reformado sendo igual o número dos jornalistas — Rubens de Mendonça, Raimundo Maranhão e Arquimedes Lima.

Notar que são os que se dedicam, de preferênciã, aos misteres de imprensa, pois que quasi todos são, igualmente, cultores de nobre arte do jornal.

Em numero menor, 2, figuram os representantes do clero — o Arcebispo D. Aquino Corrêa e o Clerigo Wanir Cesar; os médicos — Jary Gomes e Francisco Aires; os fazendários, ambos aposentados — Cesario Prado e Antonio Fernandes. Há por fim, um bancário que aliás é professor diplomado, egresso do magistério — José Raul Vilá.

* * *

Vê-se, destarte, que dominam o campo cultural os bachareis, o que não é de admirar, conhecendo-se as intimas afinidades existentes entre o Direito e as Letras, que já fazia ao clássico Ferreira dizer: «Não fazem mal às Musas os Doutores».

Muito explicavel, por outro lado, que se enfileirem em segundo plano os Mestres, pois tambem o Magistério e a Literatura se irmanam, podendo-se considerar a Cátedra um ramo da arte literária. Como explicar, entretanto, a deficiência de médicos, na Casa de Melgaço, quando, na Academia Brasileira são tantos que ja dizia um chistoso membro do *Petit Trianon* ser ali uma filial da Academia de Medicina? Sem ter certeza de acertar, arriscaria uma

explicação: não será a sedução que a Política exerce sobre os filhos de Hipócrates, que tem contribuído para afastá-los dos outros derivativos ?

8) A par dos 40 membros efetivos, possui a Academia o seu corpo de correspondentes, limitado, pelos Estatutos, a meia centena. Em quase todos os Estados, na Capital da República e no Território de Guaporé, tem a Academia seus delegados, em número de 13 no Rio, 7 em S. Paulo e 30 distribuídos entre várias circunscrições do país. Figuras das mais notáveis de nossa intelectualidade, como Monteiro Lobato, Xavier Marques, Antonio Sales e Mario Sete — entre os desaparecidos — pertenceram ao quadro dos correspondentes da «Casa de Melgaço.» Do primeiro, espirito avesso a protocolos, recebeu a nossa Academia especiais demonstrações de carinho, tendo feito demorada visita ao Silogeu matogrossense, quando veio a Cuiabá.

Pôs as colunas da sua excelente «Revista de Brasil» à disposição dos acadêmicos, encarecendo-lhes a colaboração.

Entre os atuais correspondentes da Academia figuram vultos de projeção política, tais como o Senador Ivo de Aquino e o governador Alvaro Maia, escolhidos, diga-se de passagem, quando não haviam atingido as altas posições que hoje ocupam.

Alguns dos correspondentes foram membros efetivos, que, por força de disposições estatutárias passaram a essa categoria, visto haverem transferido a residência para fóra do Estado, como Augusto Cavalcanti, Alcindo de Camargo e Manoel Xavier.

Dos atuais correspondentes, nove são matogrossenses — Carlos Vandoni, Generoso Ponce Filho, Soter Caio, Alceu Marinho Rego, Corsindio Monteiro, Itrio Corrêa, Peri Campos, Iturbides Serra e Glicério Póvoas.

Fiel a tradição mantida de prestigiar a cultura, sem preconceito de sexos, a Academia Matogrossense, que foi das primeiras a acolher escritoras em seu gremio, tem como correspondente na «bôa terra» a brilhante beletista D. Edit Mendes da Gama e Abreu.

Pertencem à sua luzida equipe de correspondentes nomes consagrados como os de Câmara Cascudo, o mestre do folclore nacional; poetas como Cleomenes Campos e Laurindo de Brito, da Paulicea; exímios ensaístas do porte de Afonso Costa, um dos fundadores da Federação das Academias, Cristovão de Camargo, José Vitorino, Deocleciano Martins de Oliveira e Ari Martins. Constituem, assim, uma bela pleiade de homens de letras, que, a par dos catedrâ-

ticos, trabalham a prol de um constante intercâmbio cultural, para que o Brasil se faça cada dia mais conhecido dos brasileiros, através da atividade cultural dos seus homens de letras.

9) Difícil fôra resumir no curto espaço de uma crônica o que tem feito a Academia Matogrossense, nesses 7 lustros de constante e fecunda atividade.

Coloca-se, por sem dúvida, em primeira coluna a publicação ininterrupta da sua Revista, através da qual, ano por ano, se vêm arquivando os trabalhos dos acadêmicos, constituindo-se a mais notável e duradoura contribuição cultural em nosso meio.

A tiragem foi durante longo tempo—de 1921 a 1945—feita nas Oficinas Salesianas, devendo-se em boa parte, a ótima apresentação gráfica aos Mestres José Schneider e Germano de Amorim, bem como a João Nunes Dias, que muito fizeram com dedicação e competência para que o órgão da Academia não desmerecesse das demais publicações análogas.

De 1946 para cá passou a ser editada a Revista na Escola Industrial, onde encontrou igualmente, na técnica e no carinho de Vespasiano Péche, o mesmo desvelado interesse.

Esta tiragem é feita na «Gráfica União», conceituado estabelecimento do nosso coestaduanos João Nunes Dias.

Nas páginas dessa variada e interessante revista se encontra o mais variado cabedal de ótimos elementos que permitem um estudo completo da nossa evolução cultural, a principiar pelos ensaios biográficos dos Patronos, de que nos deu, no número especial de 1946, uma síntese notável o acadêmico Francisco Mendes.

Poesias, contos, novelas, crítica e ensaios, recheiam, substancialmente, as páginas do anuário acadêmico, do qual Virgílio Corrêa nos deu um índice a ser, brevemente, publicado. Além da Revista, proporciona a Academia suas magníficas festas bem como nas interessantes horas literárias, oportunidade para o desenvolvimento do bom gosto e da cultura um novo meio, quer pela apresentação de trabalhos literários quer na execução de escolhidas peças musicais ou ainda incentivando a arte da declamação, entre as nossas jovens patricias.

Amparando as novas vocações, as portas do seu Salão, bem como as folhas da sua Revista, sempre estiveram abertas aos que cultivam a arte das letras.

Também sob outros aspectos artísticos, a Academia já tem feito sentir a sua influência: promoveu duas exposições de pintura, sob a direção do Prof. Jorge Bodstein, em 1935 e 1937, com o concurso do notável Museu D. José, aqui organizado pelo saudoso Dr. Euphrasio Cunha e dos alunos do Prof. Bodstein. Longe iríamos se nos propuséssemos a dar, mesmo numa síntese apurada, nestas colunas volantes de imprensa, uma idéia do que tem realizado a Academia em tres décadas de sua existencia.

O seu trabalho está reconhecido e proclamado pelos Poderes públicos, que a tem invariavelmente, amparado e prestigiado, dando-lhe séde, como o fez o Governo Estevão Corrêa, subvencionando-a com auxilios que lhe permitem manter os seus serviços, considerando-a de utilidade pública e ainda, recentemente, erigindo-a em órgão de consulta do Governo em assuntos culturais.

10) Encerrando esta série de crônicas, nas quais procuramos, em leves palhetadas, focalizar aspectos flagrantes da nossa Academia, nos seus 35 anos de labor a pról do desenvolvimento e expansão cultural de Mato Grosso, esboçaremos, também ligeiramente, um planejamento—é termo que vai mui em voga—do que parece mais premente no prosseguir das suas atividades na fase que se inicia.

Deve, em primeiro logar, ser colocada a construção da Biblioteca na ala do edificio que dá para a rua Voluntários. As 3 salas que atualmente alojam as estantes da Academia e do Instituto, mostram-se insuficientes, dado o crescente número de livros e publicações periódicas recebidos pelas duas sociedades.

O Museu Histórico, por sua vez, necessita de expandir-se, já sendo acanhado o espaço de que dispõe—um compartimento pequeno, todo tomado.

Com a edificação da Bibliotéca, poder-se-a ceder para o Museu a sala contigua ou a da outra ala, o que lhe permitirá o maior desenvolvimento das suas secções.

Isto no que diz respeito á séde. Carece a Academia ainda, efetivar a criação dos núcleos regionais, a éla filiados, pelo menos nas cidades mais importantes, que são centros de cultura, como Corumbá e Campo Grande. Esses grêmios locais manteriam, por sua vez, bibliotéca e, si possível, um órgão de publicidade, um Boletim pelo menos, índice de suas atividades.

Outro aspecto relevante da ação cultural, é o intercâmbio com os demais Estados e até com o estrangeiro,

a exemplo do que já vem sendo feito, vitoriosamente, na próspera Guiratinga, pelo acadêmico Raimundo Maranhão.

A Revista da Academia, que, devido a circunstâncias de ordem financeira, se reduz, presentemente, a um anuário, poderá voltar a circular semestralmente, mesmo por trimestre, em fascículos menores, o que tornará a sua leitura mais atualizada e interessante.

Enfim, ha todo um programa de realizações, amiidando-se, por exemplo, as horas literárias, que passariam a quinzenais, criando um curso de conferências, com tema preestabelecido, sobre coisas e homens de Mato-Grosso.

Oxalá, nessa nova fase que se abre, possa a Academia levar a efeito novos e valiosos trabalhos, prosseguindo no seu esforço benemerito e fecundo a prol da maior e melhor disseminação de nossa Cultura pela qual muito já tem se empenhado nos sete lustros de sua existencia!

Com estes votos, encerro esta série de crônicas, cujo único objetivo foi chamar para esse trabalho da Academia a atenção de quantos, em nosso meio, se interessassem pelos problemas da expansão cultural.

CADEIRA N.º 27
Centenário do Patrono
José Barnabé de Mesquita (Senior)
7 de Março 1855 — 1955

Comemorando o centenário do nascimento do Patrono da cadeira n.º 27, a Academia fez realizar, a 7 de Março de 1955, u'a Missa na Catedral, após a qual se efetuou uma visita ao túmulo do homenageado no Cemitério da Piedade. Á noite, no Salão nobre da Casa Barão de Melgaço, houve uma Sessão solene, na qual fôram proferidas as Orações que se arquivam nas páginas desta Revista, juntamente com a expressiva carta da academica D. Anna Luiza Prado Bastos, ocupante da cadeira.

DISCURSO DO PROF. FRANCISCO MENDES, EM NOME DA ACADEMIA

Ante obitum nemo beatus — Antes de morrer, ninguém pode ser julgado com justiça — sentença terrível, com que Ovidio anatematizava os julgamentos na antiguidade, tanto aplicável na atualidade, quanto no futuro, quando as sociedades e as nações se aprofundam no evolver de uma civilização em mudança.

A Academia Matogrossense de Letras, quer neste momento, com a palavra simples do seu interprete, cumprir uma das suas finalidades, relembrar a vida de virtudes e de trabalhos, de um dos seus mais ilustres numes, agora agora que transcorre o centenário de seu nascimento. Evoquemos o meio para realçar o mérito e apontar o homem, nesta celebração de saudades, de reipeito e de admiração.

Entre ridentes colinas matizadas de verduras, cortada pelo ribeirão de OURO, que a atravessa de extremo a extremo, até unir-se com o rio Diamantino, que banha as encostas da verdejante serra, que guarda o povoado, a antiga villa do Diamantino, representa a tradição e o esplendor de um passado suntuoso da história do Brasil colonial.

Origem da ação desbravadora dos paulistas, a linhagem genealogica da sua sociedade, mantem ainda os traços característicos dos Antunes Maciel, Campos Bicudo e tantos outros, que formaram a grande árvore da familia cuiabana, tais os Viégas, Galvão, Muniz, Prado, e muitas outras. José Barnabé de Mesquita Senior, cuja memoria reverenciamos, nasceu em Diamantino, a 7 de Março de 1855.

Nos escampos da terra diamantinense, é comum assinalar-se ao longe, varzeas apauladas, em cujo coração se elevam buritís isolados, perdidos no meio sertanejo, onde

creceram e se fortaleceram, solitários, mas imponentes na majestade do porte, a cujos pés se vão dessedentar espécimes variados, da variada fauna brasileira.

A vida de José de Mesquita Senior, lembra bem éssas palmeiras elegantes e alviçareiras, das nossas varzeas magnificas. Nasceu e cresceu sózinho!

Orfão de pai aos cinco anos, não obstante a fatalidade, procurou cultivar a inteligência, abeberando-se moral e intelectualmente, nos ensinamentos do vigário da vila, Manoel Ignacio Pereira de Mesquita, com êle estudando os rudimentos de humanidades, que lhe enriqueceram os conhecimentos, ao mesmo tempo que se lhe fortificava o caráter moral, à luz da religião de Cristo e se elevou na sociedade da época, distinguindose na cátedra, como professor da juventude cuiabana, na imprensa, de que se tornou paladino das idéias mais sadias, na politica, em que militou, mais para dar expansão ao seu espirito democrata e liberal, do que para auferir proveitos, e provisionando-se mais tarde, perante a Relação do Estado, se tornou notavel advogado, exercendo a profissão com o sentido réto da sua inclinação pelo direito e pela justiça, fazendo da advocacia «um *munus* sagrado um sacerdocio, uma elevada missão social,» na expressão justa e carinhosa do filho.

Faleceu a 12 Agosto de 1892. Os homens passam, mas suas obras permanecem, para exemplo e encorajamento dos pósteros. Não lhe premiaram a virtude, o respeito e a justiça politica. o mérito; não lhe cultuaram a obra benemerita os governos. Mas a cultura, éssa essência fina que nobilita os povos, que faz a grandeza das nações, a cultura rendeu-lhe o tributo de justiça e gratidão ao mérito, colocando-o entre os numes geniais do talento, entre os que fizeram a terra e nobilitaram a alma da sociedade, imortalizando-o na Galeria do silogêu do saber e da cultura matogrossense, a Academia de Letras.

Nem tudo se perde nésta vida, e quando o mais se corrompe, resta ainda o futuro e com êle a posteridade. Confirmando o acerto, aqui se encontra reunida a sociedade conterrânea, para, rememorar-lhe o nome e as obras, tributando ao paladino das idéias liberais da Republica em Mato-Grosso, o preito de gratidão devida posteridade.

É a finalidade dos Institutos e das Academias de Letras. «Nas páginas adormecidas de suas bibliotécas, através dos seus museus, há muito pue meditar, muito que aprender da ciência de governar, da arte de conduzir as socie-

dades, do segredo de tornar os povos dignos, porque, é na lição dos maiores, que havemos sempre de encontrar energias capazes de formar indestrutível cabedal cívico».

É a justificativa desta comemoração cívica da gente matogrossense, nesta efemeride centenária de um dos grandes vultos do passado histórico da terra matogrossense.

Esta homenagem é o próprio espirito louvável do reconhecimento dos pósteros, à memória venerável dos que fizeram Mato-Grosso, na lembrança e na saudade do grande tribuno e homem de letras matogrossense, que foi José Barnabé de Mesquita Senior.

Discurso do jornalista Augusto Mário Vieira, pela Associação de Imprensa Matogrossense

Humberto, dias depois da morte do ilustre romancista e seu querido amigo Coelho Neto, dissera pelas colunas da imprensa: Ésse está vivo, e continuará meu mestre e meu amigo. E é por isso que, neste momento, não choro. É por isso, que nesta hora em que todos escrevem e anunciam que o glorioso romancista morreu, eu, como nas saudações funerais do fascismo, ergo a voz, e chamo: — Henrique Coelho Neto! E escuto a resposta, que me sobe do coração: — PRESENTE!

Como uma única diferença, que seria a de chamar não pela entonação do fascismo mas, pela beleza e pela força de voz da liberdade, que sai por ai cantando a convicção do bem e da fé, com rumo certinho para o céu, com essa unica diferença, o filho ilustre de José Barnabé de Mesquita (Senior), que hoje de casa saiu rumo a Catedral e de lá em visita ao Cemiterio da Piedade e agora ali sentado, na qualidade de homenageado, a todos os instantes, nas horas das preces, da poesia e da musica, o Des. José de Mesquita, homem de uma profunda fé religiosa e de um poder extraordinario de meditação, tambem não chorou, porque quando chamava o nome imortal e augusto do seu bonissimo pae a resposta logo chegava ao seu coração... Presente! Senhor José de Mesquita! Um século faz, que no tradicional e historico Diamantino, cidade hoje lamentavelmente esquecida e desprestigiada, onde o ilustre amigo, falando como merito historiador, escrevera com a graça do seu talento:

«A prosperidade local se estadeava publicamente nas grandes festividades populares da Semana Santa, do Espirito Santo e da Padroeira, em que à vila afluíam os proprietarios circunvizinhos com as familias, e luzida escri-

varia, conduzidos em cadeirinhas, para assistirem as cerimônias religiosas, as cavalhadas e representações teatrais. Era de ver-se, narram pessoas que ainda alcançaram os os vestígios dessa grandeza extinta, o luxo que imperava na vila durante as festas: as vestimentas, das mais finas, iam da cidade, feitas a rigor; não se permitia a entrada na igreja senão de preto, em geral de seda ou nobreza lavrada; ricas arrecadas de ouro e diamantes se viam sobre os colos das matronas e gentis moçoilas; enfim. a pompa de uma pequena côrte se ostentava naquela vila, nessas festivas ocasiões.»

Pois, bem, ha um seculo conforme ia dizendo, nascia em Diamantino, a figura respeitavel de José Barnabé (Senior). No Centenario do seu nascimento, faz 63 anos que ele morreu. E hoje, quando aqui reunidos, comemoramos o seu centenario de nascimento, ele, está vivo e falando ao seu povo, à sua terra. Do túmulo, levantam-se agora, os seus pensamentos, os seus conselhos, as suas palavras de combate, de advertencias, levantam-se agora as verdades que ele disse. Como o homem de pensamento e combativo, que ele foi, morto ha 63 anos, é, nesta hora, como muitos, o melhor general para os vivos. Como jornalista a sua ultima preocupação foi escrever sobre a nossa evolução politico-social. Dissera o velho José de Mesquita, «Enquanto houver escoria numa nação a republica não será estavel.» Naquela epoca ele já dizia: «Ambiciosos vulgares, sem talento, sem principios, sem moveis de ações definidos (como um certo truão), fracos para a luta das ideias, inculcam-se republicanos e amigos dos altos funcionarios, procurando agrada-los pelo servilismo, recebem empregos e calcam aos pés os sentimentos da verdadeira democracia». E lá adiante ele adverte os homens: «A religião é a base da perfeita liberdade: ha muita tibieza no animo dos homens — é preciso mais fervor. A liberdade é funesta aos espiritos fracos; logo é preciso elevar os espiritos. Aqui deixa-se levar mais pela sensibilidade que pela moral. O egoismo fala mais alto que o amor da patria: quer elevar o salario dos empregados publicos, com prejuizo do pais». Vejam senhores, quanta beleza, quanta sinceridade, nos seus pensamentos! Mas, esse homem, que assim falava em 1880, combatendo os desonestos e a politica de conveniencias, tambem foi atacado pelos que não querem ouvir a verdade. Em 1885, conta o seu illustre filho José de Mesquita, incomodado com boatos anonicos que lhe chegaram acerca de ataques pela imprensa diz: «Disse-me hoje J. M. que mesmo não escrevendo na «*Situação*» o «*Mato-Grosso*» me

ha de atacar. Que dirão de mim detratores gratuitos? Fico em guarda, a espera dos numeros seguintes desse jornal...» E num fim de ano, 1884, disse o jornalista José de Mesquita: «Vai se findar o ano de 1884 que ocupou um lugar saliente na serie dos anos da minha idade, sendo dela o 29.º, e deixa traços notaveis na minha vida, a não poderem ser esquecidos no futuro. Neste ano conheci quanto os homens são fracos, vis e blazonadores: nada ha de peor do que o contacto intimo com eles...» Agora, pergunto, na Monarquia e mesmo nos primeiros anos de Republica, o Brasil, já foi algum dia o que é hoje? Tenho a impressão que não. Por esta ou aquela razão, não discuto quais sejam estas, o fato é, que nunca o Brasil esteve tão desordenado como nos dias atuais. Não podemos discutir esses fatos, como costumamos fazer com assuntos faceis de interpretações. O problema é complexo! O homem nacional, principalmente, o homem politico está na obrigação de estudar a historia economica e social do seu país.

Essa historia pratica, scientifica, numérica, historia diferente das outras, porque cança mas, ensina, atualiza, mostra a realidade das coisas brasileiras. É pena, que a Estatistica não acuse a falta de vergonha de uma grande totalidade dos nossos homens publicos — para que realmente os homens de bem, ficassem convictos de como anda mal o Brasil. Por isso que os homens de governo, de imprensa, quando dignos e honestos, que resistem as negociatas e fecham as portas aos aventureiros politicos, sempre repetem a frase do centenario José de Mesquita: «Neste ano conheci quanto os homens são fracos, vis e blazonadores; nada ha de peor do que o contacto intimo com eles.»

Nobre Presidente José de Mesquita! Agora, que vou deixar esta tribuna, já tantas vezes ocupada por mim, com indeleveis recordações, quero lhe endereçar as palavras officiais da nossa querida Associação de Imprensa Matogrossense. Um abraço, Jornalista José de Mesquita, um abraço forte como o batido das nossas velhas Marinonis, batido que não machuca, apenas provoca-nos com o seu tranco, para que estejamos sempre na luta a busca do ideal, que não chegou e está difficil de chegar, mas que lutaremos por ele, morreremos por ele, ou com ele. Nunca poderemos abandonar o ideal de bem servir a Patria. Que orgulho, para o jornalismo matogrossense é a figura do illustre Des. Mesquita. Homem que não cede, correto, limpo, diplomata. Olha, que se tudo isto eu estivesse dizendo a um Principe, poderiam dizer que eu o estivesse agradando, tudo isto, por ser um Principe. Mas, meus senhores, Des.

Mesquita é um Príncipe, sem castelos e riquezas. Príncipe do pensamento e do jornalismo! É o mais frequente nas colunas dos nossos jornais. Este homem, que vive no nosso meio, que conhecemos a sua dignidade, só não reconhecida pela legião dos detratores e invejosos, este emérito matogrossense de uma capacidade extraordinária de trabalho, prometeu, cumpriu — a entrega do seu parecer, do processo em suas mãos, dos despachos, dos livros que lhe pedem emprestados — advogado, o intelectual, o jornalista, o homem fino de sociedade, nunca procurado pelos políticos, para ocupar um cargo público, onde pudesse puxar pela sua pena e emitir o seu pensamento, onde pudesse dar expansão a sua capacidade de trabalho e transmitir as suas maneiras de diplomata. Tudo isto, acontece e não sabemos porque. Não era mais Mato-Grosso, que deveria sempre trazê-lo em postos de altas responsabilidades. A Patria Brasileira, é que deveria chama-lo como bom filho que é. Esse erro não sei quando será corrigido mas, a historia ai está para fazer justiça. Des. José de Mesquita, ilustre e nobre filho, do Centenario José de Mesquita, cuja memoria estamos reverenciando, que continue prestando os seus magnificos serviços a vida intelectual matogrossense, e deixa-me apertar, de coração, a sua mão de homem de espirito, de nobreza e sobretudo, de homem que quando desaparecer em vida. nesta mesma Casa estará a sua estatua em bronze, em tamanho natural, como que desafiando aqueles, que insurjam em não querer dar continuidade a preciosa existencia desta Academia, que é o sonho do poeta José de Mesquita.

Em bronze, o ilustre amigo ficará aqui neste lugar, de pé, como imortal, dando as suas ordens para que ninguém deixe periclitar os interesse da Casa Barão de Melgaço: E ouviremos então, eu mesmo levarei susto, o ilustre Desembargador dar as suas ordens:

— Gervasio, você que tem um pingão de genio, não pare de escrever.

— Rubens, você é o caçula, ponha-se a trabalhar.

Discurso do Acadêmico Gervásio Leite, pelo Instituto Histórico de Mato Grosso

O Instituto Histórico de Mato Grosso pela obscura palavra do orador que vos fala, presta suas homenagens a uma expressiva e brilhante figura da vida intelectual do Estado, cujo centenário de nascimento as associações culturais cuiabanas hoje comemoram.

Há um simbolo de alto e nobre sentido nessa reve-
rência à memoria dos grandes homens e das grandes figu-
ras que fizeram a nossa história. É que nesta época batida
pelo tufão do mais rude materialismo as gerações presen-
tes e futuras devem voltar para o passado para encontrar
na historia a certeza de que as obras perenes são aquelas
que foram construidas pela inteligência e pelo coração.

A vida de José de Mesquita (Senior) é um exemplo
dessa afirmativa. Nascido a 7 de Março de 1855 na vila de
Diamantino faleceu, nesta Capital, a 12 de agosto de 1892 e
nos 37 anos de sua curta existência, nêsse rápido interva-
lo entre o berço e o túmulo, lutando com tôda sorte de
dificuldades, construiu a golpes de inteligência, fôrça de von-
tade e nobreza de carater, uma vida que enche de orgulho
não só os seus ilustres descendentes mas todos quantos
perlustram a historia da terra comum.

Atraido cedo pelas possibilidades que a capital ofere-
cia aos espiritos de escol, em fins de 1880 vem para Cuiabá,
buscando atingir o magno ideal de sua vida que era o de-
senvolvimento da sua cultura e o aprimoramento de sua
formosa inteligência, Espírito inquieto e forrado de curio-
sidade do mundo do saber, percorre todos os setores da
vida provinciana brilhando no fôro, ilustrando a tribuna de
conferêncista, agitando ideias nas bancas de imprensa da
época, honrando o magistério, servindo a administração
pública, em tudo imprimindo aquele selo de nobreza que é
uma das constantes do seu carater.

Para atingir êsse alto ideal de saber frequenta as au-
las do Liceu em horas roubadas à atividade comercial de
onde tirava o pão para si e para os seus, atira-se ao culti-
vo das belas letras, vai ouvir aulas de filosofia no Seminário
e, sem possibilidades de ir a São Paulo cursar a sua tra-
dicional Faculdade de Direito faz-se autodidata na Ciência
do Direito e em 1884 após brilhantes exames conquista
provisão para advogar, sendo solicitador desde 1881.

Diz — seu autorizadissimo biografo, nosso eminente
confrade José de Mesquita—que a vocação irresistivel de
Mesquita Senior para a advocacia alvorecera em seu es-
pírito adolescente, desde quando, na sua vila natal, con-
templando as injustiças do mundo, com revolta, se propu-
sera colocar sempre ao lado dos fracos e oprimidos, ten-
do feito, muito moço ainda, duas belas defesas perante o
juri de Diamantino, coroadas de completo êxito.

Depois de emprestar grande parte dos seus esforços e consumir anos de sua vida no comércio, Mesquita Senior chegou à advocacia por fôrça de irresistível vocação e, para realizar-se, integralmente, nessa profissão tão sacrificada e tão mal afamada pelos profissionais que a deslustram porque se comprazem em exerce-la pelos caminhos tortuosos da chicana e dos sofismas. Mesquita Senior encarou-a sempre como uma elevada missão social, exercendo-a com honra e elevação, praticando-a como um sacerdote e balisando suas atividades pelo Dever e pela Virtude... Embora o seu espírito, aberto aos ventos de todas as idéias generosas — levassem-no ao jornalismo, ao magistério e à burocracia, foi no Fôro que Mesquita (Senior) atingiu o ponto mais alto da sua vida, buscando na prática do Direito realizar em favor dos oprimidos e dos humildes aquêlê ideal da Justiça que os verdadeiros advogados buscam incessantemente.

Tendo vivido uma curta vida, Mesquita Senior, no entanto, encheu o ambiente intelectual de sua época com o invulgar brilho de sua inteligência privilegiada. Embora nascido pobre, na obscuridade de uma vila em decadência, ainda que privado dos bens materiais, circunstância que o obrigou, aos doze anos, a se atirar ao trabalho, cumpriu o seu destino com a tenacidade do predestinado, alcançando-se da mediocridade do meio provinciano para a vida do espírito, para as pugnas do fôro, o cultivo das belas letras, nas trincheiras do jornalismo.

Tendo haurido no lar, nos exemplos dos seus maiores, aqueles valores morais que dignificam e enobrecem a creatura humana, transmitiu à sua descendência as qualidades marcantes que davam brilho ao seu espírito privilegiado.

Morrendo quando para muitos a vida apenas começa deixou para os pósteros exemplo de uma existência construída no trabalho honrado, vivida para o Bem e ilustrada pela Cultura. E porque fora homem de caracter e homem de saber e, ainda, porque fizera de sua vida uma obra de virtude e de inteligência, não morreu na veneração da posteridade, merecendo que reverenciemos a sua memória para que possamos todos nós nos exemplos de sua vida buscar rumos para uma vida melhor e mais humana.

O discurso do Presidente Mesquita

A comemoração que o Instituto Histórico de Mato Grosso e a Academia Matogrossense de Letras realizam hoje, do centenário do nascimento do Patrôno da Cadeira n.º

27 da Academia, fala-me fundo ao sentimento, eis que se trata daquêle a quem devo a vida e bôa parte daquilo que sou.

Cabendo-me, como presidente da Academia, fazer o encerramento desta sessão solêne, é com a mais viva emoção que o faço, depois de havermos iniciado a comemoração ao pé dos altares sagrados da nossa crença e levado a nossa visita ao túmulo onde repousam os restos venerandos do homenageado nesta tertúlia. São cem anos que veio á luz, na tradicional Diamantino, o varão que, ora, recebe, no culto augusto da Posteridade, êste preito das sociedades culturais da nossa terra e a quem foi conferida a honra excelsa de figurar na galeria dos Patronos desta Casa. Do que êle foi, fez e realizou, na sua vida tão curta, de 37 anos, seria eu suspeito para dizê-lo, já o tendo proclamado a palavra conceituosa e brilhante dos oradores desta noite— os meus diletos confrades e amigos Francisco Mendes, Gervasio Leite e Augusto Mario Vieira, em suas belas e expressivas orações.

Havendo perdido o pai aos cinco anos, foi-lhe marcada pelo destino a árdua tarefa de ser o arrimo da família paupérrima, composta de mãe e quatro irmãos. Mal apenas atingiu a idade em que se viu capaz de arcar com essa grande responsabilidade, enfrentou-a resolutamente e deu cabal desempenho à sua missão providencial. Fez-se, assim, pelo próprio esforço, do menino pobre da velha Diamantino, o cidadão prestante e cheio de serviços à terra matogrossense Transferindo-se para a capital, com os seus, aqui teve o cenário da sua rápida e fecunda carreira, como professor, jornalista, advogado e homem de letras, deixando do seu breve currículo traços que jamais se apagarão. Foi nessa lição de força de vontade que encontrei o roteiro da minha existência, o fanal a guiar-me nas fases de luta, possibilitando-me a vitória sobre mim mesmo e sobre o mundo. quasi sempre hostile ou indifferente. No seu grande exemplo encontrei o padrão da minha conduta, na vida cujos anos se contam pelos que a êle faltariam, quando morreu, para completar este centenário. Essa a mais expressiva glória do nosso homenageado de hoje: poder servir de paradigma espiritual aos seus descendentes. Havendo deixado apenas um herdeiro do seu nome, com cinco meses, hoje a sua progênie já se alarga através de seis netos e outros tantos bisnetos, que se honram de ser portadores do nome, que êle tanto dignificou.

Meus Senhores:

Tres são os Patronos desta Casa, pais de academicos que aqui têm assento, e dêesses tres, circunstância para notada, dois são diamantinenses, o meu pai e o ínclito desdor. Ferreira Mendes, pai dos nossos ilustres confrades Lamar-tine e Francisco Mendes. O outro, Mariano Ramos, pai do preclaro acadêmico Oscarino Ramos, foi um dos grandes amigos de Mesquita Senior, com quem manteve assidua e afetiva correspondência. Que mais alto estímulo pode haver do que êsse, de ver erigido em Paranimpho numa instituição de cultura, aquêle que é o nosso Patrono espiritual, em cujos ensinamentos moldamos o nosso carater e a nossa inteligência ?

Por isso, ao encerrar esta festividade, quero agradecer de todo o coração em meu nome e dos meus, aos Promotores da comemoração, e aos que nela colaboraram, bem como a quantos nos trouxeram a honra confortante da sua presença lamentando a ausência justificada da nossa brilhante consocia, D. Anna Luiza Prado Bastos, ocupante da cadeira n.º 27.

A todos que, assim, concorreram para a exaltação da memória do nosso chefe, a família Mesquita manifesta a sua cordial e perene gratidão.

Carta da acadêmica D. Anna Luiza Prado Bastos

(ocupante da Cadeira N.º 27)

Campo Grande — Mt., 29 de Março de 1955.

Exmos. Srs. Academicos:

Gervasio Leite—Rubens de Mendonça—Francisco A. Ferreira Mendes

CUIABÁ—Mato Grosso.

Distintos confrades:

Dou em meu poder o officio de 10 de Fevereiro ultimo de VV. SS., no qual me comunicam, como membros da Comissão de comemoração festiva do centenario de nascimento de José B. de Mesquita (Senior) patrono da cadeira 27, por mim ocupada, estar mesma organizada para o dia 7 deste, pela Academia Matogrossense de Letras e pelo Instituto Histórico de Mato Grosso.

Lastimei não ter podido comparecer ás mesmas festividades e nem mesma telegrafar naquele dia, pois, só vim a ter conhecimento do programa organizado, em data posterior.

Ausentando-me em dezembro, somente em meados deste, pude estar de volta a esta, pelo que peço excusas da falta involuntaria.

Congratulando-me, pois, com a Academia e Instituto Histórico, pela feliz lembrança da merecida homenagem a tão ilustre conterraneo, formulo votos pela prosperidade daqueles centros culturais que muito honram o nosso Estado.

Com alto apreço, subscrevo-me atenciosamente.

Anna Luiza Prado Bastos.

FOLHAS DE CADERNO

A. Cesário Néto

Singular paradoxo, ou petulante incoerência, é a de certos manuais e tratados, em que se acoimam as cousas da cultura e do pensamento de se haverem às vezes afastado da vida, e de ficarem no canto, sem contacto com o frenético palpar das multidões.

Na realidade, o que acontece é que, ao contrário, quando anda revolto o mundo, os homens e a vida se tornam hostís à beleza e à verdade, relegam-nas e amedrontam-nas e então as do verso, como igualmente todas as musas do espírito, fenecem ou se calam não somente ao fragor das armas, mas ao estrondo das urbes e ao solerte pregão das mercancias.

* * *

Já se exprimiu alguma vez, a tortura intelectual de um espírito de finura, inquieto e dúctil, que seja ao mesmo tempo apaixonado pelas esquadrias da lógica e pela apolínea elegância de um silogismo?

* * *

Onde e quando começa a decadência da arte?

Não começa aí no caruncho dos clássicos nem nos gêneros surrados nem nos sonetos.

Não começa nas flores, nem nos frutos; começa nas raízes.

Começa onde começa a de outras realidades valiosas, quando, por exemplo, populações começam a abandonar o girão natalício; quando, os ginásios e liceus começam, não a esvaziar-se, mas a encher-se; quando as portas das universidades se abrem de par em par; quando os trens e os

aviões começam a transportar legiões civis; quando as máquinas de imprimir oferecem facilidades de que não gozavam os antigos povos da Babilônia ou da Hélade.

O resto vem depois, com as teorias, os programas, os impulsos dinâmicos, os figurinos, a necessidade do mirabolante ou do diferente, do novo, do ultra-novo ou novíssimo.

* * *

O ponto originário da ciência, o berço onde ela nasce, está naquela atitude inquisitiva sobre as mais altas cousas da vida, sobre Deus e os destinos humanos, descendo ao depois ao imediato, ao cotidiano e ao concreto, que lhe oferecem terreno mais acessível e firme para a construção do seu soberbo edifício.

E isto é verdadeiro, ainda que dito fora de um manual. E continuará sendo-o, para que ela progrida e seja digna do homem que a criou e a quer cada vez mais. Mau grado a moda (felizmente em declínio) que manda negar ou malsinar tais assuntos eternos e tais idéas matrizes, ela volta, por exemplo, a reconhecer que a essência do homem não é o infrahumano, mas o humano, e que só há o humano onde começa o divino.

* * *

O tal discurso de Montaigne «le même au papier qu'à la bouche» é uma das muitas expressões literárias, que não podem nem devem ser intepretadas ao pé da letra, porque a realidade é outra, e bem diferente. Há nisso aí um romantismo linguístico.

Há nessa cousa uma ilusão, a ilusão quase alvar de querer um sentido material para o que está ali em sentido formal. Fala-se em naturalidade, em familiaridade, em simplicidade de linguagem, como se não fossem elas, justamente, o que há de mais alto e selecionado, o que há de mais apurado em matéria de linguagem, produto de um trabalho incompatível com a fala corrente.

É absurdo um dizer que escorra da pena como se brotasse da boca, como o parecia querer o Montaigne, o qual, entretanto, não haveria de conversar com a sua sobrinha nem mesmo com la Boetie naquela mesma maneira encantadora, cheia de colorido e de graça, com que compôs os *Ensaíos*.

Esquecem-se de que a facilidade do dizer é cousa difícil e de que La Fontaine, que, mais que ninguém, soube pôr em verso, uma naturalidade e simplicidade inexcedíveis,

só o conseguia á custa do suor e da lima: «*je fais difficilement des vers faciles*».

* * *

Nietzsche, que, por via ontológica, chegou a algumas profundas verdades psicológicas que a investigação científica hoje confirma, Nietzsche bem viu o sentido da disciplina na verdadeira cultura, quando disse que a «revolta é a nobreza do escravo e que a verdadeira nobreza é a obediência»; e pregou: «vivei a vossa vida de obediência e de guerra».

CADEIRA N.º 7

(antiga 15)

**O falecimento do 2.º ocupante Acadêmico
Prof. Alcindo de Camargo**

O FALECIMENTO DO ACADÊMICO PROF. ALCINDO DE CAMARGO

Rendemos, neste número da Revista, uma preito de saudade ao acadêmico Prof. Alcindo de Camargo, falecido, a 23 de dezembro de 1950, em Alagoinhas (Estado da Bahia), mas de cujo sentido passamento só agora tivemos conhecimento, através da correspondência trocada entre o acadêmico Zózimo Lima, da Academia Sergipana de Letras e o presidente da Academia Matogrossense. Alcindo foi o 2.º ocupante da cadeira n.º 7, tendo passado o membro correspondente em 1930, por haver transferido a sua residência para fóra do Estado.

Melhor homenagem não poderíamos prestar a sua aureolada memória do que exornando as páginas de nossa *Revista* com o bellissimo e afetivo trabalho do acadêmico Zózimo Lima, publicado no «Correio de Aracajú», evocando a figura do notavel educador e jornalista cuiabano.

«VARIAÇÕES EM FÁ SUSTENIDO

Zózimo Lima

A Academia Matogrossense de Letras, por seu Presidente, Dr. J. de Mesquita, me pedira, ha meses, noticias referentes ao meu saudoso e querido amigo e colega Alcindo de Camargo, do qual ha muito não tinha noticias. Alcindo de Camargo fôra sócio efetivo daquele ilustre sodalicio, passando para o quadro dos correspondentes após a sua saída daquele Estado.

Dei-lha imediatamente, recorrendo, antes, a amigos seus de Alagoinhas, onde o prof. Alcindo de Camargo, depois de peregrinar por varios Estados e algumas cidades do interior bahiano, ali se estabelecêra difinitivamente, após a sua aposentadoria no quadro dos Telégrafos.

Conheci Camargo em 1916, em Pojuca, ali chegado, antes de mim, de Cuiabá. Tornamo-nos, depois de alguns encontros cerimoniosos, companheiros de «república». Era,

àquela época, o Alcindo, inda solteiro, como eu, um esquisitão, arredio sempre dos demais colegas, principalmente dos pernósticos. Calado sempre. Tabagista inveterado. Introvertido, esquizotímico. Quando iam aos banhos no «Chupa Caroço,» então, em palestra íntima, o mestiço reservado e talentoso me revelava, sem reboços, toda a grandeza do seu caráter e da sua inteligência. Escrevia e falava inglês como um doutor da Oxford.

Tinha surpreendente desinteresse pelos bens materiais. Não o atraíam as pompas passageiras das consagrações políticas e sociais, às exposições das quais não podem se eximir fôfos e cretinizados milionários. O seu máximo desejo era aprender e ensinar, vagar pelo mundo em fóra; como Stanley e Livingstone, conhecer religiões exóticas, primitivas civilizações; estudar psicologia nos nosocômios de psicopatas, nas assembléias e aglomerações públicas e privadas, onde se encontra maior número de megalomaniacos, insanos e desajustados.

Delirava, às vezes, o Camargo, na exposição de seus propósitos e na execução de atos exteriores quando se via contrariado por indivíduos de horizonte mental idêntico ao dos zulús. À noite, de volta do trabalho, quando não iam ao bairro. «Água de Oliveira,» de onde se avistavam as ruínas do tradicional engenho de açúcar do Conselheiro Saraiva, notável do império, liamos a «ÉTIQUE,» de Espinoza, edição Colin, tradução do original do Conde Henri de Boulainvilliers. Eu me apegava ao exame dos sorites sobre a negação do livre arbítrio. Camargo, especulativo, metafísico, doutoralmente desenvolvia raciocínios que justificavam vários assêrtos do filósofo judeu.

Um dia, tomou o destino de S. Paulo, com carta minha de apresentação ao poeta Cleómenes Campos. Separamo-nos. No ano de 1928, se não me engano, regressava êle do sul. Visitara Mato Grosso. Acontece novo encontro entre nós, já em Salvador. Interesses económicos fizeram-no procurar o interior. Avistamo-nos, novamente, em 1942, durante vinte minutos, se tanto, da janela do trem, de passagem por Alagoinhas, onde êle se instalara, já casado, com filhos, como eu. A Academia de Letras de Cuiabá quis, agora, saber notícias suas, pois ignorava o seu destino e se ainda era vivo. Colhi-as por intermédio de João Nou, brilhante advogado em Alagoinhas, que com êle mantivera estreita camaradagem durante vários anos. O dr. João Nou completou tais informes com os que lhes fornecera uma das filhas do culto e saudoso professor. Vão, aqui, depois dos dois pontos, que aqui, grafo:

Nasceu Alcindo de Camargo a 5 Dezembro de 1896 em Cuiabá. Fez ali preparatórios no Liceu Salesiano e matriculou-se na Faculdade de Direito, não concluindo o curso, já bacharelado, por ter sido removido para o norte. Casou-se em Cachoeira, Bahia, em 1918, com a sra. Astrogilda Carvalho de Camargo, da qual houve quatro filhas, Carolina, Cordelia, Celia, professoras em Alagoinhas, e Clarice, casada com Tertuliano Teixeira, em Irará.

Camargo fundou em Irará o «Gremio Artistico e Literario Castro Alves» e ali exerceu, como licenciado, a advocacia, obtendo grandes exitos. Esteve em Serrinha, de onde se transferira para Alagoinhas, em 1930, tornando-se, ali, o pioneiro da instrução secundária. Fundou, requereu e obteve a equiparação do Curso Fundamental em 1932 e a equiparação do Curso Normal, diplomando professoras em 1936, 37, 38, 39 e 1940. Em 1935 conseguiu a oficialização do Curso Ginásial. Em 1945, após tenaz campanha que sofreu por parte dos interessados na comercialização do ensino a que êle se opunha, teve a saúde abalada, sofrendo derrame cerebral, que o deixou hemiplégico. Passou a direção do Ginásio ao seu substituto e retirou-se á vida privada, de onde antigos alunos o foram buscar para fundar o «Curso Barão do Rio Branco», onde lecionava linguas, matematica e preparava alunos para os vestibulares ás academias. Tal curso tinha cunho essencialmente democrático, sendo frequentado, na sua maioria, por ferroviários e filhos de operários.

Em Alagoinhas colaborou nos jornais «7 Dias», «O Popular» «Correio de Alagoinhas» e «O Nordeste», do qual foi fundador. Em Cuiabá foi funcionario do Banco do Brasil, professor de inglês, membro da Academia Matogrossense de Letras, do Instituto Historico e colaborador de varios jornais. Escreveu na imprensa do seu Estado natal, de S. Paulo e da Bahia. Morreu de cancer a 23 de Dezembro de 1950. Era viuvo desde 5 de Março de 1945, seu ano aziágo, conforme a expressão literal do dr. João Nou, quando sofreu tenaz campanha por parte dos mercantilistas do ensino, perdeu a dileta companheira e ficou hemiplegico.

Alcindo de Camargo deixou dois livros ineditos: «ES-POSA MARTIR» e «TÉIA DE PROMETEU.»

Presto, publicando estas resumidas notas, uma singela homenagem áquele que foi um dos meus raros amigos e uma das inteligencias mas prodigiosas que tenho conhecido».

IPÁGINAS FEMININAS

Oração paraninfal da turma de Contadores da Escola Técnica de Comércio, de 1955

Prof. Guilhermina de Figueiredo

«Si tu peux croire, tout est possible à celui qui croit».

Quando Raquel, a cega de Betânia, entre a fé e o desespero, entre a angústia e a timidez, entre o amor e a esperança, só temia não ser vista pelo Meigo Rabbi da Galiléia;—sentiu-se como que extática e transportada ás regiões paradisiacas, ouvindo a a Voz de Justiça e de Bondade que lhe falava, assegurando a cura miraculosa, contando que pairasse sôbre ela a chama viva e ardente da Fé.

Ao que a cega, alma e coração em puros e nobres ideais, entre convicta e ansiosa, pudera responder, na plenitude da crença e da humildade: «*Je crois.*»

À procura de alento e paz espiritual, em momentos dolorosos que a vida nos oferece, e em que, fora da fé, a alma sucumbiria, vencida e pávida, — foi que se me deparou nesse florilégio místico e confortador de M. Reynés, qual sol radioso e ofuscante em dias glaciais, quando tudo é neve, tudo é algidez, tudo é abandono, — esta passagem real e sugestiva de um dos Prodígios Divinos, realizados à luz da Fé, da Esperança e do Amor.

Lendo-a e sentindo-a na beleza e na maviosidade cantante do idioma de Chateaubriand e de Vitor Hugo, — língua que nos fala de música, de perfumes e de magias, não ousei traduzí-la, que não lhe empanasse o brilho, a pureza, o classicismo da forma.

E essas palavras mágicas e sublimes, guardei-as comigo, no mais íntimo da alma; até hoje, quando vós, afilhados queridos, em requintes de fidalguia e de afeição, fostes buscar-me a paraninfar um dos momentos magnos, uma das páginas áureas da vossa vida, momento que eleva e enobrece espíritos, página que ilustra e enrica almas e corações.

E, em me buscando vós, eu que me sentira também nessa doce e angustiosa alternativa da Raquel, também eu, entre convicta e temerosa, porêm extasiada e feliz, pude responder: «Sim, eu creio.»

E porque cri aqui estou, vencendo receios, dúvidas, incertezas, angústias e lutas cotidianas; aqui estou para viver convosco horas de puras emoções; aqui, onde me quisestes como madrinha, como mestra, como amiga, nesta homenagem simpática que me enche de orgulho e de glórias: orgulho que não avilta, mas enobrece; glórias que não fenecem e nem passam; mas, ao envés, perdurarão para todo o sempre, como perdura a fé, a esperança, o amor.

Aqui estou porque creio no vosso afeto; creio na vossa bondade; creio na vossa indulgência: que, na afetividade, no ser bom e no perdoar está o tríplice e sagrado lema do viver; vida que é felicidade porque é amor; heroísmo, porque dedicação; paz, porque perdão.

Lucis et felicitatis mane!

Hoje, a Igreja, como Mãe que ela é, por isso que, bem ciumenta e amante, quis para si as primícias do dia na magnificência de uma manhã radiosa, amorável e feliz; pois, foi ela a primeira a acariciar-vos nas doçuras de um Beijo Divino, nas mais suaves e ternas expansões de um amor puro, abençoado, santo, imortal.

Sentiu-se como que um perpassar sutil da aura matutina, ou um rumorejar das asas místicas de um anjo, que vos descerrassem as cortinas simbólicas das primeiras horas de um dia majestoso e, entre todos singular; para exaltar-vos por entre cânticos e preces, luzes e incensos, sorrisos e flores.

Lucis et felicitatis mane! Hora de encantos e poesias; hora que é silêncio, é música, é perfume; em que a própria natureza canta, fala e enflora a nossa alma: no cicio musical ao sôpro da brisa nos canaviais; no chilreio álaçre dos pássaros; no atito mesto das aves; no murmurar cantante das águas; no desabrochar misterioso das corolas; e no mesmo sol, cujos raios umbélicos e fulgurantes, em gôzo e em delírio, — cantam, felizes, o hino da aclamação, do triunfo e da vida.

É a hora do sol, êsse hino magistral e perene; quando, no dizer de Vieira, vem êle: «enxugando as lágrimas da aurora; restituindo a côr e a formosura aos campos; despertando as músicas das aves; dourando os céus e alegrando a terra.»

E então, nós nos unimos a Êsse Sol Místico, Aurora Cintilante de Vida, Sol que só Êle é a Fôrça, a Beleza, a Perfeição, o Amor: Fôrça que redime, Beleza que extasia, Perfeição que sublima, Amor que realiza.

E ali nos sentimos sublimados e erguidos num mesmo ideal, que outro não é, senão o da bondade, da harmonia e da justiça.

Realizou-se em nós, a transformação misteriosa e sublime, apagando nos corações, tudo o que de máu e degradante lhe pode ter dado o mundo: com seu materialismo árido, com seu realismo vazio, com suas corrupções, desenganos, fealdades e tristuras. Sim, operou-se ali a verdadeira e única transfiguração das almas; — e elas, fugindo, destemidas, ao vendaval maléfico e pernicioso do mundo, que lá fora rugue, embravecido e violento, — vêm tôdas conchegar-se, felizes e descuidadas, ao regaço santo e materno, a êsse ninho acolhedor e recamado de paz, — oasis de docuras e suavidades, que é a Igreja.

É essa a Mãe Doua, a inspiradora de Mont' Alverne, na exaltação apoteótica e vibrante, que nos faz repetir com êle, cantando com o poeta, e amando com o crente:

«Religião Divina, Misteriosa e Encantadora; tu, a quem devo tôdas as minhas inspirações; tu, minha estrêla, minha consolação, meu único refúgio!»

E agora, neste momento sugestivo, de uma noite esplendorosa, aqui estamos novamente unidos, para vos festejar no deslumbramento das luzes, no colorido purpúreo das flores, na magia cantante dos versos, na harmonia das vozes e dos acordes, na poesia da oratória; aqui, onde tudo é alma, tudo é sentimento, tudo é espontaneidade.

Afilhados meus: convosco caminhei um triênio de convívio feliz e afetuoso; convosco pude sentir bem profundo, o quanto é doce, o quanto é nobre, o quanto é belo o ensinar! Dar um pouco do seu aos outros; repartir com êles a vida do espírito e da alma; irradiar a nossa alegria quando a gozamos, sentir que conosco sofrem, se sofreremos.

Dar-se tôda a quem, sedentos da verdade, do bem e da luz, conosco penetram os arcanos suntuosos e magníficos dos mais insondáveis labirintos, na ciência e nas artes.

Alhear-nos a tudo que nos rodeia, e viver com êles numa reciprocidade intensa de afetos, de compreensões, de anseios e descobertas.

Entre a fé e a ciência, entre o dever de cristã e o dever de mestra, entre ideais, os mais nobres e santos: os da Religião e da Pátria; — entre as aspirações da alma e

do espírito; à luz dessa mesma crença e dêsse mesmo mister, — bi-partido assim o coração, — a vida se me ia mais calma e menos dolorosa; e aí, convosco, pude sentir-me como que confortada e refeita das cruces e sofrimentos que nos purificam, que nos alindam a alma; cruz e sofrimentos que são o crisol da vida: cruz que é glória, sofrimento que é redenção.

Em assim juntos estivemos, desde as perguntas mais rudimentares e simples do nosso programa incipiente na gramática normativa, ou no laconismo da correspondência comercial; até o apogeu na história literária da gente lusitana e da gente brasiliense, nessa arte que é a própria alma de uma nação, nas suas manifestações mais sensíveis e emotivas: história, religião, tradições, moral, sociedade, momento, época; tudo isso vivendo e inspirando um país, uma raça, uma personalidade, um caráter, uma vida, uma alma, um coração, — um espírito fulgurante e imortal.

Juntos subimos as encostas florentes e olorosas do Parnaso; e lá, à sombra dos carvalhos seculares ou dos tenros arbustos, nos entretivemos a colher as flores que, de todo canto, surgiam, virentes e belas: quer no classicismo das formas impecáveis e puras, quer no sentimentalismo ardente e apaixonado, quer ainda no espiritualismo sadio e altaneiro que nos faz viver horas de elevação, de sugestividade, de paz, de encantos, e misticismo.

Ora nos extasiávamos ante a magnificência deslumbradora de um Camões, na imortalidade dêsse poema universal; poema que é monumento, poema que é um país, e é uma vida; ora nos recolhíamos como em prece, na dolência e na ternura de um Álvares de Azevedo; poeta que é amor, que é saudade, que é tristeza, que é devaneio e dúvida; ora levados ao som magistral e vibrante de um Bilac, com êle subindo, numa ascensão gloriosa e deslumbrante, essa via látea de sonhos e delícias, de realismos e fantasias; quer ainda, vivendo com Gil Vicente, na perfeição real ou simbólica de seus atos e de seus mistérios.

Juntos assim estivemos, e gozamos dêsse sentimento que é o belo, que é a própria revelação da arte; momento que é beleza, que é emoção, é prazer estético.

Juntos caminhamos, mão por mão, nessa estrada alvejante e luminosa que nos leva a conhecer os clássicos: desde a Escola Provençal, berço áureo das artes e letras, até hoje, os nossos dias, — sonhando e cantando, embalados nas árias rítmicas e sonoras de suas estrofes, ou na maviosidade e pureza da sua prosa: uma e outra, inspiradas e vi-

vidas nas carícias de um amor, nas doçuras de um beijo, nas asas de uma saudade, na nostalgia de uma exílio, no heroísmo de um triunfo, ou nas sombras e crepúsculo de uma ruína.

E assim juntos ainda nos achamos hoje, quando a madrinha, extasiada e feliz, vai deixar-vos a lembrança expressiva do dia, no lema que vos falará sempre de uma hora radiosa e bela, em que só imperou a verdade, a sinceridade, a afeição.

Statura tua assimilata est palmae.

E porque a palma eu vos sugiro, quando tantas outras árvores e arbustos ornem e embelezam a nossa natureza?

Porque, com Vieira, direique: «tôdas as outras árvores, ainda que sejam os cedros mais gigantes do Líbano, têm limite no crescer e termo na estatura; só a palma não, sempre cresce.»

Assim também vós: crescei sempre e muito; crescei na fé, no amor e na cultura.

Fides, Amor et Sapientia!

Fé! Luz mágica que desperta, que sacode do torpor da vida material, que impele ao bem; fé que realiza prodígios, que transforma vidas, que ressuscita almas.

Fé que encheu de coragem e ânimo a um Colombo; que deu sabedoria e inspirações a uma Madame Curie; destemor e heroísmo a um Tiradentes; — descobrindo um mundo, suavizando uma dor, enaltecendo uma pátria.

Tirai ao homem a fé e vêde o que lhê resta: um corpo sem alma, um cérebro sem lucidez, um coração sem vida.

Almas vivo-mortas que por aí caminham sem viver a vida, sem gozar das alegrias, sem sentir as angústias e dores.

Almas apáticas que deixam escapar de si essa tibieza espiritual; fraqueza que é inquietude, que é desharmonia, que é hesitação. Almas que por aí vão, quais espectros ou sombras, num perambular vazio e inútil; pois, não crendo não esperam; não esperando, não amam; não amando, não vivem.

Fé, que fez de Bocage um crente, transformando o poeta ímpio e materialista no cristão sincero e arrependido; deixando o coração que dentro, se lhe ia amargurado e infeliz, expandir-se naquele vibrante e mágico distico, — pedindo, imperando, ordenando, em arroubos de inquietação e de vaga espiritualidade:

«Oh! se me creste, gente ímpia,

Rasga os meus versos; crê na Eternidade!»

Amor! Quanto poderio e quanta ternura!

Quanta exaltação e quanta humildade!

Amor que é vida, que é triunfo, que é glória! Amor cristão; amor fraternal que une os povos, as raças, as famílias; amor que compreende, que sacrifica, que renuncia.

Amor que é perdão, amor que é paz, amor que é suavidade.

Amor, que inspirou a Tasso, o poeta sorrentino, a dizer: «*È perduto il tempo che in amare non se spende*».

Amai, pois, em todos os momentos da vossa vida; fazei dela um roseiral de amor que não de ódios; de renúncias que não de egoísmos; de suavidades e ternuras que não de invejas e asperezas.

Amai o bem, o belo e a verdade! Amai, do amor que que só o sabem ter os que firmam na beleza da fé, e na plenitude da esperança.

Levai no pensamento mavioso destes versos, o lema de vossa vida sentimental:

Isto é amor, e dêste amor se vive!

Isto é amor, e dêste amor se morre!

Amai ainda a cultura; e acima de tudo, a vossa língua, idioma miraculoso, que nos fala de uma raça e de um povo; essa «última flor do Lácio, inculta e bela;» flor que rescende ao perfume inebriante e à saudade nostálgica de três raças amorosas e tristes.

Essa língua, que é a mesma no balbuciar terno da criança; nas expansões líricas e afetuosas dos que se amam; nos gritos de lamento ou de revolta em corações angustiados; nas exaltações de glória e triunfo dos que alcançam o ideal; como ainda nas frases pálidas e descoloridas dos que se deixam vencer no desânimo, na apatia, no ceticismo.

Amai e cultuai a vossa língua, elevando-a aos píncaros de uma imortalidade gloriosa: ela é vossa como vosso é o céu, pontilhado de estrélas, como é vosso o mar, êsse imponente reino de cristal, onde as ondas se enfurecem ou se acalmam; como são vossas as montanhas cuja verdura esmeraldina nos fala da esperança, essa, que no dizer do poeta «dá ao homem o dom de suportar o mundo».

E dêste entrelaçamento místico, surgirá para vós, afilhados meus, a escada de Jacob, por onde subireis, intimoratos e gloriosos; subireis, certamente, e lá, bem ao alto, na culminância de uma aspiração, lá encontrareis o galardão a que fareis jús, por uma estrada bem caminhada, um ideal bem realizado, uma vida bem vivida.

E, ao encerrar esta oração, assim como a madrinha na pia batismal, tendo ás mãos a vela branca, símbolo da fé luminosa e viva, repete com os neófitos, as belas palavras de renúncia ao mundo e às suas loucas vaidades, — assim nest'hora, trazendo conosco o Senhor dos Senhores que hoje reina e impera em nossos corações, e ao fartalhar tremulante da bandeira que aqui se ostenta; façamos as promessas sagradas e bemditas, o que deveis fazer, com a alma em flores, o espírito em delícias, o coração em festas.

* * *

Juramento pronunciado por todos os alunos:

«Perante Deus, nossos pais, mestres e superiores, prometemos viver sempre da fé, do amor e da cultura, na integridade dos nossos deveres cristãos, sociais e profissionais; irradiando a todos, os reflexos benéficos e salutares das virtudes, a cuja luz e inspiração viveremos, lutaremos e venceremos».

* * *

Deus abençoe vossos santos propósitos; Êle vos ilumine para todo o sempre: na Majestade de um Soberano, na Onipotência de um Juiz, na Ternura de um Pai, na Sabedoria de um Mestre.

Disse.

LISA

Benilde Moura

«Todo pensamento é um princípio de ação» — DISRAELI.

A água límpida passando maciamente pela margem verde, iluminada ao magnífico sol de Janeiro, recebe a imagem poética das árvores ribeirinhas e reflete o pequeno vulto de Lisa, a menina de longos cabelos louros, que encanta aquelas regiões. Os olhos claros, sonhadores, protegidos por sedosas e bastas pestanas, vagam de um ponto a outro, a procura de algo talvez inexistente. Ora deslizam sobre o líquido marulhante, ora pelo nível das ribanceiras, ora ascendem ao doce aclave azul da imensidade, até imergirem no fundo indevassável da abstração. Um galho debruçado na corrente serve-lhe de recosto. E ali, o corpo abandonado, em aparente despreocupação e repouso, Lisa tanta retirar de seu cérebro de adolescente a razão de ser de cada cousa que, nessa tarde inesquecível, agita-se no ambiente espiritual, atropelando-lhe o sentimento e lhe desassossegando o coração.

É como se naqueles gratos momentos de solidão a vida esteja a impeli-la para o abismo das emoções. E Lisa, sem saber, nem sequer suspeitar que a Vida é exigente e incontentável, entrega-se inteiramente ao sabor de sua mente juvenil.

— Porque nós existimos? Porque existem as águas, as arvores o céu, a luz, as flores, a beleza, a poesia, o sonho e as ilusões? Porque existe o sofrimento e a morte?

Lisa é curiosa e inteligente. E mais que inteligente é curiosa.

— Porque existe o bem e o mal? Como tudo isto é difícil de compreender!... E o amor, meu Deus! porque existe o amor?

Seus pequenos olhos sonhadores penetram o infinito, onde a magnífica flor de ouro das esferas luminosas, ex-
plende sobre a natureza, esparzindo as pétalas de luz.

— Sim, meu Deus, porque existe o amor... porque e para que ?

Sua alma agita-se, ora a interrogar as vastidões do éter, ora os impenetráveis e mais escuros subterrâneos, na esperança de encontrar uma réstea de compreensão dos mistérios que a perturbam. São perguntas tumultuosas, varias de respostas. Mensagens atiradas nos espaços, que se perdem no infinito, porque sua imaginação, ainda não tem, não adquiriu a elasticidade necessária para medir a realidade dos grandes segrêdos do Oniciente e Onipotente Senhor de Todas as Cousas.

Lisa detem-se diante do intransponível. É frágil e mortal. E sua fragilidade feminina tem o santo dever de retroceder nas encruzilhadas perigosas. Lisa retrocede. Jamais encontrará a verdade absoluta. Mas tem a Fé a iluminá-la até o fim dos dias, consolando-a e talvez a enganando, mas assegurando-lhe os benefícios do confôrto espiritual de que tanto necessitamos.

CARTA PARA MINHA FILHA

Maria Dimpina

Vi-te, hoje, vaidosa, admirando-te ao espelho. Num máximo de alegria, refletida no brilho de teus olhos, olhavas-te, e tornavas a olhar-te, como que vaidosa de ti mesma em teu traje domingueiro, que deve ir substituindo, aos poucos, o uniforme colegial.

E compunhas os cabelos, procuravas jóias e perfumavas-te numa vaidade do botão que rompe as sépalas e procura abrir a corola para a beleza e para o encanto.

Minha filha:

Vi-te vaidosa, admirando-te ao espelho; e tive nesse momento muito ciúme de ti, muita preocupação com teu futuro, e elevei aos céus uma prece, pedindo a Deus, para ti, a beleza da alma, aquela que faz da mulher o anjo da virtude, o relicário dos mais santos afetos.

Prometi-me escrever-te umas lições, herança de afetos e de cuidados, — a maior e a única que te posso legar quando, longe de ti, no outro mundo talvez, eu não possa mais acompanhar, em pessoa, teus desvaneios da mocidade.

Entre todos os perigos que ameaçam a juventude incauta têm primazia as seduções dos admiradores.

Fugas dos incensos queimados a teus pés, tu que és mortal e não tens direito a adorações.

Vês êsse peixinho... Sabes como dantes fugia de mim, arisco e medroso. Hoje, come quase à minha mão as migalhas de pão que lhe trago quotidianamente.

Ceveio-o aos poucos, com geito, com geito, com persistência... Assim, o tentador!

Elogios à beleza, ao talento, às tuas graças, são umas como migalhas de pão com as quais procurarão, talvez, tentar o teu espírito, se, incauta, não souberes defender-te dos pescadores habilidosos que, a cada passo, procuram a sua preza colhendo-a nas malhas tentadoras de carícias falsas.

Cuida de ti: Procura apresentar-te graciosa e elegante.

Mas... acima das graças e da elegância físicas, coloca a grandeza moral do teu espírito, a candura da tua alma.

Desconfia dos que dizem estimar-te, menosprezando tuas virtudes. O sinal da cruz do verdadeiro amante, daquele que será digno de ti, é o zêlo, o cuidado pela tua honra que não deve querer barateada pela maledicência humana.

Pudesse eu acompanhar-te os passos, ouvir os elogios ás tuas graças, estar oculta dentro de ti, para defender-te a cada momento; ver, de perto, os perigos que por ventura possam ameaçar-te, como estou vendo os primeiros sinais de jovialidade que, desenvolvendo prematuramente em ti, te envaidecem... Pudesse eu acompanhar-te para salvar-te com o zêlo cioso de meu amor materno!

Mas, minha filha, se meus olhos e meus ouvidos se distanciarem de ti, não te faltará, no entanto, uma segunda mãe que zelará da tua virtude e da tua honra. É a religião que te ensinei desde o bêrço e que refletirá, sem mentira e sem falsidades vãs, as belezas de tuas virtudes e a hediondez de teus defeitos, dando-te como protetora Maria — a bem dita entre as mulheres.

Nesse espêlho de virtudes é que deves mirar-te, menina ou moça, espôsa ou mãe.

E como deverás ficar contente quando ao envéz de escutares dizer que és bonita, *o que bem pode ser uma falsidade*, ouvires, com razão, dizer de ti: «ela é boa!»

Assim quero ver-te, filha, e para isto é que preparo o teu espírito, hoje, que procuras despontar para os encantos, numa vaidade como a do botão que rompe as sépalas nas manhãs primaveris da vida.

Agosto de 1943.

(Do livro FÔLHAS SÔLTAS)

RODAR... RODAR...

Maria Alzira A. Nunes Dias

Amanhecendo... e Cuiabá ficando longe... para traz... na estrada, no fim da estrada, meio adormecida, se espreguiçando linda e faceira vestida de verde com fitas nos cabelos, piscando os olhos tontos de sono pelas janelas de suas casas... Acordando risonha, amorosa, para num longo beijo saudar os filhos queridos.

Onde todos? De um olhar ela percebe a fuga. La se foram eles. Ingratos. Fugiram quando eu ainda dormia. As luzes... o sino... as ruas alegres, iluminadas e um grande caminhão branco, roncando com cuidado rodava loucamente levando os meus filhos... Que sejam felizes! O Brasil é grande e é a Patria.

* * *

O Sol — São Vicente. A parada. Um chapeusinho que ficou.

Rodar... deslumbramento pela natureza. Tudo verde. Esperança na vida.

Não é por ventura tudo um rodar eterno para alcançar a Felicidade? E não é a Esperança que nos dá Felicidade?

Sigamos pelo caminho aberto pelo homem, indicado por Deus.

Outra parada... E... rodar...

Rondonopolis. — A primeira vista não é bôa.

O matogrossense reage. Depois, as aparencias melhoram. O posto da CER com o chefe — um cavalheiro. Aí fazemos a primeira refeição de sal.

O irmão da *Cainda* que nos faz a gentileza de telegrafar para Cuiabá, convida para irmos ao restaurante. Enfim temos a impressão de que vimos alguém. Bugres. Indios, segundo disseram prevendo a chegada de um funcionario do Serviço, aparecem na cidade.

A travessia do rio. — Coisa triste. A balsa simplesmente mediocre ou má. Pequena. O nosso caminhão é quasi mais comprido que ela. A ponte está em inicio mais abaixo, a 1 km. Isso consóla. Outros passarão melhor.

Largamos o dia todo na ânsia de atingir o máximo, no primeiro arranco, porque depois viria o cansaço e a turma podia exigir paradas longas. Puxada bôa. Alegre. Cheia de beleza é a estrada. Serras da Giboia... da Saudade. É linda! Aí vimos o tal *rêgo dagua*. Encheu-nos a vista. Era a maior novidade. Um monjolo a funcionar preguiçosamente sob a fôrça daquela agua cristalina que vinha cantando sob as pimenteiras carregadinhas dos seus lados. Demora gostosa. Um cafésinho torrado e *socado* na hora: o aparelho era um tronco com uma cavidade no centro, colocado no chão batido do rancho e um longo pedaço de páu roliço a esmagar as frutinhas torradas na hora pela cabocla que pelo sotaque devia ser baiana. Era cêdo e o motorista findo o serviço convidou-nos a «mandar» para a pousada.

* * *

Foi o primeiro crepúsculo que me apertou o coração. Era frio. A estrada imensa. O sol a se deitar vermelho, triste, para a sua noite e eu, e nós sempre rodando a procura de outras terras.

* * *

A pousada foi mais alegre. «Entroncamento» chamava-se o lugar. Gente simples, bôa. Ótimo jantar. Sopa fumegante, arroz, carne frita, alface, pasteis. Leite. Um ranchão limpo, asseiado, com camas forradas de branco. Lamparinas. Dormida bôa. 5 da madrugada levantamos as malas e rodar... sempre rodar. Estrada ótima de M. Grosso. Nem um valinho. A turma firme a conservar, construir.

Bonito. O nome foi acertado: de longe avista-se o casario alegre enfeitando um plano meio inclinado como a saudar o viajante. A entrada está gasta. Má estrada. Mas pouca distancia. Garotos vendem coisas em cestos. Pães. Compramos para conhecer o sabor. Ficou longe do comum. «Bonito» é mesmo um bonito lugar.

Alto Araguaia. Uma avenida. Terminando a Missa. Gente bem vestida e alegre pelas ruas. O Correio. Pedimos para comprar laranjas. O preço surprende, 2 cruzeiros. Duas duzias. Que coisa! É a distancia. Na capital, 2 cruzeiros duas laranjas. — São ótimas. Não ácidas. Fico satisfeita por-

que minha Glória que até aí nada quisera de alimento resolve tomar caldo de laranja. Deliciosos goles feitos pela mamãesinha com o caminhão rodando sempre.

A ponte de concreto, magestosa, a ser entregue à travessia pendendo de aterros. Passamos depois de uma pronunciada descida, pela antiga, de madeira. Ponte boa. Não range com o peso da carga.

O Araguaia correntoso e marulhento disse-me alguma cousa que eu escutei com o coração e guardei para sempre.

* * *

Cidadesinha de Goiaz. Um correjo poético onde paramos um pouco. Dai a estrada é má. Dois vergões com galhos rentes ao caminhão. Estradinha de carro de boi na roça. — Babilônia — uma fazenda onde nos foi servido almoço. Banho de chuveiro original — A agua corre em troncos cavados, de burity, pequena represa com lata furada. — Que delicioso depois de 1/2 dia de viagem na poeira.

Serra da Urtiga. — Serra de abrolhos, pedras soltas, empinadissima, árida. A subida é dessas que não se esquece e nem se tem vontade de voltar nesse lugar. Tudo sêco, triste. Furnas de onças e um rancho solitario. O roncar do caminhão às 2 horas da tarde é a vida daquela serra carancuda.

* * *

Mineiros — É vermelha. Parece que as casas são garotas que se besuntaram para o carnaval com uma tonelada de rouge. Rodamos ainda pela estrada da roça.

Jataí. Melhorzinha. Vermelhinha. O almoço bom. Hotel asseiado, claro. E continuamos a rodar.

Rio Verde. Paramos num posto de Gasolina. (21 de Abril de 1952). Pela rua que passamos achei tudo feio e triste. Casas no alto com 4 janelas, com a porta do lado, nua, sem calçada, sem flôr, sem vida. Talvez seja o arrabalde. O centro estava bonitinho.

* * *

A cidade bonita de Itubiara. Posto. Vai se entrar no Estado de M. Gerais. Que linda a ponte! Afonso Pena é o seu nome. Uma chapa lembra o gesto do antigo presidente dotando aquela gente daquela preciosidade que não está conservada.

O rio Paranaíba lá em baixo, enorme, barrento, é uma ameaça, porque para pesar do brasileiro se lê antes da ponte: — Perigo! Maximo 8 toneladas e 1 de cada vez. — É toda de ferro e parece que as bases nas margens estão fraquejando.

A ponte é goiana ou mineira? Não importa: é brasileira, o rio é bem brasileiro e o Brasil tem um presidente no mesmo lugar de Afonso Pena, apenas com pena de olhar para certas necessidades do País.

* * *

Itumbiara. Mineira. Um bom Hotel loguinho junto á ponte. Bomzinho. Um saboroso doce de leite que compramos quantidade. Gosado o preparo da galinha. Não arrisquei a provar. Era amarela açafão. — Passei por ela. E, sem magua deixamos mesmo a ponte, o povo, e Goiaz com a mais bonita moça do Brasil ali nesse pedacito de terra.

As fazendas são um encanto mas uma cousa eu quis saber. Bem no pico de um morro, uma casinha, ou uma sala, com uma cruz. E soube a história. Uma garota apaixonada e atirou-se de lá pela escarpa horrível depois de ingerir veneno porque a familia negara a consentir no seu casamento e, o pai mandara então construir a Igreginha naquele lugar incrível.

Outras historias... Muitas. Mas a mais bela história é a muda que a gente lê escuta e compreende com a alma, com todos os sentidos e sentimentos: é a natureza em si, no seu esplendor, na sua magestade infinita.

Cidadesinhas. Povoados.

Bom Jesus — Uma parada na farmacia Santa Rita.

Monte Alegre — Passamos por aqui desviando de Uberlandia. Atalho para rumar para Rio Preto. Uma parada maravilhosa à margem do rio.

Prata. Ótima cidade. Hotel muito bom. Às 7 da manhã rumamos pelas estradas de 1.^a que cortam êsse Brasil imenso. Um posto. Um curral e um gostoso copo de leite puro. Que fresca deliciosa! Que ar! Um encanto. O verdadeiro tapete mágico!

Rio Tijuco. Contraste do nome. Rodar... rodar mais ainda. *Agua bôa*, fica do lado. E surge o Rio Grande com a sua magestosa ponte de (da rodovia) cimento armado separando Minas de São Paulo, e a margem dêle o grande hotel alegre, com musicas, versos, trepadeiras, cervejas, sombras de papoulas... peixes e um preço forte. Rodar... rodar...

Rio Turvo, ponte antiga de madeira.

Nova Granada... Rio Preto...

CONFITEOR

Ide Schlönbach Blumenschein
(COLOMBINA)

O meu primeiro amor não és; nem o segundo.
(Quem sabe quantas mãos, brutais como o destino,
com carícias vencendo o meu temor profundo,
sentiram do meu ser o palpitar divino?)

Quantas vezes terei resvalado até o fundo
desse abismo que atraí como a voz dum violino?
Escafandristra louca à procura de um mundo
de encanto... e só encontrei o instinto libertino?

Não és o meu primeiro amor. Serás apenas
uma linda ilusão a mais entre as centenas,
que fazem da mulher a eterna desgraçada.

No entanto, quando estou pensando em ti, parece
que as minhas pobres mãos se juntam numa prece
e que minh' alma resa, ingênua, imaculada!

(Do livro «Sândalo»).

DOS «VERSOS DE MUITO AMOR»

Sudra Vana (*)

Este amor que viveu sem ter vivido,
refulgente meteoro, cujos rastros
semearam luz num céu enegrecido,
eclipsando o fulgor de todos astros,

é a poesia divina de loucura
que, indo além da virtude e do pecado,
jamais da terra toca a fimbria escura,
vive distante como um fogo alado!

* * *

São teus os versos que compuz cantando,
compuz chorando para me acalmar...
Mas nem sei como as letras fui tragando
nem como em rimas pude me expressar.

Mas sei que, como te amo, frase alguma,
nem estes versos podem revelar:
pois são, de todo um mar, sómente a espuma
que à praia destas folhas veio dar...

* * *

Ó, não me queiras nunca por piedade,
pois eu não saberia agradecer...
Se não podes amar-me de verdade,
dá-me, ao menos, a glória de sofrer!

(*) SUDRA VANA é o pseudônimo de uma escritora já desaparecida, filha da que subscreve o soneto anterior — ambas, mãe e filha, ligadas pelos laços do sangue e do espírito, e grandes poetisas, pela inspiração vibrante e forma impecável dos seus versos.

E se estas coisas digo, enlouquecida,
flagelando o orgulhoso coração,
é que este amor é toda a minha vida,
sem nenhum marco de limitação!...

* * *

Sei que me trazes, de alma descuidada,
o sùmo doce, o vinho proibido,
nessa taça vermelha e aveludada
que faz pensar num coração partido...

Dá-me a beber... Qu' importa se os resábios
são vinganças de deuses iludidos?
Dá-me o hidromel que trazes nos teus lábios
para a embriaguez total dos meus sentidos!

O POEMA DO BEIJO

Minerva Ferreira

BEIJA-ME!

Faze que eu dissimule
O quanto me é triste a vida!
Eu vivo a dedilhar eternas melodias,
Qual violino dolente,
De alma langue e dorida!

BEIJA-ME!

Pois tú és o maior motivo
Dos meus versos,
A sublime inspiração
Das minhas poesias!

BEIJA-ME!

Dá-me um beijo que tenha
A doçura do mel.
Um beijo terno, breve,
Sentimental,
E apaixonado...
Um beijo ardente, sensual,
Voluptuoso...
Um beijo
Como beijo de início de romance...

BEIJA-ME!

Deixa-me sentir,
Em sensações vibrantes,
Que a vida me sorri
No delírio fugaz
De emoções incessantes!

BEIJA-ME!
Como se fôsse
Um meteoro vago, indefinido...
Que enchesse
De esplendores,
A tua imaginação
E os teus sentidos!...

BEIJA-ME!
Beija-me... mais... assim...
«Minha ternura».
Estou a murmurar-te sempre,
«Minha canção querida,»
Nessa linguagem muda...
Inexprimida...
És minha música, imortal...
Sem fim...
Essa canção por mim,
Quantas vezes relida!...

BEIJA-ME!
«Ventura minha», beija-me!
Deixa-me nos olhos teus
Meus olhos repousar,
E a vertigem do meu ingênuo sonho
Mergulhar!

Pôrto Velho, 18 de Agosto de 1951.

RESSURREIÇÃO

Vivaldina Queiroz Martins

Depois de morto, pregado na cruz,
Jesus ressuscitou, viva Jesus !
Já não repousa numa campa fria,
O Nazareno — filho de Maria...
Quando, as santas mulheres, voltam ao horto,
Trazendo aromas para ungir o morto,
Acham o santo sepulcro já violado,
Guardado por um anjo imaculado.
— Que fizeram do Cristo Redentor,
Imolado na cruz por nosso amor?
Pergunta, em pranto, a Virgem Dolorosa
Que o sofrimento torna mais formosa.
— Se buscais o Senhor Crucificado,
Ide e exultai pois foi ressuscitado...
Replica o anjo, numa voz suave,
— Mixto de prece e de gorgueio de ave.
— Aos apóstolos, levemos o ocorrido,
Diz Maria Cleofas, num gemido.

.....
E trânsidas de emoção as três Marias,
Desfilam seu rosário de agonias...
Ao deixar o Calvário, Madalena,
Enxuga as faces brancas, de açucena,
No ouro das madeixas — que é o seu véu;
E, em êxtasis, pára e exclama, delirante:
Hei-de vêr Jesus Cristo triunfante,
Esplendente de luz, subir ao céu!...

Rio — Páscoa.

IPÁGINAS DOS NOVOS

ODE À VIVÊNCIA DE UM SONHO

Manoel A. Duarte Gralheiro

Amo-te, Inconquistável!
Meu salmo te celebra
instante perpetuado
na saudade da posse irrealizada.

Amo-te Vega, cativa da distância,
mar sem fundo, céu sem teto, impossível,
tempestade de neve, vibração sem nível,
informe, impalpável.
Amo-te, Inconquistável!

Quero-te horizonte,
onda que azula meu cabelo
e escorre de meus dedos.
Sonho que uma desilusão apascentou
e, na viuvez irremissível de uma sombra de reta,
se fez eterno.

Por que selar-te a boca de açucena?
O beijo que te não dou é inigualável
e o olhar que te não despe é uma estrêla.
E o teu perfume, Inconquistável!
O aroma de nardo-vivo
ancorado em mim como a lembrança amiga
de uma lágrima de sombra em meio da jornada.

Desejo-te, Inconquistável!
Cego menino que não viu a luz,
sorriu para as coisas no riso triunfal
de uma lagoa adormecida ao sol.

Amo-te assim, Inconquistável!
As conseqüências da posse apavoram
como rumos súbitos na noite próxima
e o sonho que não ousei sonhar.
Quero-te mas não te quero, Inconquistável!
O enfado da posse é acérrimo,
a emoção sordia insuportável.

Por que selar-te a boca de açucena?
— O beijo que te não dou é inigualável!

SEGUNDA HISTÓRIA DE UNS CABÊLOS...

Newton Alfredo

A luz acêsa... O quarto... O espelho amigo...
E uma doce ternura a surpreendê-los;
— a boneca, a sorrir, já os contempla,
e começa a compôr os seus cabelos!

Celestiais aromas se desprendem,
e um pente de marfim vem rescendê-los!...
— Silêncio!... Pela casa ninguém fale,
pois Stella distraí de seus desvêlos!...

Mais uma vez... Mais outra... E, pelos ombros,
vão deslizando flácidos novêlos...
E, deslumbrado, esqueço-me que um dia,
eu a vi desbastando os seus cabelos!...